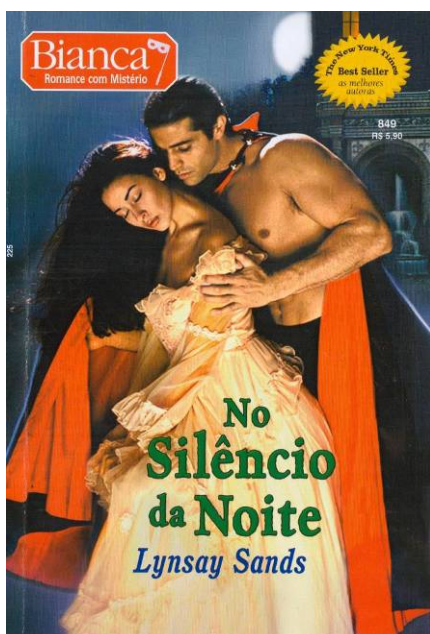




Copyright © 1999 by Lynsay Sands

Originalmente publicado em 1999 pela Kensington Publishing Corp.

TÍTULO ORIGINAL: Highland Promise

© 2007 Editora Nova Cultural Ltda.

Resumo:

Escócia, Século XV

Dois homens, unidos por laços de sangue e por uma maldição que assombra seu clã, estão condenados a uma vida sombria e submetidos a desejos estranhos e incontroláveis. Somente o casamento com mulheres que não compartilham a natureza desses desejos poderá libertá-los e dar nova vida ao clã. Mulheres dispostas a enfrentar perigos e intrigas, com a força de seu amor..

Com sua personalidade cativante, Eva Caxton é a mulher ideal para libertar Connall MacAdie da maldição. Para Eva também, o casamento é o único meio de escapar de uma situação dramática, e ela sobe ao altar com aquele homem desconhecido, sem imaginar a paixão que ele irá lhe despertar e a batalha que ela terá de enfrentar para salvar o marido e o amor que os une!

Autor:

Lynsay Sands sempre diz que os livros proporcionam sonhos e aventuras que raramente encontramos na vida real. Ela se considera feliz por poder escrever suas próprias histórias, nas quais tem liberdade para decidir o destino dos personagens e



transmitir mensagens positivas aos leitores, ao mesmo tempo em que oferece momentos de lazer, alegria e emoção!

No Silêncio da Noite

Lynsay Sands

Capítulo I

- Não tenha medo... - Eva se inclinou para afagar o pescoço de Millie, a égua que a transportava. Os rumores sobre os MacAdie e os MacNach são uma grande e rematada tolice! Que grande estupidez acreditar que eles tenham sede de sangue...

Eva se endireitou na garupa e fitou os cavaleiros que a acompanhavam: dois à frente, dois atrás e um de cada lado. Seis escoceses taciturnos e rudes. Desde que partiram do castelo Caxton, na Inglaterra, nenhum deles dirigira a palavra a Eva, exceto para dar ordens ou instruções. Não que houvesse oportunidades para conversas, pois viajavam havia dois dias sem parar, subindo e descendo montanhas e atravessando trilhas pelas florestas.

No princípio Eva suportara bem a viagem, mas, ao final do primeiro dia, o cansaço a atingiu: mais de uma vez Ewan, um dos cavaleiros, foi obrigado a se aproximar e chamar-lhe a atenção, para que ela não adormecesse e caísse da sela. Em certa ocasião, Ewan os fez parar e sacudiu Eva até que ela acordasse, deixando-a terrivelmente embaraçada; mas retomaram o galope assim que Eva despertou. Não era fácil adormecer num cavalo trotando, mas às vezes o sono se tornava tão forte que era impossível impedir que os olhos se fechassem e o corpo tombasse para frente. Ela sonhava com o momento do descanso, apesar de saber que só ocorreria ao atingirem MacAdie, o destino final.

Eva estava exausta, e isso minava sua capacidade de se manter otimista e ter uma visão positiva sobre o futuro que a aguardava. Se seu cansaço não fosse tão grande, talvez tudo lhe parecesse uma grande aventura; entretanto, o que mais sentia era solidão e temor. Afinal, deixava para trás o castelo Caxton, o mundo que conhecia, e partia rumo a uma vida em meio a estranhos, numa terra distante, levando apenas a roupa do corpo e o conteúdo da trouxa amarrada à sela: um pequenino retrato pintado do rosto da mãe, a faquinha que pertencera ao pai, um vestido já velho e dois ou três artigos mais. Isso era tudo que possuía no mundo.

Eva estava acostumada a não ter posses, e não se importava com isso, mas doía não poder contar com a companhia de Mavis naquela viagem. A jovem ajudante de cozinha, em Caxton, transformava-se em sua dama de companhia, quando necessário, e era a única amiga que ela tinha. Eva se sentia mais próxima de Mavis do que de Jonathan, seu próprio irmão. Mavis era a única pessoa de quem sentiria falta. Jonathan, contudo,

se recusara a abrir mão da criada, e de qualquer maneira não era de esperar que os cavaleiros escoceses concordassem em levar outra mulher como carga durante a viagem.

Eva sorriu ao pensar em si mesma como um fardo que os cavaleiros transportavam. Afinal, seu irmão, Jonathan, sempre deixara claro que ela não passava de um peso morto, uma criatura indesejável, da qual ele tinha de tomar conta desde a morte dos pais, quando ela completou nove anos. Eva tentava ao máximo não incomodá-lo, e ajudava no trabalho a ponto de fazer serviços que cabiam aos criados; mas isso não bastava para Jonathan: ele nunca perdia uma oportunidade de humilhá-la, declarando que ela não valia a pouca comida que ingeria. Seu esforço para ajudar na manutenção da propriedade e comer o mínimo possível jamais fora suficiente para Jonathan tratá-la com consideração.

Na verdade, a simples presença dela o irritava. Ele tentou conseguir-lhe casamento, mas não teve sucesso; então, tomou a decisão de interná-la como freira num convento, em vez de permitir que ela vivesse na casa onde nascera e crescera. Porém, os cavaleiros chegaram, e junto com eles a oferta de matrimônio, um dia antes de Eva ser mandada para o convento. Ela cultivava suas ervas medicinais quando Mavis chegou subitamente, anunciando a nova surpresa que o destino lhe preparara:

- Eva, minha senhora, nem imagina o que aconteceu! Neste exato momento, Jonathan está... negociando seu casamento! Um lorde deseja casar-se com a senhora, e enviou seis escoceses para cuidar do assunto! O mais estranho é que pretendem realizar a cerimônia agora mesmo, sem a presença desse lorde!

A princípio, Eva pensou que Mavis se enganara a respeito do teor da conversa entre Jonathan e os cavaleiros, pois seu irmão há tempos espalhara a notícia de que não ofereceria um dote a quem a desposasse. Entretanto, o que se tomou claro logo depois é que não decidiam quanto Jonathan pagaria para se livrar dela, mas sim quanto receberia dos escoceses para consentir que a irmã casasse com o lorde que os enviara. Bem, não decepcionarei meu valoroso irmão! Vejamos o que o destino me reserva! pensou ela, com o orgulho ferido.

Eva ainda procurava se recuperar do choque da notícia trazida pela criada e única amiga, quando a moça informou com desgosto que o lorde escocês era do clã MacAdie.

- Oh, senhora, é horrível que tenha de casar com um daqueles monstros! - A jovem se esforçou para não chorar.

Eva jamais prestara atenção a mexericos e boatos, porém ouvira comentários de que os MacAdie eram vampiros sem alma que se alimentavam do sangue de seres humanos. Ela ainda tentou consolar Mavis, explicando-lhe que tudo não passava de tolice.

- Querida, os cavaleiros chegaram a Caxton em plena luz do dia; e de acordo com os rumores, os vampiros não suportam o sol, e morrem queimados quando se expõem a ele.

- Mas nem todos os MacAdie são vampiros - insistiu Mavis. - Um ancestral da família casou-se com uma mulher mortal, e os filhos que geraram passaram a ter sangue

misto: metade vampiro, metade humano. Por isso há entre os MacAdie pessoas capazes de realizar tarefas que os seres sem alma não conseguem executar. Os seis cavaleiros escoceses suportam a luz do sol, e por esse motivo o senhor do clã dos morto-vivos os enviou para negociar o casamento em seu nome.

Eva não se deixara convencer por tal argumento, mas mesmo assim não podia negar que Mavis lhe plantara uma semente de dúvida no espírito.

- Ewan, ela está falando sozinha novamente.

Ewan suspirou ao ouvir o comentário de Domhall. Os outros cavaleiros já haviam notado o estranho comportamento da moça, que começara a conversar sozinha desde a partida de Caxton. Já se dizia entre eles que a dama que se tornara esposa de seu lorde era louca.

- Nosso senhor não vai gostar de saber que casou com uma mulher louca...

- Concordo, Domhall, ele não vai gostar nada! - Keddy, que até então cavalgava ao lado esquerdo de Eva, agora se aproximava dos dois cavaleiros que vinham atrás para tomar parte na conversa. - E vai nos culpar por isso.

- Não! - protestou Donaidh, deixando de cavalgar ao lado direito de Eva e integrando-se à conversa. - Ele não vai nos culpar por ela ser louca.

- Nosso lorde vai pensar que a enlouquecemos contando histórias a respeito do que a espera.

- Lorde MacAdie sabe que jamais faríamos isso - interferiu Ewan. - Além do mais, a consorte de nosso senhor não é louca.

- Não acha que falar sozinha sem parar é sinal de loucura, Ewan? - insistiu Domhall.

- Seria um sinal de loucura se fosse escocesa. Mas ela é inglesa, e os ingleses são diferentes. Creio que está tentando acalmar o cavalo.

- Acalmar o cavalo o tempo todo? - Domhall expressou tamanha surpresa que Ewan quase chegou a rir.

Entretanto, Ewan sabia que o assunto era sério demais para provocar risos. Seu argumento não fora convincente nem para ele próprio; mas algo tinha de ser dito, pois não era bom que os cavaleiros chegassem a MacAdie acreditando que a nova senhora do castelo era louca, e espalhassem tal rumor. Na posição de primeiro cavaleiro do senhor do clã, era seu dever proteger os interesses do lorde e da mulher que se tomara sua esposa. Infelizmente, Ewan percebera que seria muito difícil fazê-los mudar de opinião. Não havia outra saída: teria de dirigir-se a Eva, abordar o assunto e arcar com as consequências. Se ela não fosse louca, tudo estaria bem; mas se suas faculdades mentais deixassem a desejar, então lorde MacAdie tinha um problema pela frente. No momento, era melhor tentar fazê-la parar de falar sozinha para não alimentar as suspeitas dos cavaleiros.

Apressando o galope, Ewan se adiantou e ficou ao lado de Eva. Ela o fitou surpresa, e depois sorriu com amabilidade. Seria melhor se não sorrisse, pensou Ewan, sabendo que nenhuma mulher em sã consciência teria vontade de sorrir após passar dois dias numa sela. Tal sorriso seria interpretado como outro sinal de loucura. Decidido a

desencorajá-la a ser amável, Ewan a fitou com seriedade, enquanto dava tratos à bola para descobrir uma maneira de abordar o assunto sem a ofender.

- A senhora é louca?

- Como? - Eva arregalou os olhos.

- Fala sozinha o tempo todo. Por isso pergunto se é louca.

Estupefata, Eva fitou o homem, que não aparentava mais de quarenta anos. Custava a acreditar que ele tivesse coragem de lhe fazer tal pergunta, e de maneira tão bruta.

- Não falava sozinha - respondeu ela finalmente.

- Não?

- Estava falando com Millie. - Eva notou que os cavaleiros que vinham atrás se aproximavam para ouvir a conversa, e os que galopavam à frente diminuía a marcha para escutar o que diziam.

- Millie? - perguntou Ewan sem compreender o que Eva queria dizer, e olhando em volta como se procurasse outra mulher por perto.

- Minha égua - explicou Eva, paciente.

- Ah! - Ewan relaxou, e um ligeiro sorriso de triunfo desenhou-se em seus lábios. Os demais cavaleiros, contudo, não pareceram se impressionar com a explicação.

- E esperava que o cavalo respondesse? - indagou um deles, franzindo a sobrancelha.

- Keddy, isso não é coisa que se diga - repreendeu Ewan.

Eva sorriu para o cavaleiro de cabelos ruivos e rosto cheio de sardas.

- Não seja tolo. Cavalos não falam - ela argumentou.

- Mas quem disse que não são capazes de ouvir?

Ewan sorriu, e os outros menearam a cabeça em concordância.

- Ela tem razão - comentou o cavaleiro que galopava à direita.

Eva se virou com um sorriso de agradecimento para o homem que a apoiava, e tentou se lembrar de seu nome. Ewan parecia tê-lo chamado de Donaidh, mas ela não tinha certeza.

- Por que deseja falar com seu cavalo? - insistiu o cavaleiro à esquerda, e que Eva sabia chamar-se Domhall.

- Esta égua me pertence há muitos anos e só saiu de Caxton uma vez, quando viajamos para a corte. Eu a conheço e sei que está agitada por cavalgar por lugares estranhos. Por isso converso com ela: para acalmá-la e garantir que está tudo bem.

Essa explicação pareceu ter convencido os homens, que já se aprontavam para voltar à formação habitual de galope. Era bom que obtivessem a confirmação de que ela não era louca; pena que voltassem a ser os calados e taciturnos escoceses de sempre, pois ela adoraria conversar com algum ser vivo que não Millie.

Eva apreciava conversar. Em Caxton sempre havia alguém com quem falar: Mavis e os

outros criados do castelo, o ferreiro, o padre, o rapaz que tomava conta do estábulo, ou mesmo as crianças. Todos a tratavam bem, e jamais recusavam conversar quando Eva os procurava ou encontrava por acaso. Ela não estava acostumada a longos períodos de silêncio, e a viagem já começava a incomodá-la. Sentia-se irritada, sobretudo com quem a colocara em tal situação e a obrigara a viajar: seu marido, Connal MacAdie.

Eva murmurou o nome do esposo em tom desanimado, e soltou um profundo suspiro. Em vez de ter ido buscá-la pessoalmente, lorde MacAdie enviara seus homens para trazê-la, como se ela fosse uma vaca ou uma ovelha. Isso indicava que sua vida no castelo MacAdie não seria muito diferente da vida em Caxton, onde o irmão não lhe dava o menor valor. Quando soube que o senhor MacAdie havia pago para casar, e que o matrimônio seria realizado antes de partirem e sem a presença do noivo, ela alimentou esperanças de que Connal MacAdie a fosse considerar algo mais do que um objeto inexpressivo; mas as circunstâncias já demonstravam que não seria assim.

- Senhora? - chamou Keddy.

- Sim? - Eva virou-se distraída para o cavaleiro ruivo e sardento.

- Por que conversa com sua égua a respeito de nosso lorde?

- Eu fiz isso? - perguntou Eva, embaraçada por ter proferido pensamentos em voz alta.

- Fez. Não é mesmo, Donaidh?

- Sim - confirmou o cavaleiro de ombros largos e compridos cabelos escuros, aproximando-se também de Eva. - E não parecia nada satisfeita. Por acaso não está contente em ser a esposa de lorde MacAdie?

Eva ainda considerou mentir para não ofender os cavaleiros, mas mentir não fazia parte de sua natureza.

- Eu preferiria que lorde MacAdie viesse me buscar pessoalmente, em vez de mandá-los coletar-me como se eu fosse uma vaca comprada para aumentar o rebanho.

- Ah! - Ewan trouxe seu cavalo para mais perto, a fim de tomar parte na conversa. Os outros cavaleiros também haviam emparelhado ao lado de Eva, mas apenas Ewan falou. -A senhora é inglesa, por isso não compreende. Lorde Connal jamais enviaria seis cavaleiros para buscar uma vaca. Enviaria somente *um* homem, e não seria nenhum de nós.

Os demais homens concordaram, meneando a cabeça de modo solene.

- Então deveria me sentir honrada por lorde MacAdie havê-los enviado para me buscar em vez de fazê-lo ele próprio, em pessoa? - Eva inquiriu com rispidez.

- Sem dúvida - assegurou Ewan, sério e compenetrado.

- Naturalmente - confirmou Keddy. - Afinal, nosso lorde não poderia ter vindo, e por isso nos enviou. *Seis* cavaleiros! Vê como é importante? Até mesmo Ewan foi enviado.

- Ewan é o primeiro cavaleiro de lorde MacAdie – informou Domhall, dando a entender que ela devia se sentir satisfeita com a escolta encarregada de negociar o casamento e de trazê-la.

- Por que lorde MacAdie não podia ter vindo a meu encontro? - Eva ainda não se

convencera.

- É difícil explicar... - Ewan mostrou-se hesitante.

- Por causa de sua condição - disse Keddy, tentando ajudar o companheiro.

- Condição? - perguntou Eva, entre curiosa e preocupada.

- Sim. - O embaraço de Ewan era visível.

- Que querem dizer com isso? O que há de errado com lorde MacAdie?

- Não há nada de errado com nosso lorde - garantiu Keddy. - Mas a senhora terá de lhe perguntar, e ele próprio explicará.

Apesar de insatisfeita com a resposta, Eva resolveu não insistir, pois nenhum dos cavaleiros daria maiores explicações. Na verdade, eles já retornavam ao silêncio habitual e se viravam para frente, desencorajando qualquer diálogo. Eva, contudo, detestava a idéia de retomar o silêncio que a incomodava e tomava a viagem triste e mais cansativa. Ela gostaria de conhecê-los melhor, saber quem eram e como viviam. Afinal, adentrava em um país que não era o seu, e estaria rodeada de estranhos na nova moradia.

Eva costumava sonhar que um dia se casaria e seu marido moraria em Caxton, para que ela não necessitasse abandonar o lugar e as pessoas que conhecia desde a infância. Tal sonho, contudo, já não existia, pois ela desposara um lorde escocês e ia se juntar a ele na Escócia. Eva jamais imaginara que a solidão era o que o futuro lhe reservava.

- Está um lindo dia, não acham?

Entretanto, nenhum deles respondeu; somente se entreolharam, espantados. Então Eva percebeu que dissera uma grande tolice, pois o dia estava cinza e não tinha nada de bonito. Seu comentário fora estúpido, mas, afinal, ela só tentava puxar assunto.

- Um dia lindo? - disse Ewan por fim, para constatar se ela sabia o que dizia.

- Bem, não está chovendo - Eva retrucou em tom defensivo, temendo que mais uma vez a considerassem louca.

- É verdade - concedeu Donaidh, erguendo os olhos para fitar o céu nublado.

Pelo visto não adianta continuar a falar sobre o tempo, pensou Eva. Mas sobre o que conversariam? Tratar de política estava fora de cogitação, pois eles eram escoceses, e ela, inglesa; e se agora desfrutavam de um período de paz, os dois povos haviam sido inimigos durante séculos. Inesperadamente, foi Ewan quem tomou a iniciativa de seguir com a conversa:

- Não estamos muito longe de MacAdie.

Eva sentiu um repentino incômodo ao tomar consciência de que em breve encontraria seu marido pela primeira vez. Finalmente conheceria o homem que a desposara a distância!

- Meu marido estará nos esperando ao chegarmos?

- Apenas se chegarmos depois de escurecer; caso contrário estará ocupado - informou

Ewan após uma breve hesitação. - Nosso lorde não sabia quanto tempo levaríamos para negociar o casamento. Ele nem mesmo sabia se a proposta seria aceita.

- Compreendo. - Eva pensou que seria melhor se chegassem antes de escurecer, pois ao menos teria tempo de se arrumar um pouco antes de enfim encontrar Connal MacAdie.

Capítulo II

Eva sentiu um aperto no estômago ao fitar o castelo no vale abaixo, espremido entre montanhas e mergulhado em sombras. O obscuro local chegava a deprimir, e a fez lembrar de Caxton, onde vivera até então: um lugar alegre e cheio de luz. De alguma forma, o castelo lá embaixo e as casinhas e vielas que o cercavam explicavam a personalidade dos homens que a acompanhavam: *como podiam ser falantes e simpáticos vivendo num lugar assim?*

- O sol está se pondo.

Eva fitou os cavaleiros ao seu redor, e a expressão que exibiam confirmava o tom preocupado no comentário de Donaidh.

- Mantenham-se próximos - instruiu Ewan, e imediatamente os cavaleiros fecharam o cerco em torno de Eva, a ponto de agitar Millie, sua égua.

- Está tudo bem - sussurrou Eva, inclinando-se para afagar o pescoço do animal.

A distância não era grande, mas a descida pela estrada íngreme pareceu durar uma eternidade. A tensão e preocupação dos homens contagiavam, e agora também ela se sentia nervosa e agitada. Altos e fortes, e montados em cavalos maiores que Millie, os cavaleiros bloqueavam a visão de Eva, que nada podia ver ao redor. Após algum tempo, a estrada se tornou plana, e pouco depois eles cruzavam um arco de pedra, indicando que adentravam a propriedade murada.

O movimento e a agitação explodiram de repente, no momento em que eles ultrapassaram os portões do castelo. Eva ainda mal conseguia ver o que se passava, mas o barulho demonstrava que as vielas ao redor do castelo estavam movimentadas como as pequeninas ruas de Caxton ao meio-dia.

Distraída pelos ruídos, Eva tardou um instante até notar que os cavaleiros relaxavam e a tensão desanuviava. Finalmente eles se distanciaram um pouco, e ela pôde ver por onde caminhavam, embora continuasse presa no círculo que formavam. Em breve eles adentraram uma praça onde havia tanta gente perambulando que parecia o início do dia, e não da noite, quando todos se recolhem para comer e descansar. Uma profusão de tochas penduradas nas paredes das casinhas iluminava de modo generoso o local, e Eva pensou que aquilo seria considerado um desperdício em Caxton.

O feudo MacAdie parecia ser bem mais abastado do que Caxton. Devia ser um feudo rico, afinal aquele lorde a aceitara como esposa sem dote e ainda recompensara seu irmão pelo matrimônio. Jonathan já ficaria satisfeito em que a levassem embora, e não teria feito questão de uma recompensa financeira, mas o lorde certamente não sabia disso.

Será que o fato de ter pago para me obter-me, faria valer mais a seus olhos?

Eva teve os pensamentos interrompidos quando Ewan ordenou que parassem. Os cavaleiros começaram a desmontar, fazendo-a crer que enfim poderia observar os arredores de sua nova casa; mas Donaidh imediatamente se aproximou, ergueu-a da sela e a colocou no chão, tornando a impedir sua visão. *Até quando continuarão a proceder assim.* ela pensou, irritada.

- Ewan - chamou uma voz forte e grave.

Eva se virou para a direção de onde provinha o chamado, mas era impossível ver quem o proferira. O tom de autoridade, contudo, indicava que se tratava de lorde MacAdie dirigindo-se ao primeiro cavaleiro. Ela tentou dar um jeito nos cabelos e passou a mão sobre o vestido para alisar o amassado de tantas horas cavalgando, mas sem dúvida necessitaria muito mais que isso para se colocar em bom aspecto.

- Meu lorde - saudou Ewan em tom respeitoso.

- Tiveram algum problema? - Eva escutava a voz grave, porém ainda não conseguia enxergar a pessoa que falava.

- A viagem ocorreu sem incidentes, meu lorde. Cumprimos suas instruções para cavalgar também durante a noite, e o casamento foi aceito e realizado em Caxton, tal como era seu desejo.

- Excelente - disse a voz. - Magaidh? Ah, aí está você. Suponho que a recém-chegada esteja exausta. Pode recebê-la e prover-lhe o necessário?

- Não se preocupe, eu a levarei para o quarto e darei ordens para que receba tudo que precisar - assegurou uma voz feminina.

- Obrigado. Quanto a vocês, retrucou a voz de barítono, venham encontrar-me depois de levarem os cavalos para o estábulo.

Eva permaneceu parada, sem nada fazer nem dizer enquanto os cavaleiros tomavam as rédeas dos animais e partiam levando também sua égua Millie. Sem ação, ela se viu como uma criança abandonada no meio da rua; e ainda virou o rosto tentando ver se enxergava aquele que devia ser seu marido, mas em vão. Passado um instante, contudo, uma jovem mulher de cabelo escuro e muito bonita se aproximou sorrindo.

- Eva?

- Sim.

- Sou Magaidh. Eu a conduzirei para seu aposento. - A elegante e amável mulher tomou Eva pelo braço e a conduziu em direção à enorme porta de madeira do castelo.

- Meu marido foi embora? - perguntou Eva com timidez ainda maior ao entrarem.

- Connal tem ocupações a tratar agora. Além disso, ele sabe que você está exausta e preferiria tomar um banho quente, comer algo e deitar. O lorde virá cumprimentá-la amanhã.

Apesar da amabilidade da oferta, não se tratava de uma pergunta, mas sim de informá-la de que ela ia se banhar antes de jantar. Eva não tinha idéia de quem era Magaidh, mas o fino vestido que ela trajava e seu ar de autoridade demonstravam que era

alguém importante.

- Você é irmã de lorde MacAdie? - perguntou Eva enquanto atravessavam o salão do castelo em direção à grande escadaria que levava aos quartos e aposentos privados.

- Sou a mãe dele. - A mulher sorriu ao notar a surpresa e incredulidade estampadas no rosto de Eva.

- Meu Deus! Casei-me com um garoto! Você não tem idade para ser mãe de um menino de mais de dez anos.

- Connal é mais idoso que isso, acredite.

Eva ia responder, mas então lhe ocorreu que a mulher decerto era mãe adotiva de lorde MacAdie, pois não podia haver outra explicação. De qualquer maneira, a voz que ouvira lá fora não pertencia a um menino, e sim a um homem adulto e acostumado a dar ordens.

- Chegamos - avisou Magaidh, abrindo uma das portas do longo corredor que sucedeu à escadaria.

Eva não conteve a admiração ao entrar no aposento. Tratava-se de um quarto muito maior e mais rico que seu aposento em Caxton, e tapeçarias recobriam as paredes de pedra. O enorme leito estava preparado com peles finas e lençóis de linho, e uma grande lareira com o fogo aceso dominava uma das paredes. Havia também uma poltrona de couro, uma mesa com adornos entalhados na madeira, uma cômoda e grossas cortinas de veludo na janela.

- Que quarto adorável! - Eva não escondeu que não estava habituada a tal esplendor, digno de uma princesa.

Eva se aproximou do leito, e deslizava o dedo pelo travesseiro, que devia ser de penas de ganso, quando uma sucessão de criados começou a entrar. Dois rapazes traziam uma tina de madeira que foi depositada defronte à lareira, e duas criadas logo começaram a enchê-la com água quente. Uma terceira mulher trazia toalhas, que colocou sobre a mesa. Uma jovem se aproximou com pétalas de flores e óleos aromáticos e passou a despejá-los na água.

Num instante o banho estava preparado, e todos saíram, com exceção da jovem que trouxera as flores e que se mantinha ao lado da tina, agora cheia de água fumegante e perfumada.

- Glynis a ajudará com o banho - disse Magaidh ao alcançar a porta. - O jantar será trazido quando terminar.

- Obrigada - agradeceu Eva, com reconhecimento tão grande e genuíno que seria difícil expressar em palavras.

- Você é bem-vinda, criança. - Magaidh sorriu, gentil. - Este é seu lar agora.

Eva meneou a cabeça, encantada com a calorosa acolhida da simpática mulher, mas sem compreender como podia chamá-la de *criança* sendo ainda tão jovem. Neste momento Glynis, a criada que a ajudaria, se aproximou e a fitou também com amabilidade e simpatia. Glynis era ainda mais jovem que Magaidh, e apesar dos cabelos ruivos e das sardas no rosto, Eva imediatamente se lembrou de Mavis.

- Quer que a ajude a tirar o vestido? - ofereceu a moça.

Apesar de estranhar a oferta, Eva concordou com a cabeça. Ela não tinha o hábito de ser ajudada, e mesmo que Mavis por vezes se comportasse como ama, ela apenas lhe escovava os cabelos. Eva jamais tivera quem a ajudasse a vestir ou tirar a roupa, mas estava exausta no momento e a ajuda era bem-vinda.

- Sim, por favor. - E Eva ofereceu as costas para a jovem desamarrar os laços que fechavam seu vestido.

- Onde está ela? - perguntou Connal ao se aproximar da longa mesa que dominava o salão do castelo.

- Dormindo, naturalmente. - Magaidh MacAdie parou de comer e ergueu o olhar para o filho. - Tomou banho, comeu e adormeceu em seguida, vencida pela exaustão. Não podiam ter parado durante a noite para descansar? - Ela fitou Ewan, também sentado à mesa.

- Dei ordens para que não parassem - explicou Connal, juntando-se a eles enquanto um criado corria a servir-lhe vinho.

- E em consequência disso, a pobre jovem tem bolhas nas pernas por tantas horas sentada na sela - insistiu Magaidh em tom repreensivo.

- Melhor ter bolhas nas pernas que perder a vida - retrucou Connal. - Com os ataques que venho sofrendo, me pareceu melhor não correrem riscos parando para descansar.

Magaidh suspirou ao pensar que os rumores sobre os MacAdie e MacNach de fato haviam aumentado nos últimos tempos, e alguns atentados haviam sido cometidos. Connal fora atacado três vezes em poucas semanas, e por sorte escapara com vida; mas era impossível ter certeza de que os ataques estavam relacionados aos rumores.

- Ela reclamou por não pararem? - quis saber Connal, virando-se para Ewan.

- Jamais reclamou por cansaço ou por não pararmos - respondeu o cunhado e primeiro cavaleiro do lorde, com satisfação inusitada.

Desconfiado, Connal franziu a sobancelha. Se Ewan se mostrava tão satisfeito por ela não haver se queixado, provavelmente havia algo que ela fizera que não fora tão bom assim.

- Houve algum problema?

- Não foi de fato um *problema* - começou o cavaleiro com hesitação. - Mas criou-se certa tensão quando os homens acharam que ela era louca.

- Louca? - exclamou Magaidh chocada. - Ela é uma jovem adorável.

- Não pensei que fosse louca - assegurou Ewan -, mas ela conversava com o cavalo e os homens...

- Conversava com o cavalo? - interrompeu Connal.

- Parece que a égua não estava acostumada a sair de Caxton, e a dama tentou acalmá-la falando com ela. E o fazia o tempo todo. - Ewan refletiu que se houvesse algo de anormal com a mulher, então era melhor que o lorde soubesse o quanto antes.

Connal considerou a informação e resolveu que não tinha motivos para se preocupar, pois também ele afagava e conversava com seu cavalo para tranquilizá-lo quando necessário. Mais relaxado, ele afinal tomou um gole do vinho e lambeu os lábios com prazer ao depositar a taça de prata sobre a mesa. Agora ele podia saborear a bebida que tanto apreciava, mas uma hora atrás ainda precisava saciar uma sede de outro tipo, que nenhuma bebida poderia apaziguar. Apesar de lutar contra o instinto que produzia tal necessidade, era impossível controlar-se, e vez por outra aquela sede necessitava ser satisfeita antes que ele se sentasse à mesa para comer e beber.

-Devia tê-la cumprimentado - disse Magaidh, fitando o filho com ar de desaprovação. Connal desviou o olhar.

- Pensei que ela preferisse descansar antes de me encontrar.

- Dar-lhe boas-vindas tomaria apenas um instante, e ela poderia então seguir para o quarto.

Connal deu de ombros e tornou a beber vinho, mas se sentia embaraçado. Ele não planejava evitar encontrar a esposa; o que acontecera fora fruto de uma decisão repentina. Connal acabara de sair do quarto secreto e entrava no salão quando soube que os cavaleiros haviam chegado. Ele fora à porta do castelo com a intenção de cumprimentá-la, mas não a pôde ver, escondida como estava entre o círculo de cavaleiros altos e fortes e a pequena multidão que se aglutinara ao redor. No final, ele dispensara os cavaleiros e tornara a entrar sem saudá-la, sentindo até certo alívio por adiar o encontro com a esposa.

Embora não apreciasse a idéia de se casar com uma mulher mortal, Connal prometera ao primo Cathal que o faria, a fim de renovar o sangue da família. Cathal casara-se na primavera passada, mas Connal decidira esperar e se certificar de que o casamento do primo dava bons frutos antes de fazer o mesmo. Cathal agora vivia feliz com a esposa Bridget, e já haviam gerado dois herdeiros gêmeos, que garantiriam a continuidade do clã dos MacNach. Connal acreditava que poderia se considerar um homem feliz se tivesse a metade da sorte de Cathal. - Numa visita à corte, Connal conhecera Eva Caxton, irmã de Jonathan Caxton, notório avarento. Encontrara-a por acaso no jardim do castelo do rei; conversaram pouco, e ela lhe parecera simpática, sensível e modesta. Apesar disso, a idéia de casamento não lhe passara pela cabeça na ocasião. Quando Connal deixou a corte para viajar de volta a MacAdie, uma idéia lhe ocorreu: *Por que não enviar meus cavaleiros com uma oferta de casamento para a jovem Caxton?* Afinal, ele não fazia questão de dote e até poderia oferecer uma recompensa ao avarento Jonathan. Felizmente, tudo havia corrido bem. Sua proposta foi aceita, e o casamento foi realizado a distância. Connal agora tinha sua senhora MacAdie. Superada a questão do matrimônio, só faltava engravidá-la e gerar herdeiros de sangue misto para o clã; e o problema estaria resolvido.

- Você devia organizar uma cerimônia apropriada, agora que ela está aqui - sugeriu Magaidh de repente, despertando o filho dos pensamentos que o absorviam.

- Por quê? O casamento a distância é oficial, e vale tanto quanto um casamento presencial.

- Mas não é a mesma coisa! - Magaidh suspirou. - Você se sente casado?

Connal calou um instante e refletiu sobre a pergunta da mãe. Ele não se sentia diferente, sua vida permanecia a mesma, e seus hábitos não seriam alterados. A única transformação é que o castelo MacAdie ganhava mais uma residente, sua esposa, mas isso também não transformava a rotina da vida no feudo.

- Nada mudou, não é mesmo, Connal? - Magaidh adivinhara os pensamentos do filho.

Irritado, Connal fitou a mãe, sabendo que ela ia insistir na questão.

Organizar uma cerimônia de casamento me parece perda de tempo, mas como convencê-la disso?, pensou ele.

- Será melhor para vocês dois - disse Magaidh em tom apaziguador, intuindo a irritação de Connal. - Tenho certeza de que Eva Caxton também não se sente casada. Além do mais, uma cerimônia pública seria a chance de nossa gente conhecer a senhora do castelo e ver que você se casou.

Connal ia protestar, mas as últimas palavras de sua mãe lhe chamaram a atenção. De fato, não seria ruim que os criados e outros membros do clã testemunhassem sua união; e todos saberiam que Eva Caxton era sua esposa e que ele a protegeria, pois também ela corria o risco de sofrer ataques no futuro.

- Precisaremos de um padre - Connal avisou Ewan, demonstrando que aceitava a sugestão da mãe.

- Cuidarei disso imediatamente. - O primeiro cavaleiro se levantou.

- Envie alguém para fazê-lo - instruiu Connal. - E vá descansar depois. A viagem também foi cansativa para você.

- Sim, meu lorde - disse Ewan, antes de partir.

Capítulo III

Eva acordou de repente, num súbito abrir de olhos, com a imediata sensação de que não estava em Caxton. No instante seguinte, contudo, lembrou que se encontrava num aposento muito mais agradável que seu quarto na antiga moradia.

Sim, aquele era seu novo quarto agora. As tapeçarias nas paredes e as ricas cortinas faziam crer que se tratava do aposento do senhor do castelo, seu marido. Era estranho pensar que estivesse casada, pois ela não se sentia diferente interiormente. Sua vida, porém, mudara muito: ela vivia em outro castelo, rodeada de gente desconhecida. Mais que isso: passaria a compartilhar a vida e o leito. Ao lembrar-se desse fato, um pensamento a sobressaltou, e ela olhou para o outro lado da enorme cama.

Será que meu marido dormiu aqui e eu não notei por causa do cansaço? O travesseiro e as cobertas ao lado pareciam intocados, o que a aliviou, pois indicava que ela passara a noite sozinha. Ao mesmo tempo, era estranho que lorde MacAdie não tivesse dormido naquele que devia ser seu leito. *Aliás, ele nem me cumprimentou no dia anterior*, ela lembrou com pesar.

Hesitante, Eva afastou as cobertas e ergueu o tronco.

Que horas serão? De qualquer forma, era hora de levantar. Apesar de ser verão, o

quarto não estava quente agora que o fogo não ardia na lareira. A noite fora fria, mas a Escócia era mesmo um país frio. Quando se levantou, o contato com o chão de pedra gelou seus pés, e ela correu para o tapete, que felizmente chegava até a janela.

Entretanto, ao descerrar as cortinas e abrir o vidro, uma lufada de ar quente lhe acalentou a face. Era um dia de sol, e fazia mais calor fora do quarto do que dentro dele, devido à construção de grossas paredes de pedra.

Eva olhou para baixo e fitou a pequenina praça rodeada pelas casinhas e ruelas que formavam o feudo MacAdie. Havia gente atarefada com os trabalhos diários, e a manhã seguia avançada; mas o ambiente era mais calmo do que no dia anterior.

Hora de me vestir, descer para comer algo e finalmente encontrar meu marido, pensou Eva. Contudo, que vestido colocar? Não havia muito a escolher, pois ela possuía somente o vestido azul usado na viagem, e outro cinza, guardado na pequena trousse de bagagem. Seria necessário trajar o vestido cinza, pois o azul estava sujo e amassado. Entretanto, Eva não viu sinal da trousse que trouxera ao subir. Tentava lembrar onde a havia colocado quando ouviu baterem à porta; num impulso, correu e tornou a deitar.

- Pode entrar! - Eva puxou as cobertas até o pescoço.

A porta abriu devagar e Glynis, a jovem criada que a ajudara a banhar-se na noite anterior, espiou dentro do quarto.

- Já acordou - disse a moça de cabelos ruivos e rosto sardento, como o cavaleiro que escoltara Eva na viagem.. - A Sra. Magaidh me disse para lhe trazer isto. - A jovem entrou e lhe mostrou um vestido azul-claro.

- Oh! - exclamou Eva, surpresa quando a criada se aproximou com um lindo vestido de seda adornado com laços de tom azul mais escuro. - É lindo! - Eva levantou-se para tocar o tecido suave. - Tem certeza de que é para mim?

- Sim! - Glynis passou o vestido para Eva com enorme excitação, como se a roupa fosse destinada para ela mesma. - Ontem levei seus dois vestidos para lavá-los e prepará-los para seu uso, mas a Sra. Magaidh disse que não eram apropriados para a dama MacAdie. Então, ela escolheu esta roupa para a senhora usar hoje. Ela disse também que esse vestido agora é seu. Não é lindo?

- Sem dúvida! - Eva comoveu-se com a generosidade e a amabilidade de Magaidh. Era um dos vestidos mais lindos que ela já vira, e o mais lindo que já tivera.

- A Sra. Magaidh também disse que confeccionaremos uma coleção de roupas novas para a senhora, roupas que sejam dignas da esposa de lorde MacAdie.

- Uma coleção inteira para mim? - Eva mal conseguia acreditar. Afinal, nunca possuía mais de dois vestidos simultaneamente, que eram substituídos quando se tomavam púidos demais.

- Isso mesmo. Agora, se me permite, pentearei seu cabelo e a ajudarei a se vestir. - A jovem trouxe uma cadeira para Eva se sentar. - A Sra. Magaidh me escolheu para ser sua criada pessoal. - O sorriso de Glynis desapareceu, e ela fitou Eva com timidez. - Se a senhora concordar, naturalmente. Caso contrário, ela indicará outra pessoa.

- Ficarei feliz em tê-la para me ajudar - assegurou Eva com rapidez, sentindo-se aliviada ao ver que a moça tornava a sorrir.

Glynis fora gentil e prestativa ao ajudá-la a banhar-se na noite anterior, e depois lhe fizera companhia enquanto Eva comia a refeição oferecida. Antes de sair, a criada ruiva esperou que se deitasse, certificando-se de que não necessitava mais nada. Agora, outra vez provava ser uma ama excelente, pois num instante a ajudou a colocar o vestido novo e, em seguida, penteou seus cabelos com mãos suaves e experientes.

- Está bem assim, minha dama?

- Lindo! - Eva adorou o trabalho de Glynis, que amarrara seus cabelos num coque e os enfeitara com pequeninas flores de seda, que combinavam com o vestido. - Estou feliz que tenha sido você a escolhida para me ajudar.

- Obrigada... - Glynis, corando levemente, afastou-se para recolocar o espelho sobre o grande móvel de madeira. - A senhora deve estar com fome. O café-da-manhã já foi servido, mas a Sra. Magaidh deu instruções para que o desjejum lhe fosse oferecido quando acordasse. A cozinheira preparou algo especial para lhe dar boas-vindas, e creio que já está tudo pronto, pois Ewan foi à cozinha informar que a senhora havia levantado.

- Como é que ele sabia? - perguntou Eva, surpresa.

- Disse que a viu na janela.

- Compreendo... - Eva mostrou-se embaraçada ao saber que fora vista na janela, quando ainda trajava a roupa de dormir, embora a camisola tivesse gola alta, que cobria até o pescoço.

- Melhor a senhora descer, senão seu desjejum especial vai esfriar.

Eva concordou com um sorriso, encantada pela gentileza com que a tratavam em MacAdie. Glynis adiantou-se para abrir a porta, mas permaneceu do lado de dentro quando Eva saiu do aposento.

- Não vem comigo?

- Vou arrumar seu leito e ajeitar as coisas aqui - explicou a criada. - Mas a senhora pode me mandar chamar a qualquer momento, se necessitar algo.

Eva sentiu receio ante a perspectiva de se dirigir sozinha para o salão. Apesar de haver acabado de conhecer Glynis, a companhia da moça proporcionava confiança e a colocava mais à vontade naquele castelo estranho.

- Não tenha medo - disse a jovem, percebendo sua insegurança. - A senhora é bem-vinda aqui.

Eva respirou fundo e partiu pelo corredor em direção à escadaria que descia para o salão. A sensação de frio no estômago pelo temor de enfrentar os outros moradores do castelo a fez lembrar de como se sentira ao visitar a corte com Jonathan. Certa tarde, o irmão havia saído para conversar com outros homens, obrigando-a a voltar sozinha para seu aposento.

Eva trajava um vestido simples e de tecido barato, muito diferente das roupas usadas

pelas outras damas no castelo do rei; ela ainda recordava os olhares de desprezo com que a fitavam enquanto atravessava uma infinidade de corredores e salões até finalmente chegar à segurança e solidão de seu quarto. Após esse incidente, ela se manteve afastada dos demais, mesmo porque não possuía outra roupa mais bonita. Foi um duro golpe para Eva saber que era alvo de zombaria, e que a tratavam como se fosse inferior.

Agora, contudo, ela não usava um vestido barato e antiquado, e era a esposa do senhor do castelo, ainda que estivesse longe de se sentir como tal. *Que ironia*, Eva refletiu, apressando o passo. Ao atingir o topo da escadaria, ouviu vozes vindas do salão. Parou um instante, inspirou e soltou o ar vagarosamente, tentando se acalmar. Seu coração, porém, não obedeceu e acelerou quando ela começou a descer. Então, ela ouviu uma voz masculina.

Até que enfim encontrarei meu marido. Mas enganara-se, pois à mesa estavam apenas Ewan e Magaidh; não havia sinal de lorde MacAdie. A princípio Eva experimentou alívio por isso; mas imediatamente percebeu que era estranho sentir-se aliviada por ele não estar presente.

- Bom dia! - Eva saudou ao chegar ao salão e caminhar em direção à mesa. No entanto, espantou-se quando a mulher se virou e a fitou: não se tratava de Magaidh, mas de uma pessoa mais velha, com o mesmo cabelo escuro e os traços faciais da mãe de Connal.

- Esta é Aileen. - Ewan levantou-se para recebê-la, e fez um gesto na direção da dama desconhecida.

- Bem-vinda a MacAdie - disse a mulher, também levantando e presenteando Eva com um afável sorriso.

- Obrigada - murmurou Eva com timidez ao ver aquela senhora que se vestia com tanta elegância quanto Magaidh, e que também a recebia com amizade e calor.

- Aileen é irmã de lorde MacAdie - explicou Ewan. - E minha esposa - acrescentou com orgulho.

Eva fitou a irmã de Connal MacAdie com surpresa, pois ela - parecia mais idosa que Magaidh, a mãe deles.

Magaidh também deve ser mãe adotiva de Aileen, pensou Eva. Feitas as contas, tudo indicava que seu marido tinha aproximadamente a mesma idade de Ewan e Aileen, o que o tomava ao menos vinte anos mais velho que ela. Mas ela refletiu que não poderia ser diferente: um rapaz jovem e lindo certamente não ia se dispor a lhe propor casamento sem receber o dote usual; um jovem assim não teria dificuldade em casar com damas da corte.

- Conseguiu se recuperar da viagem? - perguntou Ewan, retirando Eva de suas conjecturas. Ela percebeu que agia de modo rude, pois permanecia em pé e calada, obrigando os outros dois a esperá-la.

- Sim, obrigada, Ewan. Dormi muito bem. - Eva sentou-se. - Você também descansou?

- O suficiente. - Ele fez menção de continuar a falar, mas neste instante uma das portas

do salão se abriu, e Ewan virou a cabeça para ver quem chegava. - Nossa cozinheira preparou algo para você - ele anunciou ao notar os criados entrando com bandejas. - Estávamos curiosos para ver o que era, então permanecemos aqui à manhã inteira.

- Sinto tê-los feito esperar! - Eva ficou constrangida, mas curiosa em saber que iguarias continham as diversas bandejas que agora depositavam sobre a mesa.

- Pare de atazaná-la - disse Aileen com um sorriso. - Ewan está brincando. Não esperávamos que fosse acordar cedo, pois sabemos que a viagem foi longa e cansativa. Eu teria reclamado, mas meu marido contou que você suportou as agruras da viagem sem reclamar.

As amáveis palavras de Aileen fizeram Eva sorrir; contudo, ela não conseguia deixar de prestar atenção aos pratos servidos e ao aroma delicioso que exalavam. Seu estômago reagia como se estivesse há dias sem comer, mas isto não era verdade, pois Ewan lhe oferecera bolinhos de trigo e mel durante a viagem.

-Que delícia! -Eva exclamou quando os criados terminaram de arrumar as comidas e partiram.

Que diferença das refeições em Caxton, ela pensou ao fitar os diversos bolos, os diferentes tipos de pães e queijos, geléias, carnes frias, pudim e frutas frescas.

- Pelo visto, nossa cozinheira preparou o bastante para todos nós - disse Ewan.

- Naturalmente - comentou uma voz desconhecida.

Curiosa para ver quem chegava, Eva virou o rosto para trás e deparou com uma robusta senhora de avental branco, que se aproximava a largos passos.

- Acha que eu não sabia que você estaria esperando aqui para tornar a comer? Os homens MacAdie são governados pelo apetite! - A mulher fingiu desaprovação, mas havia alegria em seus olhos. - Bom dia, senhora - disse ela para Eva. - Sou Effie, a responsável pela cozinha do castelo. Preparei este desjejum para lhe dar boas-vindas, e desejo de coração que viva muitos anos felizes aqui conosco.

- Obrigada! - Eva encantou-se com a cortesia da cozinheira. - Tudo tem um aspecto delicioso, e estou com água na boca.

- Em geral sirvo pão, queijo, manteiga e geléia pela manhã, mas preparei algo só para a senhora - informou Effie com orgulho. - Prometa que vai experimentar de tudo, pois estes bolos são receitas que eu mesma inventei. Posso servi-la?

Effie mal esperou pela resposta afirmativa de Eva: passou a servir vários pratos com salgados e doces. No final, havia tanta comida à sua frente que ela chegou a duvidar que conseguiria comer de tudo: fatias de diferentes carnes, pedaços de bolos com frutas cristalizadas, bolinhos de mel, pães claros e escuros com geléias de amoras e morangos silvestres, pudim e uma grande tigela com frutas.

- Espero que aprecie meus quitutes e coma bastante. A senhora necessita colocar um pouco mais de carne ao redor destes ossos.

- Obrigada, é muito generosa.

Eva fitou a comida apetitosa, sem saber por onde começar. *Que diferença dos dias em*

Caxton, em que me esforçava para comer pouco e não dar gastos ao meu irmão.

- É um prazer servir à senhora de nosso castelo. Agora, se me permite, vou voltar à cozinha, pois tenho muito trabalho. Não é à toa que os cavaleiros MacAdie são fortes: eles possuem um apetite de leão.

Antes de partir, a cozinheira ainda inclinou ligeiramente o tronco num gentil cumprimento e Eva sorriu em retribuição.

A refeição foi longa, e Ewan e Aileen fizeram-lhe companhia todo o tempo. No final, ela se alimentara mais que o suficiente, excitada como uma criança entre tantas maravilhas culinárias.

Durante a conversa, Eva ficou sabendo que a cunhada Aileen e seu marido Ewan tinham um filho e duas filhas. A princípio, ela achou que fossem crianças, e ficou feliz com a idéia de brincar com eles e levá-los a passear. Mas Aileen informou que se tratava de adultos: seu filho completara vinte e sete anos, as filhas eram casadas e eles já eram avós, pois uma delas tinha uma criança.

Ao menos o neto deles terá idade para me ouvir contar histórias, pensou Eva, refazendo as contas mentalmente para calcular a idade dos novos parentes. Ela julgara que Ewan e Aileen tivessem por volta de quarenta anos, mas o fato de terem filhos adultos indicava que já haviam ultrapassado os cinqüenta. Se assim fosse, Connal também teria cerca de cinqüenta anos; e a diferença de idade entre ela e lorde MacAdie chegaria a pelo menos trinta anos!

Mais uma vez, Connal não aparecera para saudá-la. *Será que não vem a meu encontro porque se arrependeu do casamento?*

Aileen e Ewan comentaram que ele estava ocupado. Eva se sentia desapontada com a ausência do esposo; pior: temia que ele tivesse se decepcionado com sua aparência.

Posso não ser a mulher mais bonita da Escócia, mas provarei meu valor a Connal. E Eva arquitetou um plano para surpreender de modo positivo, o marido; para realizá-lo, precisaria da ajuda de Glynis.

Ao sair da passagem que levava ao quarto secreto onde dormia durante o dia, Connal deparou com Ewan, que o aguardava. Seu cavaleiro jamais o esperava ali no corredor; isso sugeria que algum problema ocorrera. Connal acionou o mecanismo que fechava a porta de pedra atrás dele.

- O que aconteceu, Ewan? Outro atentado?

- Não. Nada tão sério.

- Então, por que me espera aqui?

-Necessito lhe informar algo... Mas não é importante - acrescentou rapidamente, ao notar que Connal franzia a sobrancelha.

- Não é mesmo importante?

- Trata-se de sua esposa.

- O que foi? - indagou Connal, num tom de surpresa que logo se transformou em preocupação. - Aconteceu algo com ela?

- Não, meu lorde.
- Mas o que houve, afinal? - Connal já se mostrava impaciente.
- Não se trata do que aconteceu com ela, mas do que ela fez.
- Conte de uma vez por todas, homem!

Capítulo IV

- O quê?

Ao tomar conhecimento do que Eva fizera, Connal encheu-se de ira. Ewan sabia o quão duro Connal podia ser quando o desagradavam, e agora sentia pena dela. Ele também se enfurecera com o ato de Eva; mas confrontar-se com a fúria de Connal minimizava a importância do ocorrido.

- Eva teve boa intenção. O esforço para trazer mais luz ao salão seria apreciado em qualquer lugar. Ela nem imagina o que isso significa aqui em MacAdie.

- Aileen está bem? - indagou Connal, sem dar ouvidos ao cunhado.

- Sim. - Ewan nem conseguia pensar no que teria acontecido à esposa caso ela entrasse no salão banhado pela luz que penetrava as janelas cujas cortinas, grossas como tapetes, haviam sido descerradas. - Antes de descer, Aileen notou o que Eva fazia, então voltou para o quarto e mandou me chamar.

- Compreendo. - Connal parecia menos irado, mas permanecia zangado. - Onde está minha esposa agora?

- Sentada à mesa - respondeu Ewan, seguindo lorde MacAdie pelo corredor em direção à escada.

- Por que não lhe pediu para parar de escancarar as cortinas?

- Bem, eu tentei, mas ela estava certa de que você apreciaria, e insistiu para lhe mostrar o resultado antes de tomar uma decisão final, explicou Ewan embaraçado, pois como primeiro cavaleiro, ele era responsável por tudo que ocorria no castelo durante o dia, na ausência de Connal, e ninguém confrontava sua autoridade. Exceto Eva, pelo visto.

Ao atingirem a escada que descia para o salão, Ewan preferiu não acompanhar Connal, por não querer testemunhar a explosão de seu senhor com a esposa. Na verdade, o ato de notificá-lo sobre o que Eva fizera levou-o a compreender a boa intenção da jovem e ultrapassar a raiva que sentira no primeiro momento. Afinal, ela não imaginava que a luz do sol feria Connal, Aileen e outros MacAdie. Entristecido com o rumo que as coisas tomavam, ele resolveu ir para o quarto.

- Connal ficou muito zangado? - perguntou Aileen ao ver o marido entrar.

- Pensei que estivesse sentada à mesa! - Ewan surpreendeu-se ao ver que a esposa não descera para jantar.

- Preferi não presenciar o desapontamento de Eva ao ver Connal reagir com fúria, e não com a apreciação que ela antecipava. Ela só tentava ser útil e agradá-lo.

- É verdade... - Ewan suspirou, sentando-se ao lado da esposa. - Seria bom se tivesse me dito isso antes que eu fosse avisar Connal.

- Eu sabia que ia compreender sozinho. E não adiantaria tentar lhe explicar, pois estava zangado e, tal como Connal, não ouve ninguém quando está assim.

- Espero que nosso lorde não seja muito duro com ela - disse Ewan, mudando de assunto para não admitir que Aileen tinha razão. Agora, sentia-se culpado por ter tornado a ira de Connal talvez maior ao lhe dar a notícia quando acabava de acordar. - Vou ao salão me certificar que ele não se exceda ao repreendê-la.

- Diga a meu irmão que Eva pretendia ajudar e fazer algo que ele apreciasse - pediu Aileen.

- Sim - replicou Ewan, e a beijou na face antes de sair. Amava aquela mulher como trinta anos atrás, quando pedira sua mão em casamento a Connal.

Ewan estranhou o silêncio ao descer a escada, pois naquele horário a longa mesa de refeição deveria estar repleta de pessoas, terminando de comer ou conversando após o jantar. Ao atingir o salão, ele notou que Aileen não era a única que preferira não jantar naquela noite, pois Eva estava sozinha à mesa e, de olhar baixo, ela era uma pequena figura triste e solitária.

Donaidh, Geordan, Domhall, Ragnall e Keddy, os cavaleiros que a haviam acompanhado na viagem, encontravam-se sentados num canto do salão, mas não conversavam. Neste momento, Connal entrou por uma das portas e se dirigiu diretamente para Eva. Ewan resolveu juntar-se aos demais cavaleiros e esperar para interceder a favor dela, se necessário.

Sem apetite, Eva fitava a comida intocada no prato. Ninguém parecia ter aprovado sua iniciativa de abrir as imensas cortinas para permitir que a luz do sol entrasse no salão, e até Glynis tentara demovê-la da idéia, embora Eva pensasse que a criada a encorajaria. Não obstante, e mesmo sem apoio, ela decidira ir adiante com o plano.

Desanimada, avaliou a marca roxa no braço. Se Glynis se mostrasse mais receptiva, Eva teria pedido a ajuda de outros criados para subir na escada e desamarrar as tiras de corda que suportavam as grossas cortinas, a fim de puxá-las para o lado e descobrir as janelas. Ao enfrentar a resistência de Glynis, contudo, ela resolvera fazê-lo sozinha, temendo que outros criados reagissem da mesma forma. Quando Ewan apareceu furioso; Eva desceu tão rapidamente da escada, na ânsia de explicar seu ato, que ele foi obrigado a segurá-la com força para impedi-la de cair. Agora, além dos dedos machucados por desamarrar tiras que pareciam jamais terem sido abertas, também seu braço ostentava uma marca.

No final, Eva acabou se arrependendo de suas ações: ninguém reagira de forma positiva, e os cavaleiros se mostraram desgostosos ao aparecerem no salão e notarem os últimos raios de luz entrando pelas janelas. Eles comeram calados, e os que não partiram logo após a refeição haviam ido sentar num canto, mas permaneciam tão quietos como quando comiam.

Será que meu marido aparecerá para jantar ou não? Ele estivera o dia inteiro ocupado com afazeres, como lhe informaram de modo vago, e agora ela o esperava sem apetite

para comer. Nem mesmo Aileen, que se mostrara tão simpática durante o desjejum, descera para jantar, arruinando sua última esperança de apoio ao plano de abrir as cortinas.

- Esposa.

Eva ergueu os olhos ao ouvir o chamado, e não acreditou no que viu. Ela se preocupara com a idade do marido, supondo que fosse de cinquenta anos; mas o homem que a fitava estava longe de ter tal idade. Aquele lorde de cabelos escuros e olhos castanhos como Aileen era um rapaz de trinta anos no máximo. De complexão vigorosa, ele não tinha a barriga pronunciada comum em homens mais idosos, e os ombros largos acentuavam os músculos dos braços e os traços masculinos do rosto. Entretanto, outro fato a surpreendeu ainda mais do que a aparência física de lorde MacAdie.

- Já nos conhecemos - murmurou Eva, quase para si mesma.

Connal hesitou. Por um breve momento, a zanga que o dominava desapareceu, e o brilho de fúria em seus olhos se suavizou.

- Nós nos encontramos na corte - afirmou o lorde.

- Você conversou comigo no jardim, depois do jantar! - Eva se lembrou, deliciada, da amabilidade com que o cavaleiro desconhecido a tratara quando ela se isolara dos outros membros da corte que desdenhavam de sua roupa simples e antiquada. *Eu jamais poderia supor que aquele rapaz educado e despretenso fosse lorde MacAdie*, pensou ela. - Você foi muito gentil comigo.

Suas palavras pareceram causar desconforto a Connal, mas Eva sabia que cavaleiros lutadores não apreciavam admitir que possuíam um lado suave. Ele afinal sentou-se ao lado dela, e desviou o olhar, como se tentasse ganhar tempo procurando o que dizer. Eva, contudo, agora se sentia feliz, pois não eram pequenas as chances de que Connal se revelasse gentil como marido. Sem contar que era lindo. De repente, sentiu uma onda de calor invadir-lhe o coração, como se fosse a mais bem-aventurada das mulheres. Então, ela sorriu.

- Por que me olha assim? - perguntou Connal de repente.

- Assim como? - Eva continuava a sorrir.

- Como se estivesse feliz.

- Eu estou feliz. Nunca soube o seu nome, pois não nos apresentamos, e jamais imaginei que fosse Connal MacAdie, o lorde com quem me casei. Mas agora que sei quem é meu marido... tenho certeza que tudo dará certo.

Confuso, Connal resolveu nada comentar; mas Eva ainda tinha necessidade de falar.

- Tive receio que meu esposo fosse velho ou gordo demais, e que eu não o achasse atraente, mas você é um homem lindo e qualquer mulher se orgulharia em tê-lo como marido. Além disso, eu temia que lorde MacAdie fosse ruim ou mal-humorado, mas depois de nossa conversa naquele jardim, sei que é gentil e não será cruel comigo. Creio que foi minha adorável mãe no céu quem fez esta coisa boa acontecer em minha vida.

Tomado de surpresa pela franqueza de Eva, Connal pigarreou, e depois olhou para as janelas onde as cortinas abertas permitiam que os vidros refletissem a luz das tochas e velas que iluminavam o salão.

- Espero que não se incomode - começou Eva, nervosa ao ver que Connal fitava a mudança que ela promovera. - Achei que você ia gostar, mas já não sei mais... - ela corou. - Notei que o salão fica escuro e triste com as cortinas fechadas, e pensei que a luz do sol alegraria o ambiente. Agora já escureceu, e não é possível ver; mas se você observar amanhã, durante o dia, vai perceber que o ambiente ficará mais alegre, e poderá admirar melhor a côr das tapeçarias nas paredes.

Eva o fitou, esperançosa de que Connal lhe desse razão e talvez admirasse sua iniciativa; mas o brilho frio nos olhos do marido a alarmou.

- Você não gostou? - ela perguntou, num misto de aflição, ansiedade e desânimo.

- Bem - começou Connal, constrangido. - Não se trata de gostar ou não gostar - ele afirmou, embora a expressão em seu rosto indicasse que não estava sendo franco. - O fato é que as cortinas terão de ser fechadas esta noite.

- Você também não gostou... - Eva mostrou-se desapontada. - Eu tinha certeza que você gostaria que houvesse mais luz no salão durante o dia, mas me enganei.

- Não acha que se desejasse as cortinas abertas eu já não teria mandado abri-las?

A simplicidade do comentário a surpreendeu, e era impossível escapar à lógica clara e exata. *Por que isso não me ocorreu antes?* Mesmo assim, Eva tomou a olhar a janela, lembrando que ele ainda não presenciara o espetáculo que as cortinas abertas ocasionavam durante o dia.

-Se passar aqui amanhã, talvez acabe gostando!

- Não pretendo fazê-lo. As cortinas serão recolocadas imediatamente.

- Mas...

- No futuro, não faça mudanças sem antes consultar a mim ou Ewan. - Connal ergueu-se abruptamente, indicando que encerrara o assunto. - Vou sair, pois tenho coisas a fazer. Você estará deitada quando eu voltar, portanto lhe desejo boa noite.

Perplexa, Eva seguiu Connal com o olhar enquanto ele se afastava. Além de não ter feito a refeição, seu marido indicava que não pretendia juntar-se a ela mais tarde. Sem compreender o que ocorria, ela se sentiu triste e rejeitada. Todos em MacEldie a recebiam de forma acolhedora e calorosa, com exceção de Connal.

Nesse momento, porém, Ewan e os demais cavaleiros juntaram-se a ela. Ewan e Keddy sentaram-se a seu lado, um à direita, outro à esquerda, enquanto Donaidh, Geordan, Domhall e Ragnall tomaram assento no outro lado. A atitude dos homens tinha algo de solidário, mas nenhum deles a olhava nos olhos.

- Connal se zangou muito? - perguntou Keddy.

Eva virou-se para fitá-lo, e percebeu que ele a mirava com pena e compaixão. Ferida no próprio orgulho, ela se endireitou na cadeira e tentou sorrir de forma natural.

- Não. Porém, não apreciou a mudança que fiz. - Ela mordeu os lábios para não ceder

às lágrimas que teimavam em umedecer-lhe os olhos ante a inevitável sensação de fracasso.

- Ora, ele nem chegou a ver o salão durante o dia - começou Geordan em tom contemporizador.

- E nunca o faria - acrescentou Keddy.

- Por quê? - indagou Eva. - Talvez lhe faltasse tempo para fazê-lo hoje, mas quem sabe amanhã ou depois ele poderia comprovar que o salão fica mais alegre com a luz do sol banhando estas frias paredes de pedra.

- Nosso lorde não suporta a luz do sol. - Keddy meneou a cabeça. - A luz do dia o torna doente. Ele jamais viria aqui se as cortinas estivessem descerradas.

- Mas... não é possível! - Eva, surpresa, virou-se para Ewan e notou que ele se enfurecera com a revelação de Keddy.

- Eu devia ter lhe avisado antes - começou Ewan, mas parou um instante, como se escolhesse as palavras para continuar. - A verdade é que Aileen e Connal não suportam a luz do sol. A pele de ambos é muito sensível, e a luz do dia lhes faz mal.

- Eles têm alergia à luz solar?

- Sim, Eva. Ambos são alérgicos ao sol. A pele deles reage imediatamente quando saem à luz do dia. Aileen ainda é capaz de suportar um pouco os raios solares, se não sofrer exposição direta; mas Connal tem de evitá-los totalmente, senão fica doente a ponto de correr risco de morte.

- Compreendo... - Eva lembrou-se de uma garota em Caxton que enfrentava problema semelhante: formavam-se bolhas em sua pele caso ela se expusesse ao sol, mesmo que por minutos. Tal reação, entretanto, não chegava a ser fatal.

De súbito, algo lhe ocorreu: *Talvez seja esta a razão dos rumores.* O fato de lorde MacAdie e a irmã não suportarem se expor ao sol implicava que jamais saíam durante o dia, e talvez isso motivasse os comentários sobre o clã.

Como as pessoas são cruéis e sem escrúpulos! Inventam histórias para explicar fatos que não compreendem.

Eva compreendeu então o enorme engano que cometera: em vez de alegrar o castelo, havia colocado em risco a saúde de Connal, de Aileen e provavelmente de outros MacAdie.

- A luz do sol não tem efeito prejudicial sobre você, Ewan?

- Não. Pertenço ao clã MacDonald originalmente, e me tomei um MacAdie ao casar com Aileen.

- Sou um MacAdie, filho de Aileen e Ewan - informou Donaidh, apontando o pai ao lado de Eva. - Tenho sangue misto, pois descendo dos MacAdie e dos MacDonald, e suporto o sol, tal como meu pai.

- Então, quando me casei com Connal você se tornou meu sobrinho - lembrou Eva. - Por que ninguém me contou isso antes?

Pai e filho trocaram um rápido olhar, e Ewan deu de ombros. - Não era importante - disse ele. - Você não perguntou - acrescentou Donaidh.

Eva nada disse, mas na verdade se sentia magoada. Afinal, não seria de bom tom fazer perguntas sobre quem era filho de quem, ou quais laços de família uniam as pessoas, e nem indagar por que agiam de uma ou outra forma.

- Também sou MacAdie - Keddy revelou. - Mas o sol não me afeta como a Connal ou Aileen, apesar de meu corpo ganhar mais sardas sempre que saio durante o dia. Como isso ocorre com vários de nós, muita gente prefere evitar o dia e cuidar de seus afazeres à noite.

De repente, Eva compreendeu a razão das sardas serem tão comuns nas pessoas daquele clã. Inúmeros cavaleiros, Glynis e tantos criados tinham o rosto, braços e mãos completamente pintados por sardas, e ela já deduzira que devia ser um traço dos MacAdie. Agora, Keddy corroborava sua suspeita.

- O mesmo ocorre comigo - anunciou Ragnall, brindando-a com um sorriso também cheio de sardas.

- Domhali e eu somos irmãos - informou Geordan. - Nascemos no clã dos MacLaren, mas nossa mãe veio viver aqui depois de nosso pai falecer, e mais tarde se casou com um MacAdie. Nós ainda éramos crianças, e depois de seu segundo casamento nos tomamos membros deste clã.

- Entendo. - De repente, as cortinas voltaram à mente de, Eva. - Ewan, Aileen não desceu por causa dos raios de sol?

- Sim.

- Como fui tola! - Eva sentiu-se terrivelmente culpada. - Por favor, explique a Aileen que eu não imaginava o que se passava, caso contrário jamais teria feito isso e... - De súbito, percebeu qual a melhor providência a tomar. - Glynis! - Chamou em voz alta, já se erguendo.

- O que foi? - Ewan, surpreso, levantou-se também.

- Vou reparar meu erro - Eva anunciou com finneza, afastando-se da mesa para ir encontrar a criada que surgia correndo. - Por favor, traga a escada, Glynis. Tenho de recolocar as cortinas na posição original. - Enquanto a jovem criada desaparecia pela cozinha, Eva repreendeu os homens presentes: - Jamais as teria aberto se me houvessem contado a respeito da alergia ao sol que afeta os MacAdie!

- Devíamos ter lhe dito - admitiu Keddy embaraçado.

- É verdade - ajuntou Ewan. - Nada disso teria acontecido se a tivéssemos avisado, mas colocaremos tudo de volta para reparar nossa falta.

- Não! - resolveu Eva com firmeza. - Eu abri as cortinas, e eu mesma as fecharei.

- Mas estas cortinas pesam mais que tapetes! Na verdade, nem sei como conseguiu lidar com elas sozinha - argumentou Ewan.

- Estou acostumada a trabalhar e sou forte - retrucou Eva. - Depois de terminar, subirei para pedir desculpas a Aileen. Connal tinha razão: se desejasse, já teria mandado abrir

as cortinas. Ainda não compreendo como as coisas se organizam aqui, e devo me informar melhor antes de fazer mudanças.

Dois rapazes entraram no recinto trazendo uma comprida escada de madeira, e Glynis pediu que a colocassem perto de uma das duas enormes e altas janelas que dominavam o salão. Assim que a escada foi colocada na posição correta, Eva arregaçou as mangas do vestido e se dirigiu para a primeira janela.

- Deixe-nos fazer isso - insistiu Ewan, dando um passo adiante.

- Não. - Eva começou a subir. - Mas tal vez algum de vocês possa fazer a gentileza de levar algo para meu marido comer, pois receio que o incidente das cortinas o tenha feito desistir de jantar.

Mas depois de subir vários degraus, Eva parou e se virou para fitar os homens que haviam levantado e a olhavam, perplexos.

- Pensando bem, eu mesma levarei comida a Connal, pois assim terei oportunidade de pedir desculpas. Farei isso assim que terminar com as cortinas.

-Pense bem... Permita que nós cuidemos deste trabalho, eu peço! - Ewan insistiu mais uma vez.

Tudo aconteceu de modo rápido e inesperado. Subindo os estreitos degraus, Eva tropeçou na barra do longo vestido, perdeu o equilíbrio e despencou escada abaixo. Ewan e Keddy correram para tentar amparar-lhe a queda, mas não conseguiram segurá-la a tempo e ela terminou se estatelando no chão.

- Oh, meu Deus! - gritou Glynis, levando as mãos ao rosto em pânico, antes do salão mergulhar num profundo silêncio.

Capítulo V

- Pronto! - Magaidh terminou de cobrir Eva com os cobertores de pele. -Descanse, e amanhã estará melhor. Eva suspirou, sem saber como agradecera gentileza da sogra. Na verdade, todos haviam sido gentis. Mantiveram-na deitada no chão enquanto Ewan a examinava a procura de algum osso quebrado. Em seguida, eles a carregaram para o quarto, ao constatar o tornozelo torcido. Magaidh apareceu num instante, verificou a contusão, mandou Glynis buscar um bálsamo e deu ordens para os cavaleiros prosseguirem com as cortinas. Depois de aplicar o bálsamo e enrolar uma faixa no local machucado, Magaidh a fez tomar uma poção de ervas soníferas, e então a cobriu.

- Você também é alérgica ao sol? - perguntou Eva.

- Sim - Magaidh respondeu após ligeira hesitação.

- Suponho que por isso não tenha descido para o salão. Sinto muito, eu não podia imaginar quando abri as cortinas.

- Não se preocupe, criança. Você não tinha como saber.

- Mas poderia ter perguntado qual o motivo de manterem as cortinas cerradas e iluminarem o salão com tochas mesmo durante o dia. Prometo me informar antes de mudar algo daqui para frente.

- Estou certa que sim.
- Terminei aborrecendo meu marido.
- Não se preocupe, ele esquecerá num instante. Os homens não gostam de mudanças que alterem seus hábitos.
- Não creio que a vida de lorde MacAdie tenha se transformado muito, a não ser pelo fato de ele evitar dormir em seu quarto desde que cheguei - disse Eva num impulso; mas ruborizando imediatamente.

Magaidh franziu a sobrancelha ante a franqueza da nora, mas logo compreendeu a insegurança de Eva e se comoveu.

- Suponho que meu filho não tenha lhe contado sobre a cerimônia de casamento. - Magaidh sentou-se no leito e a fitou, sorrindo. - Outra característica dos homens: são práticos e não gostam de dar explicações.

- Cerimônia de casamento? Mas o casamento já foi oficializado em Caxton.

- Haverá outra cerimônia, agora que você chegou e os dois estão juntos. Além de ser bom para ambos, daremos uma oportunidade à nossa gente de testemunhar o evento e conhecer a senhora MacAdie.

Surpresa, Eva admitiu que aquilo dava outra luz ao fato de Connal não ter ainda consumado as núpcias. Sem querer, ela lembrou do encontro que tivera com o amável lorde no jardim do castelo do rei.

- Connal não mencionou nada, mas é uma idéia adorável.

- Os homens são frios e pragmáticos às vezes, mas sei que meu filho gostou da minha sugestão. - Tem certeza que lorde MacAdie não se arrependeu de ter me desposado? - A pergunta de Eva continha certa aflição.

- Claro que não - assegurou Magaidh com doçura. - Que motivos teria para se arrepender? Você é uma moça cheia de qualidades, e está se esforçando para ser útil e se integrar à vida no castelo.

- Espero que tenha razão... - O sono já invadia os sentidos de Eva, e seus olhos pesavam por causa da poção.

- O casamento se realizará assim que o padre chegar, Eva. Connal já mandou buscá-lo, e Effie iniciou o preparo do banquete. Pensamos em fazer a cerimônia ao ar livre, na escada da capela, para que todos possam ver. O que acha?

- Linda idéia! - Eva bocejou. - Mas você, Aileen, Connal e outros não suportam sol e...

- Nós o faremos assim que o sol se esconder, querida. Será uma cerimônia iluminada com tochas, o que a tornará mais romântica.

- Oh! - exclamou Eva, sonhadora.

- Faremos um vestido especial para você, Eva. O padre deve chegar logo, portanto é melhor colocarmos mãos à obra o quanto antes. Talvez você e Aileen queiram escolher o tecido amanhã durante o dia, e começaremos a confeccioná-lo à noite?

- Não quer nos ajudar a escolher o tecido? - perguntou Eva, sentindo-se cada vez mais

próxima da carinhosa e amigável Magaidh.

- Estarei ocupada durante o dia-disse ela, exibindo um largo e caloroso sorriso. - Tenho certeza de que você e minha filha escolherão um tecido apropriado.

Eva meneou a cabeça, e de novo bocejou. Agora, mal conseguia manter os olhos abertos.

- Hora de descansar, criança! - Magaidh levantou-se. - Durma bem, Eva.

- Ela o quê? - rugiu Connal, desmontando do cavalo ao retornar de uma expedição de subsistência com seus homens. Ele evitava se nutrir durante as incursões pela floresta, mas acompanhava os homens para se assegurar que se afastavam para satisfazer à sede, e não o faziam próximo de casa. A última coisa que esperava ao retornar era ouvir que a esposa se envolvera em mais problemas; e a notícia de que ela se machucara o alarmou.

- Eva ia fechar as cortinas, mas caiu da escada - Ewan apressou-se a explicar. - Torceu o tornozelo e ganhou outras marcas roxas.

- Outras marcas roxas? - Connal se esforçava para controlar a irritação.

- Ela já havia quase caído esta tarde, e acabei marcando seu braço ao ampará-la.

- Por que não me contou isso antes?

- Eu mesmo não sabia, meu lorde. Só notei a marca em seu braço quando a carreguei para o quarto, à noite. É uma marca grande, e me admira que não tenha reclamado ou pedido remédio. De qualquer forma, ela agora tem marcas também nas pernas, e o tornozelo está enfaixado. Sem mencionar os dedos machucados por lidar com as grossas tiras de corda das cortinas.

- Por que um dos homens não fechou as cortinas?

- Insisti para que nos deixasse fazer o serviço, mas Eva se recusou terminantemente. Quis cuidar de tudo sozinha. Sua esposa é inglesa!

Calado, Connal passou as rédeas do cavalo para um dos homens e seguiu para o castelo. Ao entrar, Magaidh e Aileen conversavam na antecâmara do salão principal. Connal passou por ambas cumprimentando-as com um rápido menear de cabeça.

- Ela está dormindo - informou Magaidh enquanto o filho se afastava rumo às escadas.

Ignorando o comentário da mãe, Connal subiu para o quarto. Estava irritado, mas também preocupado, e queria saber a extensão das lesões que Eva sofrera. Afinal, era ele o responsável pela integridade da esposa.

Sentada perto do fogo quase extinto da lareira, Glynis bordava pequeninos adornos de madrepérola num vestido para Eva, e se surpreendeu ao ver lorde MacAdie entrar. Ela fez menção de levantar, mas Connal, com um gesto, indicou-lhe que permanecesse sentada, e então se dirigiu para o leito onde Eva dormia profundamente.

- A senhora Magaidh lhe deu uma poção para dormir - informou Glynis.

Connal se inclinou sobre o leito e observou a esposa. De olhos cerrados, ela respirava

com calma e parecia bem, mas tinha um arranhão no rosto. Connal puxou as cobertas com cuidado e mirou o corpo lânguido envolto numa camisola branca de tecido leve. O peito de Eva inflava e tornava a relaxar nos movimentos da respiração regular, e o braço desnudo mostrava a enorme marca roxa causada por Ewan ao ampará-la naquela tarde.

Com cuidado, Connal puxou ainda mais as cobertas, e o aroma de ervas balsâmicas vindo do pé enfaixado inundou o ar. Ele aproximou o rosto para conferir a extensão do ferimento, e comprovou que a torção no tornozelo havia sido forte, pois o inchaço chegava até a canela, e também ali a carne estava roxa e inflamada. Deitada e sem consciência de que ele a fitava, Eva era uma figura indefesa e machucada, que necessitava descansar.

Ewan e Magaidh entraram silenciosamente, e Connal tornou a cobri-la.

- Ela não chorou? - Connal quis saber.

- Não verteu uma lágrima - assegurou Ewan.

- Nem mesmo quando estavam a sós aqui no quarto? - Connal ainda perguntou, virando-se para a mãe:

- Não - respondeu Magaidh. - Tenho certeza de que sentia dor, mas não chorou.

Connal meneou a cabeça, pensando que a maioria das mulheres teria chorado. Talvez ela afinal se revelasse uma boa escolha.

- Não quero que Eva carregue nada, sobretudo ao subir ou descer as escadas. - Connal passou a instruir Glynis, que levantara e se postara atrás deles. - Se por acaso ela desejar fazer algo que requeira força ou seja perigoso, chame um homem para a tarefa. Minha esposa é a senhora deste castelo e não deve realizar trabalhos que exijam esforço físico.

- Sim, meu lorde - aquiesceu a jovem ruiva e sardenta.

Satisfeito, Connal considerou que aquilo resolvia a questão pelo momento, garantindo que a esposa não se ferisse outra vez. Na verdade, ele agora percebia que esquecera de considerar o passado de Eva e a maneira como estava habituada a viver. Qualquer dama chamaria os criados para desempenharem as tarefas de manutenção do castelo, mas Eva crescera junto do irmão avarento, tentando fazer o máximo para ser útil. Jonathan Caxton não a prezava como pessoa, muito menos como dama. Como seu marido, contudo, ele devia fazê-la compreender o valor e a posição que a senhora MacAdie desfrutava.

- Não creio que lorde MacAdie vá ficar satisfeito - reagiu Glynis quando Eva contou o que tinha em mente.

- Tolice - retrucou Eva com firmeza. - Por que ele haveria de se zangar com isso? Eu ajudarei as pessoas doentes. Há mulheres em toda a Inglaterra que o fazem, e creio que é melhor do que gastar meu tempo escolhendo jóias ou vestidos para festas.

Glynis intuiu que seu senhor não ia enxergar tal atitude com bons olhos, mas não conseguiu movê-la da idéia. Depois de dar instruções para que Eva não desempenhasse trabalho físico, nem nada que envolvesse risco, Connal ainda

procurara Glynis para acrescentar que sua esposa deveria se envolver apenas com atividades pertinentes à vida da senhora do castelo.

Glynis levava as ordens a sério e informara Eva sobre as instruções de lorde MacAdie, chegando a repeti-las inúmeras vezes enquanto a ajudava a se vestir, e depois, quando a sustentava pelo braço ao descer a escada rumo ao desjejum no salão. Logo após a refeição, contudo, Eva a chamara para comunicar o que pretendia fazer.

Depois de considerar as tarefas que a senhora do castelo em geral fazia, Eva concluiu que os criados não necessitavam receber instruções, mesmo porque Magaidh sem dúvida se certificava que tudo corresse de forma conveniente. Afinal, o castelo MacAdie já existia e funcionava antes que ela chegasse, e não havia muito a mudar. Uma idéia então lhe ocorrera: ela poderia auxiliar os doentes ou incapacitados, pois com certeza existiam pessoas idosas ou com problemas de saúde que apreciariam seu amparo.

Eva percebeu que o esforço de caminhar aumentava muito a dor em seu tornozelo. *Ainda assim poderei começar hoje*, pensou, pois enquanto cuidasse dos necessitados prestaria menos atenção à dor.

O plano parecia simples e sensato até ela terminar de comer e chamar Glynis. Ao comunicar à criada que gostaria de ser levada para visitar as pessoas doentes do feudo, a jovem reagiu com surpresa.

- Somos muito saudáveis aqui, minha senhora. Na verdade, não sei de alguém doente no momento.

Eva não acreditara a princípio, mas ao encontrar Ewan pouco depois, ele confirmara que não havia ninguém doente, nem precisando de ajuda.

Eva refletiu que, afinal de contas, era ótimo que as pessoas ali gozassem de tão boa saúde. De qualquer forma, ela não contava com as ervas medicinais que cultivava em Caxton, e não poderia fazer muita coisa. Entretanto, persistia sua vontade de ocupar o tempo com algo útil. Logo outra idéia veio em seu socorro: realizar uma excursão a cavalo pelos bosques ao redor para procurar plantas com poder medicinal. Sim, isso mesmo! Glynis a acompanharia, e colheriam o que encontrassem; assim, não faltariam remédios quando alguém precisasse.

- Por que a senhora não conversa com nosso lorde antes de ir procurar ervas fora dos muros? - sugeriu Glynis, preocupada quando Eva pediu que a viesse encontrar em frente ao castelo e lhe comunicou o que tinha em mente.

- Nunca conseguirei começar nem terminar nada se tiver de falar com meu marido antes de fazer qualquer coisa. Além do mais, seria difícil lhe perguntar algo, pois nunca está por perto – ela arrematou sem deixar de se divertir com a irritação que ouvia na própria voz. Eva vira muito pouco o marido desde que chegara a MacAdie; era impossível negar que ele lhe dispensava menos atenção do que seria de esperar da parte de um recém-casado.

- Mas seu tornozelo está inchado - continuou Glynis com aflição.

A criada tinha razão, pois Eva sentia dor ao andar, e o inchaço parecia aumentar a cada passo que dava. Contudo, obstinada como era, Eva não ficaria de cama por causa de um tornozelo torcido.

- Descansarei sentada no cavalo, Glynis. Quando eu avistar alguma planta medicinal, você a colherá e penduraremos na sela. O estábulo é ali embaixo, não é? - quis saber Eva apontando uma viela próxima ao castelo, ao final da qual se via uma grande construção de madeira com pilhas de feno à frente.

- Sim... - Glynis estava cada vez mais aflita. - Mas nosso lorde vai se zangar ao saber que a senhora saiu cavalgando sozinha.

- Não estarei só: você virá comigo! - Eva caminhou com passos mancos em direção ao estábulo.

- Mas o que farei se a senhora for atacada? Posso pedir a um cavaleiro que nos acompanhe? - pediu Glynis, com um olhar que implorava para Eva admitir que não se tratava de um bom plano saírem sozinhas para fora dos muros do castelo.

Eva sentiu pena ao perceber o estado de pânico represado da jovem ama. Era provável que Connal ficasse contrariado ao saber que ela cavalgara sem a proteção de um cavaleiro, mas talvez Ewan a impedisse de sair se ela requisitasse um homem para acompanhá-la.

- Prometo que não iremos longe e voltaremos logo - assegurou Eva na tentativa de acalmar Glynis, e num instante elas já se aproximavam da entrada do estábulo. - Oh, veja só! - disse Eva ao deparar com um cão modorrento deitado ao lado da porta. - Quem é você, meu amigo?

- É o cachorro de Angus, um dos homens que tomam conta do estábulo - Glynis informou com ar condoído, mas preocupado. - Ele tem uma pata traseira paralisada e não é nada amigável.

- Coitadinho! - Eva sorriu quando o cão se ergueu com esforço e começou a abanar a cauda. - Parece amigável para mim. Creio que só precisa de um pouco de atenção e carinho... - Eva inclinou-se para afagar a cabeça do animal.

- Cuidado - Glynis ainda gritou, antes que o amigável cachorro de rabo abanando repentinamente se transformasse numa fera de dentes arreganhados e abocanhasse a mão de Eva como se pretendesse arrancar-lhe um pedaço.

Connal deparou com Ewan esperando-o outra vez no corredor, na saída da passagem que levava a seu quarto secreto. Sem dúvida, não podia ser bom sinal. Ewan se casara com Aileen trinta anos atrás, e era primeiro cavaleiro desde então; era possível contar nos dedos as vezes em que esperara Connal acordar para notificar algo importante. Agora, ele o fizera duas vezes em dois dias seguidos, justamente os dois dias em que sua esposa vivia no castelo. Connal começava a ver que isso estava se repetindo.

- O que foi que ela fez? - perguntou lorde MacAdie quando a pesada porta de pedra se fechou às suas costas. - Não tornou a abrir as cortinas, suponho.

- Não.

- O que houve, então?

- Ela foi mordida.

- Mordida? Como assim?

- Wolfy a mordeu.

- O quê? - exclamou Connal, custando a acreditar no que ouvia. - O cachorro do estábulo? Mas aquele animal nem consegue caminhar direito.

- Sua esposa quis afagar-lhe a cabeça, mas o cão não respondeu muito carinhosamente.

- Meu Deus! - exclamou Connal consternado. - A mordida foi grave?

- Sangrou bastante e foi profunda, mas Aileen disse que não deixará dano permanente.

Parecendo aliviado, Connal se virou para caminhar pelo corredor, mas então parou e tornou a se virar para o cunhado.

- Há algo mais que eu deva saber?

- O padre chegou - anunciou Ewan, feliz por poder dar uma notícia boa.

Com uma expressão mais suave no rosto, Connal retomou a caminhada em direção à escada que levava ao andar inferior, pensando que ao menos uma coisa boa o aguardava.

- Melhor eu casar de uma vez e engravidar minha esposa antes que ela acabe matando a si própria - disse ele ao saírem.

- Eva parece ser propensa a acidentes - comentou Ewan em tom levemente divertido, seguindo Connal.

- Obviamente minha esposa não é capaz de tomar conta de si mesma... - Connal considerou que ser propensa a acidentes era uma maneira suave de descrever o que acontecia. - Daqui em diante quero que seus homens a mantenham sob vigilância quando eu não estiver por perto.

- Suspeitei que ia querer - disse Ewan, concordando que era uma boa idéia para mantê-la a salvo de acidentes.

No instante seguinte, os dois cavaleiros adentraram o salão principal por uma das portas de trás, mas Connal parou de caminhar ao perceber que Eva conversava com o padre em pé, ao lado da mesa. Da posição onde estavam, nem Eva nem o religioso notaram que já não se encontravam sozinhos e podiam ser ouvidos. Curioso para ver o que se passava, o lorde fez um sinal para que o primeiro cavaleiro mantivesse silêncio e escutou com atenção.

O padre tentava convencê-la dos perigos que corria ao casar com lorde MacAdie e viver naquele castelo, e a aconselhava a fugir enquanto ainda era tempo. Eva, contudo, permanecia calada. Connal imediatamente notou a fúria de Ewan quando o cavaleiro deu um passo adiante ao escutar as palavras do padre, mas ergueu a mão, indicando que continuasse quieto.

O padre seguiu insistindo para ela se colocar em segurança o quanto antes, e sugeriu que fugissem juntos, sem que ninguém notasse. Furioso, também Connal se obrigou a conter o impulso para agarrar aquele pretenso representante de Deus e atirá-lo para fora do castelo. Entretanto, o lorde decidiu esperar para ver como Eva reagiria às infames sugestões, e só então decidiria se ia permitir que o reverendo celebrasse a

cerimônia ou o expulsaria do castelo e mandaria buscar outro padre.

Capítulo VI

Eva fitou o padre MacLure, incapaz de crer no que ouvia. Primeiro ele repetira os tolos comentários que haviam lhe contado em Caxton, e depois, como se não bastasse, propôs que se esgueirassem até o estábulo, tomassem dois cavalos e fugissem. O religioso simplesmente lhe propunha abandonar o marido e o lar!

- O senhor, um padre, devia se envergonhar em repetir tais rumores mentirosos! - disse ela, furiosa. - A Bíblia ensina a não mentir.

O padre a fitou surpreso, mas então empertigou os ombros e sustentou seu olhar.

- Crê que os rumores não são verdadeiros?

- Já me contaram estas tolices de que os MacAdie são "seres da noite" sem alma, e que se alimentam de sangue. Mas seis cavaleiros MacAdie me trouxeram cavalgando durante dois dias sob a luz do sol; e suponho que o senhor também cavalgou durante o dia, acompanhado de cavaleiros MacAdie.

- Sim - admitiu o padre. - Mas havia somente um cavaleiro.

- Um? - Eva esforçou-se para não rir. Pelo visto, Connal a julgava bem mais importantee que o padre, pois ela viajara na companhia de seis dos seus melhores homens.

- Tem certeza que os cavaleiros que a escoltaram eram MacAdie? - perguntou padre MacLure, desviando seus pensamentos.

- Eu e todos os que vivem aqui somos MacAdie - replicou Eva, sabendo que, tal como Mavis, o padre pretendia alegar que os "vampiros" possuíam vassalos não suscetíveis à luz do sol para desempenhar as tarefas que eles não podiam fazer. - Esta bobagem de dizer que os MacAdie são seres noturnos que não suportam o dia se baseia no fato de Connal e sua irmã, Aileen, serem alérgicos à luz do sol. Havia uma garota em Caxton que sofria do mesmo problema, e ninguém jamais insinuou que fosse um... "ser da noite".

- Alergia ao sol?

- Exatamente.

- Compreendo. - O padre pareceu considerar o que ouvia. - E quanto ao fato de não envelhecerem?

- Pura tolice também. Basta olhar para Aileen para notar que está envelhecendo.

- Talvez ela envelheça, mas o que se diz é que Connal MacAdie não envelhece desde que atingiu a maturidade, há trinta anos.

Eva o fitou sem conseguir esconder a surpresa. Se Connal atingira a maturidade há trinta anos, ele deveria ter agora cinquenta e cinco, ou mesmo sessenta anos. Contudo, era impossível que um rapaz tão vigoroso, atraente e com pele tão jovem tivesse tal idade. Três décadas atrás, seu marido ainda não nascera, ou era um nenê. O pai de

Connal, sim, poderia ter essa idade caso fosse vivo. Obviamente, pensou ela de repente, acreditando compreender o que gerava a confusão.

- Meu irmão se chama Jonathan - Eva falou.

- É um bom nome - comentou o padre de forma vaga.

- Ele tem o mesmo nome de meu pai: Jonathan. Com certeza Connal também possui o nome do pai, e por isso dizem que Connal MacAdie não envelhece. Mas não se trata da mesma pessoa, e sim de pai e filho. Além do mais, não observei sinal de vampirismo desde que cheguei a este castelo, e o senhor há de convir que um vampiro jamais mandaria buscar um padre para celebrar um casamento que já foi realizado - continuou Eva com determinação. - Saiba que meu casamento com lorde MacAdie ocorreu em Caxton sem a presença de meu marido, mas ele decidiu fazer uma segunda cerimônia aqui!

- Como queira - disse o religioso, num tom de quem não se convencera.

Eva já se sentia bastante irritada com o teimoso padre que não aceitava seus argumentos, como se a idéia de os MacAdie serem monstros fosse interessante demais para ser deixada de lado. Ela ainda pretendia dizer que considerava um absurdo ele não crer em fatos claros como água, quando notou que alguém se aproximava pelo lado. Não foi difícil imaginar quem era, pois o padre engasgou imediatamente ao ver quem chegava.

Ao virar-se também, Eva deparou com Connal e teve certeza de que ele ouvira a conversa, pois jamais observara em alguém tanta frieza e fúria ao mesmo tempo. Felizmente para ela, a fúria de lorde MacAdie se dirigia ao padre.

Não era de admirar, pensou Eva. Afinal, o religioso aceitara a hospitalidade do senhor daquele feudo, comeria e beberia à sua mesa, e mesmo assim o atacava pelas costas. Ela sentia pena, pois Connal certamente o expulsaria imediatamente. Mas em vez de explodir em fúria, como ela antecipara, Connal ordenou que o padre tomasse lugar à mesa.

- Sente-se - ele ordenou com voz fria como aço.

O homem se sentou calado. Parecia inteligente o bastante para não dizer nada que pudesse piorar a fúria do lorde. Connal fez um gesto para que Eva também sentasse, e então ocupou a cadeira entre os dois. Antes de continuar a falar, contudo, ele fitou a mão enfaixada de Eva.

- O ferimento não é grave - ela se apressou a explicar, apesar de Connal nada ter perguntado, e imaginando que Ewan, em pé ao lado deles, já tivesse contado que se tratava da mordida de um animal.

- Mate o cão - ordenou Connal, virando-se para o primeiro cavaleiro.

- Não - reagiu Eva num impulso. Connal tornou a fitá-la, surpreso. - Por favor, não o mate - ela pediu em tom suplicante.

- A culpa foi minha e não do pobre animal. Fui eu quem me aproximei e estendi a mão para afagá-lo.

- Este cão é perigoso e pode morder outra pessoa.

- Ele tem a pata traseira paralisada, e só representa perigo para quem é tolo a ponto de tocá-lo. Glynis me avisou que não era amigável, mas mesmo assim eu quis afagá-lo. Por favor, meu senhor!

- É um cão bravo - retrucou Connal.

- Com uma perna paralisada, eu também seria mau-humorada!

Connal a fitou com uma expressão indecifrável nos olhos, mas penetrante e profunda. Atemorizada, Eva fez esforço para não abaixar o olhar, sabendo que se não triunfasse naquela questão, o pobre cão seria destruído, e por sua culpa. Por fim, Connal tornou a se virar para Ewan.

- O casamento será realizado dentro de uma hora, nos degraus da capela. Assegure-se que todos sejam informados e compareçam.

- Effie iniciou o preparo do banquete desde que o senhor mandou buscar o padre MacLure, e já sabe que ele chegou - avisou Ewan. - O jantar foi cancelado esta noite, pois comeremos após a cerimônia. Todos foram informados de que o casamento seria realizado assim que o padre chegasse, e como sabem que chegou hoje, agora só esperam a confirmação da hora exata. Anunciarei que devem estar prontos dentro de uma hora.

Connal meneou a cabeça, satisfeito. E Ewan se afastou, não sem antes dirigir uma leve reverência para Eva.

- Bem, agora vamos nos preparar para o casamento. - Connal partiu sem tornar a se dirigir ao padre.

Aliviada, Eva sabia que Wolfy seria poupado, pois Connal nada mais dissera sobre o assunto. Mas sua partida repentina não lhe deu chance de agradecer. De qualquer maneira, Aileen apareceu tão subitamente quanto Connal partira.

- Vou ajudá-la a se vestir - ofereceu Aileen com um sorriso.

- Oh! - exclamou Eva, sobressaltada. Magaidh dissera para escolherem o tecido durante o dia, para que confeccionassem o vestido à noite; mas Aileen não descera para o desjejum, e após o incidente no estábulo se esquecera completamente da tarefa. Não que fosse adiantar alguma coisa, Eva considerou entristecida, pois mesmo que se lembrasse, seria impossível confeccionar o vestido no espaço de uma hora. A consequência é que ia casar dentro de instantes e nada tinha para vestir.

-Ainda bem que havia várias criadas disponíveis para costurar hoje.

Eva se virou ao ouvir o comentário, e deparou com Magaidh se aproximando com um enorme sorriso e um vestido de seda em tom verde-claro nos braços.

- Sei que lhe pedi para escolher o tecido - começou Magaidh -, mas depois que a deixei ontem à noite fui informada de que o padre viria hoje, e pensei que seria melhor confeccionar o vestido quanto antes, para o caso de Connal desejar realizar a cerimônia imediatamente. Se tivéssemos mais tempo, sem dúvida seria você a escolher o tecido que mais lhe agradasse. - Magaidh passou o traje para Eva. - Escolhi esta cor por acreditar que ressaltaria o verde de seus olhos. Espero que goste.

- É lindo! - Eva levantou-se para receber a roupa, com os olhos úmidos por tamanha

consideração da parte de Magaidh.

Era inacreditável que as pessoas pudessem espalhar rumores tão pífidos sobre essas pessoas, pensou Eva. Os MacAdie a tratavam com uma gentileza que ela nunca desfrutara em Caxton. Seu marido organizara outra cerimônia de casamento, e naquela manhã Glynis lhe trouxera vestidos novos para seu guarda-roupa. Mais que tudo, Magaidh tivera a presença de espírito de lhe preparar uma roupa especial para o matrimônio.

Emocionada, Eva percebeu que jamais se vira tão amparada e rodeada de carinho desde o falecimento dos pais, quando era menina. Ela sentia o coração doer de emoção, ainda que fosse felicidade.

- Minha querida! - disse Magaidh, que parecia compreender o que Eva sentia e certamente notara suas lágrimas. - Nós a tratamos como merece. Agora, vamos subir para você se aprontar.

- Ela está linda.

O comentário foi proferido por Ewan, e Connal reconheceu que seu cavaleiro tinha razão: sua noiva estava magnífica. Magaidh e Aileen haviam transformado Eva numa princesa de conto de fadas. Seu vestido longo e esvoaçante tinha o tom verde da floresta durante o dia, algo que ele vira raríssimas vezes. Ela não usava um véu, e seus cabelos soltos até os ombros e adornados com pequeninas flores naturais brilhavam como seda à luz das tochas.

Sua noiva parecia jovem e linda como nunca. Connal inflou o peito com orgulho: fizera uma boa escolha.

Eva tentou sorrir sempre e esconder o nervosismo ao caminhar entre a multidão, rumo aos degraus da entrada da capela. Seu casamento em MacAdie ainda nem começara e já era tão diferente do casamento em Caxton, onde somente Jonathan, Mavis e os seis cavaleiros escoceses estavam presentes. O padre não proferira então mais que meia dúzia de palavras, e Ewan dissera o "sim" nupcial representando lorde MacAdie.

Desta vez, Eva se banhara com fragrâncias de flores e usava um vestido que ultrapassava em beleza qualquer outro que havia visto na corte do rei. Seu penteado estava lindamente trabalhado, e as incontáveis tochas que iluminavam a praça em frente à capela emprestavam um ar romântico e mágico a tudo. As pessoas abriam caminho para que ela passasse, e era visível o encantamento que sentiam ao vê-la.

Eva não cabia em si de felicidade: agora sentia que realmente se casava; ao contrário da primeira vez, quando os sombrios rumores sobre os MacAdie contados por Mavis lhe infernizavam a consciência e a faziam temer o futuro. Este casamento era muito diferente do primeiro, pois agora não tinha temores em relação ao futuro, e acreditava que tudo daria certo.

- Tudo vai dar certo.

Connal só percebeu que falava em voz alta quando Ewan lhe perguntou o que é que ia dar certo.

- Tudo - disse Connal de forma evasiva, ignorando o olhar curioso do cunhado.

- Este casamento está sendo bem mais agradável do que o oficializado na Inglaterra - comentou Ewan. - O outro casamento foi rápido, e parecia uma reunião de negócios. Jonathan Caxton insistiu que o celebrássemos imediatamente, e Eva foi chamada às pressas, sem ter tempo para se preparar. Era visível o embaraço dela, mas como seu irmão fez questão de não esperar, dali a instantes o padre chegava à capela, para proferir apenas as palavras estritamente necessárias, a fim de consumir a cerimônia quanto antes. Eu estava cansado e empoeirado da viagem, e gostaria de ter esperado até mais tarde, mas Jonathan Caxton não permitiu. Eva não se sentiu feliz naquela ocasião, e tenho certeza de que o casamento aqui em MacAdie será muito mais a seu gosto.

Connal olhou para Eva, que se aproximava: de fato, ela estava adorável vestida de noiva. Parecia um pouco nervosa, mas algo em sua expressão indicava satisfação e felicidade. Connal hesitara em concordar com a sugestão da mãe para fazerem uma segunda cerimônia, por recear que Eva não o apreciasse; mas agora se alegrava por haver consentido. Era bom ver todo o clã ali reunido, e sua linda noiva se aproximando entre eles. Connal tinha consciência de que passara pouco tempo com ela até agora, mas prestava atenção ao que seus familiares, cavaleiros e vassalos lhe contavam.

Todos se sentiam cativados por Eva. Até mesmo o ato de abrir as cortinas do salão fora visto como uma tentativa de melhorar vida no castelo, e ninguém a julgara mal por isso. Tudo daria certo, Connal tornou a pensar, contanto que ela aceitasse sem horror ou histerismo as revelações que mais cedo ou mais tarde faria.

Connal sabia que seria necessário revelar sua natureza e suas origens, apesar de temer a reação da esposa. Ele não tinha idéia de como abordaria o assunto; de qualquer modo, seria melhor que ele contasse tudo de maneira calma e sensata. Ele lhe daria mais tempo para se acostumar à normalidade da vida em MacAdie, e então revelaria os fatos tais como eram.

Enfim, Eva se aproximou e subiu os degraus da entrada da capela para juntar-se a Connal, Ewan e ao padre. Connal a fitou nos olhos e se esforçou para sorrir, mas provavelmente seu sorriso pareceu estranho, pois ele se sentia nervoso, uma sensação à qual não estava habituado. Ambos se viraram para o padre MacLure quando Eva venceu o último degrau, e então ela surpreendeu Connal, tomando-lhe a mão e apertando-a de leve entre os dedos, num gesto de cumplicidade e carinho, fazendo-o outra vez pensar que tudo daria certo.

Eva não imaginava que aquele casamento fosse tão mais demorado do que o realizado em Caxton, e mais de uma vez precisou se esforçar para manter a atenção nas palavras em latim que padre MacLure proferia. Por fim, ela resolveu parar de fazer esforço para a mente não divagar, e a primeira coisa em que pensou foi nos quitutes que Effie teria preparado para o banquete. Effie estava há dias ocupada com o preparo dos assados, guisados, bolos e doces, e sem dúvida tudo estaria delicioso, pois Eva confirmara o talento da cozinheira em todas as refeições que fizera.

Inadvertidamente, os pensamentos de Eva deixaram de se concentrar no banquete e se dirigiram a algo que sem dúvida também povoava a cabeça das noivas: a noite de núpcias. Eva contava nove anos quando sua mãe falecera; assim, ela não pôde orientar Eva sobre a noite de núpcias. Contudo, ela não ignorava o que ocorria entre um homem

e uma mulher. Mavis, sua criada e amiga em Caxton, dormia no grande quarto ao lado da cozinha, junto com os outros criados, e mais de uma vez presenciara coisas que se passavam durante a noite e as contara a Eva.

Mavis descreveu o encontro entre um homem e uma mulher como algo parecido a uma luta, na qual, em certo momento, o homem coloca parte de seu corpo entre as pernas da mulher. A criada descrevera esta parte do corpo masculino como "uma espécie de salsichão cozido".

Com a mente presa em tais pensamentos, e sem perceber o que fazia, Eva virou a cabeça um pouco para o lado, e abaixou os olhos para fitar a região do corpo de Connal onde se localizava o tal salsichão cozido. Seu noivo também se vestira com elegância para o casamento, e trajava uma calça justa, de tecido fino, bem diferente das que usava para cavalgar.

Sem querer, Eva se surpreendeu e até mesmo se assustou com o que viu, pois Mavis lhe explicara que quanto maior o volume entre as pernas masculinas, maior o tamanho daquela parte do corpo dos homens. Ansiosa, ela concluiu que Connal certamente era vigoroso também em suas partes masculinas; e sem querer, apertou as próprias coxas, numa atitude de defesa ao se imaginar "lutando com o marido no leito até ele colocar o tal salsichão entre suas pernas", como Mavis descrevera.

- Eva.

Ela teve um sobressalto ao ouvir que a chamavam, e ruborizou de imediato, acreditando que houvesse sido flagrada em sua indiscrição. Mas a expressão de Connal, somada à atitude de espera do padre, a fizeram crer que se tratava de outra coisa.

- Aceita? - perguntou o padre, fitando-a como se repetisse a pergunta.

- Aceito - respondeu Eva.

O reverendo MacLure prosseguiu então com as palavras em latim, até o momento em que disse a Connal:

- Pode beijar a noiva.

Eva se mostrou surpresa ao ouvir tais palavras. Será que a cerimônia finalmente terminara? Parecia que sim. Ela cerrou os olhos e esperou pelo beijo do marido, perguntando a si própria como seria ser beijada. No instante seguinte, sentiu os lábios de Connal roçando os seus, num toque doce e terno e... gostou da sensação! Num impulso automático, ela se ergueu na ponta dos pés para pressionar seus lábios mais fortemente contra os dele, mas Connal afastou o rosto.

Embaraçada pela espontânea reação de entrega ao marido, ela deu um passo para trás enquanto ouvia os gritos de regozijo da multidão abaixo deles. Infelizmente, Eva só lembrou que se encontrava no topo da escada quando já era tarde demais: desequilibrou-se e caiu para trás, sentindo a perna bater com força contra os degraus da entrada da capela antes de aterrissar de costas no chão, e ouvir os gritos de "viva" da multidão se transformarem em exclamações de choque e alarme.

Capítulo VII

Eva suspirou, depositou a cesta de costura sobre a grama e então ergueu a face para o sol, e cerrou os olhos. A calma e o silêncio imperavam no jardim do castelo. Glynis acertara ao insistir em que viesse se sentar ali. A jovem criada lhe fizera constante companhia toda a semana, e Eva sabia que os dias de repouso teriam sido bem mais longos sem a conversa divertida e amigável da ama.

Triste, ela se lembrou do casamento. Um esplêndido banquete se seguira à cerimônia, e Effie excedera a si mesma no preparo dos guisados, assados, bolos e doces. Infelizmente, Eva só ouvira falar em tais maravilhas, pois passara um bom tempo inconsciente depois de cair da escada da capela e ser carregada para o quarto. Ao voltar a si, seu corpo doía, e ela não pôde festejar nem teve apetite para provar as iguarias. Teve de se contentar em ouvir os sons da festa que ocorria no salão e na pracinha defronte ao castelo.

Resolveu fazer um inventário dos machucados que sofrera nos últimos dias. A mordida do cão sarava com rapidez e a faixa fora retirada de sua mão para que o ferimento secasse. O tornozelo também havia melhorado; mas ela ainda caminhava com cuidado, e sem colocar peso no pé torcido. Seus braços e pernas, porém, ostentavam marcas roxas e contusões.

Eva tivera sorte em não quebrar nenhum osso, mas o acidente e conseqüentes machucados impuseram o adiamento da noite de núpcias outra vez. Para Eva, era como se adiassem o momento de extrair um dente estragado: algo indesejável e doloroso, mas que tinha de acontecer. Esperar a tornava ansiosa, e seria melhor se acontecesse logo, para a ansiedade passar.

De qualquer forma, Eva acreditava que após uma semana de repouso, e sem outros acidentes, tudo estava perto de se normalizar. Ou quase tudo. Todos a seguiam, tratando-a com gentileza e simpatia; mas agora também a tratavam como se fosse uma frágil peça de cristal ou, pior ainda, como se fosse idiota. Ela fora proibida de carregar ou erguer objetos, e dois homens a vigiavam o tempo todo para se assegurarem de que respeitava a proibição e não fazia nada que a colocasse em perigo. Eva se sentia como uma criança que tem de ser vigiada para não se meter em problemas.

Ressentida, ela fitou Donaidh e Geordan, que conversavam, sentados num dos bancos do jardim. Eram eles os encarregados de vigiá-la naquela manhã. Se por acaso ela fizesse menção de levantar, os dois correriam a tomá-la pelo braço para se certificar que não ia cair nem tropeçar.

Transformei-me *no bobo da corte!*

Os sentinelas nem sempre eram discretos, e em várias ocasiões ela ouviu o que diziam; por isso, agora sabia mais sobre a vida em MacAdie. Aprendera que Connal não se ausentava durante o dia por estar administrando o feudo, mas sim porque preferia dormir, por causa da reação alérgica ao sol. Ewan era o responsável durante o dia, e Connal assumia o comando ao despertar, quando o sol se punha. A conseqüência era que o feudo MacAdie era tão movimentado à noite quanto de dia, ou talvez mais à noite que de dia.

Eva também escutara que Connal saía com seus homens para excursões noturnas,

talvez ataques a outros feudos ou coisas assim; um costume mais comum na Escócia que na Inglaterra. Ela não aprovava tal comportamento belicoso, mas havia decidido não saber mais a respeito e simplesmente desviava a atenção quando os cavaleiros tocavam no assunto. De qualquer forma, sabia que Connal estava ocupado desde o escurecer até o amanhecer.

Mesmo assim, seu marido acabava encontrando tempo para lhe fazer companhia, e sempre vinha jantar com ela, apesar de Eva pensar que ele comia menos do que deveria. Era freqüente também que cavaleiros aparecessem durante a refeição para fazer relatórios ou informar a respeito de assuntos do feudo, e Connal os escutava com atenção. Muitas vezes ele abandonava a mesa para verificar algo, ou para uma reunião com os homens, mas voltava mais tarde; então, sentavam diante da lareira para conversar e jogar xadrez.

Eva jogava xadrez muito bem, pois o pai a ensinara quando ainda criança; depois, ela passara anos praticando com Lynette, até a irmã mais velha ser enviada para o convento por não ter encontrado um homem disposto a casar sem o dote, já que Jonathan não pagaria por ele. Eva nutria a esperança de que jogar xadrez a redimisse com Connal: desejava mostrar que era inteligente e perspicaz, apesar de se meter em acidentes. Se conseguisse fazê-lo, talvez seu esposo desistisse de mantê-la sob guarda.

Neste momento, o sol se escondeu atrás de uma nuvem, e Eva sentiu uma lufada de vento frio. Achou melhor entrar. Era hora de se preparar para comer, pois o dia terminava e o jantar logo seria servido.

- Se já acabamos, vou subir e encontrar minha esposa- anunciou Ewan.

Connal concordou com a cabeça, e então se virou para o outro lado do salão, enquanto os cavaleiros partiam. Sentada em frente ao fogo, Eva costurava, esperando a reunião terminar, e sua postura encolhida mostrava que tinha frio. Connal notara que ela se encolhia cada vez que abriam uma porta, certamente por causa da corrente de ar que se formava. A noite estava chuvosa, e havia vento; não era de espantar que sentisse frio. Ele reconheceu que o frio não o incomodava, mas não podia esperar o mesmo da esposa.

-Vamos subir e jogar xadrez em nosso quarto -disse Connal, aproximando-se. - Lá estará mais quente, sem portas sendo abertas o tempo todo.

Eva sorriu, aliviada ante a sugestão do marido, e aceitou a mão que ele estendia para ajudá-la a levantar.

- A noite está fria, Connal.

- É o fim do verão. As noites se tornam mais longas, os dias mais curtos, e já começa a esfriar.

Na verdade, ele se preocupava cada vez mais com a integridade física de Eva. Connal sofrera outro ataque há duas noites atrás, quando cavalgava pelo bosque com os cavaleiros. Era a terceira vez que tentavam tirar-lhe a vida nos últimos meses. A flecha passou de raspão, e terminou atingindo o braço do cavaleiro a seu lado. Felizmente o ferimento não fora profundo, e cicatrizara num piscar de olhos, mas este incidente o

incomodara mais do que os anteriores, pois acontecera à noite, quando ele estava rodeado por homens que saíam imediatamente à procura do atacante.

Quem o atacava, contudo, não pareceu se importar e teve a sorte de conseguir escapar, pois seus cavaleiros não o localizaram entre as árvores. Os homens que o acompanhavam possuíam excelente visão predatória noturna, e era admirável que não houvessem encontrado o atacante. Era justamente isso o que o preocupava: Conna] possuía todas as vantagens, mas mesmo assim ousaram atacá-lo. Seu perseguidor parecia desesperado para levar a cabo seu intento, e homens desesperados são imprevisíveis.

No ataque, uma pessoa havia sido ferida. Tratava-se de um cavaleiro MacAdie, que tinha a capacidade de se recuperar de ferimentos instantaneamente. Mas o que aconteceria se fosse Eva quem estivesse à seu lado? E se a flecha acertasse o coração e não o braço?

Tal possibilidade o incomodava mais do que ele poderia supor a princípio, obrigando-o a admitir que se sentia mais unido à esposa. Aos poucos, e sem perceber, Connal aprendia a gostar e valorizar os momentos que desfrutavam juntos, jogando ou conversando diante da lareira. Eva se revelava uma mulher inteligente e sensível, e era agradável ouvi-la contar a respeito da infância em Caxton e de sua vida antes de vir para MacAdie.

Em diversas ocasiões, Connal sentiu revolta ao ouvi-la descrever as circunstâncias em que vivera sob o jugo do irmão avaro que passou a cuidar da família depois da morte dos pais. Mas Eva não guardava rancor pelo que a haviam feito passar, e exibia uma postura de aceitação madura e até filosófica, afirmando que os fatos que lhe causaram sofrimento também a ensinaram a valorizar as coisas simples da vida. Era um prazer ouvi-la falar a respeito de si; e pouco a pouco Connal começou a admirá-la.

Quando subiram as escadas, Connal observou a esposa vencer os últimos degraus, e então soltar a saia ao caminhar pelo corredor em direção ao quarto. Ele havia esperado para consumir o casamento por causa das contusões sofridas por Eva, mas ela já parecia recuperada. Talvez fosse chegado o momento de se unir fisicamente à esposa, tal como a lei já os unira.

Ao entrarem, Eva se sentia estranhamente nervosa. Dirigiu-se às poltronas defronte à lareira. Ela jogara xadrez com Connal todas as noites daquela semana, mas era a primeira vez que o faziam no quarto, um aposento bem menor e mais íntimo que o salão. Perturbada, Eva decidiu que seria melhor conversar com o marido e resolver a questão que tanta ansiedade lhe causava: a consumação do matrimônio.

- Connal, gostaria de dizer que... apreciei sua gentileza em organizar um segundo casamento. O fato de ter adiado... bem... consumir nossa união até que eu me recuperasse dos acidentes que sofri e...

Ela se calou de repente, consciente de que se tornava vermelha como um pimentão, e sem saber como prosseguir. Ela não havia considerado o quão difícil seria tal conversa, mas agora iniciara o assunto e não podia voltar atrás.

- Esta situação deixa meus nervos em frangalhos, meu lorde! Eu me pergunto se não poderíamos resolvê-la logo.

- Resolvê-la... logo? - Connal franziu a sobancelha.

- Sim - recomeçou Eva, esfregando nervosamente as mãos. - Terá de acontecer cedo ou tarde, e o fato de não saber exatamente quando está me matando de ansiedade. É como... um dente estragado que é preciso arrancar... Enfim, algo que não se pode evitar.

- Dente estragado que é preciso arrancar? - Connal repetiu, perplexo.

- Eu... Não me leve a mal, mas... ouvi dizer que consumir o casamento através da união física não é algo muito desejável, nem traz prazer!

- O que foi que seu irmão lhe disse?

- Não foi meu irmão, e sim minha ama. Ah... Na verdade, Mavis não era minha ama... Ela trabalhava na cozinha, mas fazia às vezes de ama quando necessário... isto é, ela me ajudou uma ou duas vezes e... contou que... - Eva começou a balbuciar outra vez.

- O que foi que Mavis lhe contou a respeito do que se passa entre um homem e uma mulher?

Connal parecia menos contrafeito agora, o que a aliviou.

- Ela descreveu o que ocorria entre os criados, não necessariamente entre um marido e a esposa. Mavis dormia junto com outros criados, num grande aposento. Bem, ela notou que eles... por vezes...

- Pare de gaguejar e conte-me o que ela disse. Não precisa ter medo.

- Mavis disse que o homem e a mulher lutam durante algum tempo, e então ele coloca seu salsichão cozido entre as pernas dela.

Connal reagiu com um som estranho, algo entre rir e pigarrear, e então virou como se quisesse esconder o rosto. Seus ombros, contudo, começaram a chacoalhar, indicando que ele ria. Indignada, Eva ia protestar, quando bateram à porta. Tomada de surpresa, e irritada, caminhou para atender. Ao abrir a porta, contudo, ela deparou com Glynis, que trazia o vinho, e se forçou a transformar a expressão de zanga num sorriso.

- Obrigada! - Eva pegou a bandeja com a jarra e as taças. - Obrigada também por ter acendido a lareira.

- Pode deixar que eu mesma levo a bebida, senhora.

- Não se preocupe, eu servirei o vinho - assegurou Eva em tom decidido, dando um passo para trás e se aprontando para fechar a porta com o pé. Ao fazê-lo, contudo, ela começou a perder o equilíbrio obrigando Connal a correr para ajudá-la.

- Deixe-me cuidar disso. - Ele tomou a bandeja das mãos de Eva. - Melhor evitar acidentes - continuou Connal ao atravessar o quarto para colocar a bandeja ao lado do tabuleiro de xadrez na mesa entre as poltronas.

No entanto, Eva havia perdido a vontade de jogar, e tinha ainda menos vontade de finalmente proceder ao seu "dever de esposa". Na verdade, o que desejava no momento era ser deixada a sós para cuidar do orgulho ferido. Calada, fechou a porta e permaneceu onde estava, enquanto Connal servia o vinho.

- Mavis estava enganada, e deixou de contar coisas importantes que se passam entre um homem e uma mulher quando estão juntos no leito - disse ele finalmente, ao recolocar a jarra sobre a mesa.

- Coisas importantes? - Eva franziu a sobancelha.

- Sim - afirmou Connal, aproximando-se com as taças. - Beba seu vinho.

Num gesto automático, Eva aceitou, e sorveu um gole da bebida que Connal oferecia.

- Mavis não mencionou nada a respeito dos beijos, por exemplo. - Connal tomou um gole de vinho.

- Beijos? - Eva começou a sentir um súbito interesse ao lembrar o roçar de lábios que haviam trocado ao final da cerimônia de casamento, e do arrepio que aquele breve contato produzira.

- Como nosso beijo de casamento - continuou Connal como se adivinhasse seus pensamentos. - Exceto que muito mais.

- Mais o quê?

- Beba o vinho - instruiu Connal em vez de responder.

Impaciente, Eva sorveu com rapidez outro gole, e então tornou a fitá-lo.

- Mais o quê? - ela repetiu.

-É difícil explicar-disse Connal aproximando-se. - Talvez seja melhor eu lhe mostrar.

Capítulo VIII

Eva fitou o marido, sem saber como reagir à sua sugestão de mostrar o que de fato ocorria entre um homem e uma mulher. O rápido beijo depois do casamento havia sido agradável, mas Connal a deixara curiosa ao afirmar que havia mais do que aquele roçar de lábios. Tímida, ela meneou a cabeça concordando, então cerrou os olhos e ergueu levemente o queixo em oferecimento.

No instante seguinte, Eva sentiu os lábios de Connal roçando os seus, num contato morno e suave. Sem pensar, ela entreabriu os lábios e soltou um suspiro. Connal reagiu inclinando o rosto para o lado, e então colocou a língua dentro da boca de Eva.

Ela arregalou os olhos, surpresa, mas tornou a fechá-los ao sentir que a língua de Connal roçava a sua. Eva surpreendera criados se beijando desta maneira em Caxton, mas não imaginava que seria tão úmido e quente. Mais que isso: não imaginava que fosse tão agradável !

Os lábios de Connal tocavam os seus com firmeza agora, e sua língua deslizava sobre a dela em movimentos intensos. Ele aprofundou o beijo, movendo o rosto como se procurasse penetrar sua boca o máximo possível.

De repente, Eva ouviu o ruído de líquido esparramando no chão, e deduziu que Connal deixara a taça de vinho cair. No instante seguinte ele a abraçava pela cintura e a puxava de encontro a si, fazendo seus corpos se tocarem por inteiro. Num impulso, ela também soltou a própria taça e entrelaçou os braços pelas costas do marido; Connal

reagiu descendo as mãos desde sua cintura até as coxas, e então a estreitou mais ainda nos braços.

Sensações desconhecidas tomaram conta de Eva quando diferentes partes de seu corpo tocaram o corpo de Connal, como a súbita consciência dos seios tocando o peito do marido, ou a rigidez que de repente sentia de encontro ao ventre.

- Há mais - murmurou Connal, afastando o rosto.

- Mais? - Ela ficou um tanto desapontada com a interrupção.

- Outros tipos de beijos - explicou ele, surpreendendo-a ao lhe beijar o ouvido, produzindo um arrepio que a percorreu até a ponta dos pés.

Os lábios de Connal novamente capturaram os dela, de maneira apaixonada e sedenta. Eva se sentia derretendo em seus braços, e o calor no interior de seu ventre pareceu deslocar-se para baixo e adquirir umidade, como um dia quente de verão na floresta. Além de puxá-la de encontro a si, Connal roçava seu corpo contra o dela, e suas pernas se encontravam em carícias que continham ao mesmo tempo dureza e suavidade.

Beijar era maravilhoso, ela pensou; e sem saber como nem quando aquilo ocorrera, percebeu que o topo do vestido estava caído na altura da cintura, e seus seios agora quase desnudos tocavam o tecido da camisa de Connal.

- Oh! - exclamou Eva, abrindo a boca em surpresa quando a mão de Connal lhe engolfou o seio direito, apertando-o de uma forma que não produzia dor nem incômodo, e sim prazer.

E antes que ela pudesse fechar a boca, de novo Connal a invadiu num beijo mais profundo que todos os outros, usando a mão livre para enlaçá-la pela nuca e pressionar seu rosto contra o dele. Por instinto, Eva começou a movimentar a língua, tentando também se aprofundar dentro dele. Surpreendeu a si mesma ao alternar os movimentos da língua com pequenas mordidas nos lábios de - Connal. De repente, era como se todo seu corpo tocasse o corpo dele, seus seios, ventre e coxas se sensibilizavam e reagiam ao contato de mãos, estômago, pernas e peito do marido.

A súbita pressão da pele das cobertas contra a parte posterior dos joelhos a fez perceber que Connal a movimentara, e agora estavam ao lado da cama. Mais que isso: ela notou que seu vestido caíra totalmente, e num gesto rápido e preciso Connal puxou-lhe a combinação pelos ombros, fazendo-a também deslizar até o chão: Eva fora desnudada, mas não teve tempo de sentir embaraço, pois sem demora Connal inclinou a cabeça e passou a beijar-lhe a ponta do seio com os lábios quentes e úmidos, que segundos antes lhe invadiam a boca.

De súbito, ele interrompeu o que fazia, mas apenas para erguê-la e deitá-la no leito. Após se despir com rapidez, Connal se deitou sobre ela e começou a beijar-lhe a base dos seios, fazendo Eva curvar as costas num movimento que erguia e oferecia o tronco. Ela passou a movimentar suas pernas entre as de Connal, e voltou a sentir a rigidez daquilo que Mavis, de modo pouco atraente, denominara "salsichão cozido". A verdade era que Eva sentia prazer ao roçar a perna contra a dureza do membro masculino do marido.

Ela não antecipara o que viria a seguir, e uma nova onda de sensações desconhecidas a atingiu quando Connal passou a tocá-la entre as coxas. Ao sentir os dedos dele tocando-a na parte mais íntima de seu corpo, o instinto a fez entreabrir as pernas, como se o convidasse, ou mesmo suplicasse, a prosseguir com a carícia. Seu corpo parecia ganhar vontade própria.

Connal intensificou suavemente o toque, e as pernas de Eva se fecharam como se quisessem aprisionar a mão que a tocava. Ela se sentia dividida entre duas sensações antagônicas: aquele toque a sensibilizava tanto que se tornava quase insuportável, e ao mesmo tempo ela não desejava que parasse.

Seu corpo reagiu de imediato à confusão, retraindo-se num momento e tomando a se abrir e entregar no instante seguinte, para então tornar a se retraindo; até Connal resolver a situação, colocando as próprias pernas entre as dela e obrigando-a a permanecer receptiva à carícia.

Então, sem aviso, algo se rompeu dentro de Eva; ela soltou um grito e enterrou as unhas nas costas do marido. Seu corpo inteiro se retesou quando ela sentiu uma agulhada de dor e, desconcertada, compreendeu que ele agora a penetrava com a parte do corpo mencionada por Mavis.

- É a única vez que causará dor - murmurou Connal em seu ouvido. - A dor acontece porque você é pura, mas passará num instante.

De fato, a pontada já dava lugar a uma sensação de prazer. Connal a penetrava com suavidade. De repente, as pernas dela se entrelaçaram por trás das dele, como se o quisessem prender enquanto Connal prosseguia com os movimentos que o faziam penetrar e depois retroceder.

Sem saber como, Eva se ajustou àqueles movimentos regulares, aumentando sua intensidade e alcance. Já não havia dor nenhuma, e ela adentrava um nível mais alto de prazer, que embaralhava a consciência e roubava a noção de tempo e espaço. Tudo que sabia era que o corpo de Connal se movia dentro do seu, enquanto ela o abraçava com as pernas, as mãos e os braços, naquela dança sublime que os unia.

Quando a explosão de prazer sobreveio para Eva, podia ter durado um instante ou uma eternidade, pois o passar do tempo não servia para medi-la. Connal começou a tremer, como se pressionado por uma convulsão, e o frenesi voltou a tomar conta de Eva, com intensidade redobrada, fazendo-a enterrar os dedos nas costas do marido; e ambos soltaram um grito de puro êxtase ao alcançarem juntos um clímax simultâneo.

Ao final da explosão, os dois ainda experimentaram sucessivos tremores, que aos poucos diminuíram, até Eva notar que Connal relaxava sobre ela. A respiração ofegante deles se acalmou, e em breve Connal respirou fundo e se retraiu com suavidade. Afinal ele rolou o corpo e deitou a seu lado.

Um leve torpor começava a tomar conta dos dois quando Connal se virou e passou o braço por baixo dela, fazendo-a virar-se também e lhe dar as costas, de maneira que seus corpos se ajustassem um contra o outro. Eva principiou a adormecer.

Algum tempo depois, Connal a despertou com beijos e carícias; e em breve provava que a dor que ela sentira de fato só ocorria na primeira vez.

Quando ambos enfim deitaram lado a lado, exaustos e satisfeitos, a aurora rompia, e a luz cinza do início do dia se insinuava pelos lados da pesada cortina da janela. Prestes a adormecer, Eva percebeu que Connal se movia. Pensou que o marido procurasse uma posição mais confortável; mas pouco depois o suave ruído da porta fechando despertou-a por completo. Ela olhou ao seu redor e constatou que se achava sozinha no leito.

Sem pensar duas vezes, saltou da cama e correu a abrir a porta. O longo corredor estava escuro, mas uma tocha ainda queimava, produzindo luz suficiente para que Eva visse Connal caminhando na direção oposta à da escada que conduzia ao salão. *Com os diabos, aonde é que meu marido vai?* Ele nem mesmo se vestira, e caminhava nu, carregando as roupas com as mãos. Depois de um breve momento de hesitação, Eva tornou a entrar no quarto, vestiu rapidamente o roupão e saiu, decidida a segui-lo.

Notou que Connal havia parado no final do corredor, e mesmo com a pouca iluminação fornecida pela tocha, teve certeza que ele tocava uma das pedras na parede. Uma passagem se abriu, e Connal desapareceu por ela. A passagem tornou a fechar de imediato, e a parede de pedra do corredor voltou a seu lugar. Eva decidiu que tentaria abrir a passagem; mas então notou um vulto que se esgueirava desde o fundo oposto do comprido corredor e caminhava de modo sorrateiro em direção ao local por onde Connal desaparecera. Surpresa, ela deu um passo para trás e se escondeu entre a porta entreaberta do quarto, mas manteve os olhos para fora, de modo a ver o que acontecia.

O vulto caminhou até atingir o ponto onde a passagem momentaneamente se abria. Eva considerou suspeita a aparência daquela pessoa: parecia ser um homem, mas era impossível ver seu rosto; havia pouca luz, e ele usava uma capa escura de gola alta, que lhe cobria a face até a altura dos olhos. A figura agora movia a mão sobre a parede, buscando abrir a porta de pedra. Ela pressentiu, tensa, que o indivíduo tinha más intenções. O vulto sombrio, contudo, parecia ter dificuldades para abrir a entrada da passagem secreta; depois de certo tempo, finalmente desistiu, dando um passo para trás e sumindo com rapidez pela direção de onde viera.

Eva aguardou alguns instantes, e então respirou fundo, saiu do quarto e caminhou para o local do corredor por onde Connal desaparecera. Reproduzindo o que vira o marido fazer, ela tocou a mesma pedra da parede, mas nada ocorreu. Ela tomou a fazê-lo, aplicando mais força, mas ainda assim não houve resultado. Eva tinha certeza que tocava a pedra correta, pois colocava a mão exatamente no mesmo local onde Connal o fizera. Por que não funcionava? Tentou mais duas vezes, mas a passagem não abriu. Frustrada e irritada, Eva deu uma palmada com a outra mão na pedra ao lado, e para sua surpresa uma fresta se abriu de repente na parede.

Receosa, ela empurrou a porta de pedra. O mecanismo funcionava em silêncio, e bastou uma ligeira pressão para a porta abrir mais e uma passagem escura revelar-se à sua frente. Seu coração trepidava agora, mas Eva resolveu prosseguir. Aileen dormia à noite junto com Ewan, e passava o dia no quarto ou nos salões escuros do castelo para se proteger da luz do sol, de modo a estar acordada quando o marido também estivesse. Ela agora sabia que Connal dormia durante o dia e despertava quando o sol se punha, para assumir a administração de MacAdie. Bem, se a vida no castelo era

organizada desta forma, ela deveria se ajustar às circunstâncias para poder dormir com o marido.

Além do mais, Eva queria conhecer ,o quarto de Connal. Ewan dissera que a reação de Connal ao sol era ainda pior que a de Aileen, e podia ser fatal. Assim sendo, o quarto de Connal não devia ter janelas e seria absolutamente escuro. Mas isso não a incomodava, pois ela conseguiria dormir em meio à absoluta escuridão.

Eva avançou para dentro da passagem, e notou que não havia nenhuma tocha à vista e era impossível enxergar. Seria necessário voltar ao quarto para buscar uma vela. Eva tornou a sair para o corredor e aguçou os ouvidos um instante, certificando-se que não havia ruídos de alguém por perto. A passagem era sem dúvida secreta, mas ela temia não conseguir tornar a abrir a porta se a fechasse agora. Resoluta, respirou fundo e correu o mais depressa possível de volta ao quarto, acendeu uma das grandes velas do castiçal e tornou a sair.

O silêncio ainda imperava, e não parecia haver viva alma por perto; mas a porta da passagem secreta permanecia aberta, o que era arriscado. Infelizmente, ela não podia correr agora como fizera ao voltar para o quarto, pois temia apagar a vela. Em silêncio, Eva usou a mão para proteger a chama e caminhou o mais depressa possível, sem correr o risco de apagar o tênue fogo que lhe iluminaria o caminho.

Em breve ela atingia outra vez a porta secreta, e antes de entrar olhou para os lados, certificando-se que não havia ninguém. Então, seguiu pela passagem e penetrou na escuridão. Ao entrar, refletiu que não podia deixar a porta aberta, pois outros a poderiam ver. De qualquer forma, fechar a porta pelo lado interno não era problema, pois Connal estava lá dentro e ela não correria o risco de ficar presa.

Se ele ainda estivesse lá, Eva considerou, arrepiando-se de medo. Controlando seus receios, Eva empurrou a porta de pedra, que se movia com surpreendente leveza, e a entrada para a passagem fechou com um clique suave.

O silêncio total a envolveu, e agora não havia volta. A chama da vela mal iluminava o caminho à sua frente, mas ela prosseguiria. Avançou com cuidado, sentindo que o ar ali dentro era úmido e frio. Não havia nada no corredor escuro, nem ao menos suportes para tochas, somente paredes de pedra. Após alguns metros, ela atingiu uma porta de madeira à direita. A porta estava fechada, e nada se ouvia. O corredor seguia adiante, e Eva resolveu continuar, convencida de que o fazia movida pela curiosidade, mas sabendo que na verdade sentia receio de entrar no quarto e confrontar o esposo.

Ela caminhou uma razoável distância, até atingir o final do corredor. O problema é que o corredor terminava justamente em outra porta também fechada. Ela não esperava por isso, e agora confrontava o dilema de saber qual era a porta do quarto de Connal.

Eva ainda tentava resolver a questão quando ouviu um leve ruído que parecia vir do lado de dentro da segunda porta. Ela prendeu a respiração e aguçou os ouvidos, e então teve certeza que de fato o ruído provinha daquele aposento. Mais que isso, ela ouvia distintamente um murmúrio sonolento, como alguém que dissesse algo enquanto dormia um sono profundo. Talvez fosse sua imaginação, mas ela acreditou que se tratava de Connal.

Com extremo cuidado, Eva girou a maçaneta e entrou. A escuridão dentro do aposento

era absoluta, tal como no corredor, e a luz da vela era de pouca ajuda. Ela se moveu devagar e em silêncio, mas parou quando suas pernas tocaram a borda de um leito. Tornando a prender a respiração, Eva ergueu a vela tentando iluminar mais; então, entre aliviada e receosa, percebeu a figura do marido deitado. Connal adormecera, mas soltava um murmúrio ininteligível, como se a luz da vela em seu rosto o incomodasse. Mas o leve distúrbio não o despertou; ele se virou para o lado e prosseguiu dormindo.

Temendo acordá-lo, Eva abaixou a vela rapidamente. Indecisa, ela retrocedeu alguns passos e fechou a porta com cautela. Foi então que tomou uma decisão. Apagarei de vez esta vela e me deitarei ao lado de meu marido!

Capítulo IX

Alguém respira a meu lado!

Aturdido, Connal se manteve imóvel até despertar completamente, para não demonstrar que acordara. Umi instante depois, ele notou que a pessoa deitada a seu lado o abraçava pelas costas e estava com o braço sobre sua cintura.

Confuso, pensou que talvez não houvesse partido do quarto da esposa na noite passada; mas a escuridão que o envolvia assegurava que se encontrava no aposento onde dormia desde a infância. E pela primeira vez havia alguém a seu lado.

Somente Magaidh, Aileen e Ewan sabiam da existência do local secreto, mas nenhum deles estaria deitado a seu lado, abraçando-o!

- Eva? - murmurou Connal.

- Hum....corpo adormecido mexeu-se para se colar mais a ele, e esticou a perna sobre a perna dele.

O corpo de Connal reagia com plena potência, numa ereção automática, impossível de evitar. *Por Deus, é melhor que seja minha esposa! Será que minha mãe ou Aileen lhe contaram a respeito do quarto secreto?*

Decidido a resolver o mistério, ele esticou o braço para pegar o castiçal próximo ao leito e acendeu a vela. Ergueu a luz com cuidado, e respirou aliviado ao constatar que era Eva a seu lado.

Após fitá-la um instante, Connal tomou a depositar o castiçal ao lado da cama, mas deixou a vela acesa.

Ao virar-se para ela outra vez, percebeu que Eva dormia profundamente. Desnuda e adormecida, sua esposa era uma figura frágil e delicada. Enternecido, Connal deslizou o dedo sobre sua face, dividido entre acordá-la para perguntar como fora parar ali ou despertá-la fazendo amor.

Primeiro as coisas mais importantes, resolveu Connal. Mais tarde teria tempo para saber como Eva descobrira o quarto secreto.

- Connal - murmurou Eva, despertando aos poucos ao sentir a mão que a acariciava e os lábios quentes que lhe beijavam o seio.

A luz tênue da vela iluminava suavemente o aposento, e ao abrir os olhos ela deparou

com os cabelos negros do marido. Também ele estava desnudo, e Eva começou a acariciar-lhe as costas, enquanto Connal prosseguia beijando-lhe o seio. Devagar, ele se deitou sobre ela, e então passou a beijá-la na boca.

Ah, era mesmo uma pena não contarem às moças o que as esperava no casamento, pensou Eva, notando que um excitante calor já tomava conta de seu ser. *Se eu soubesse o que me aguardava na Escócia, teria insistido com os cavaleiros para cavalgarem mais rápido...*

- Eva?

Ela ergueu o rosto, repousou o queixo sobre o peito do amado e o fitou.

- Sim?

- Como descobriu este lugar?

A pergunta a fez sentir embaraço e culpa, mas não havia como fugir. Eva desviou o olhar e hesitou alguns momentos antes de começar a falar.

- Sou sua esposa, e aqui é meu lugar. Marido e mulher devem dormir juntos.

- É mesmo? - disse Connal, como se aquilo o divertisse.

- Sim. Meus pais, por exemplo, dormiam juntos.

- Compreendo... - Connal acariciou seu cabelo. - Provavelmente é por isso que tiveram vários filhos.

O comentário a fez corar levemente, sobretudo porque Connal parecia divertir-se cada vez mais com a conversa. Constrangida, ela resolveu mudar de assunto. .

- Não é difícil entender que você aprecie dormir neste quarto. - Eva virou o rosto e notou que a vela ia se extinguir em breve. - É tão quieto e escuro.

- Você ainda não explicou como veio parar aqui - ele tornou a insistir. - Alguém lhe contou, sobre este lugar?

- Não - Eva se apressou em responder, sabendo que teria de contar a verdade, mesmo sentindo-se culpada. - Eu acordei quando você saía do quarto, e não consegui compreender por que ia dormir em outro lugar depois de sermos... totalmente casados. Então levantei, corri para a porta e o vi entrando pela passagem no fim do corredor.

- E conseguiu abrir a porta apenas observando como eu o fiz?

- Sim, ou ao menos em parte. Eu o vi pressionando a pedra do lado direito, mas descobri a outra pedra mais abaixo por sorte. Eu a toquei por acaso, e me surpreendi quando a porta abriu - explicou Eva com honestidade. O nervosismo, porém, a fez baixar o olhar e hesitar. Após um instante, ela deslizou o dedo de modo nervoso sobre o peito de Connal, e o fitou com timidez. - Está zangado?

- Não - ele respondeu, sorrindo com ternura. - Eu teria lhe contado sobre este quarto mais cedo ou mais tarde. Mas não resta dúvida de que terei de ser mais cuidadoso no futuro; pois se você me viu entrando aqui, é possível que outros também vejam.

- Alguém já viu - ela comentou, lembrando do homem com a capa.

Connal escutou com atenção, e um ar preocupado, enquanto Eva descrevia o incidente do vulto que tentara adentrar a passagem secreta antes dela. Ao terminar, Connal parecia ainda mais preocupado. Ambos calaram um momento até ela retomar a conversa.

- Você dorme aqui para evitar o sol?

- Sim - confirmou Connal, parecendo ter os pensamentos em outro lugar. Eva permanecia deitada com o rosto em seu peito, mas com um gesto delicado ele a fez se erguer e mover para o lado, e em seguida sentou-se na beirada da cama. - A vela vai acabar; é melhor levantarmos.

- Eu trouxe outra vela - replicou Eva, sentando contra a cabeceira do leito e puxando o lençol para se cobrir.

Connal notou a vela que Eva colocara sobre o chão perto do leito, mas nada comentou. Apreensivo, ele começou a se vestir e a fitou.

- Hora de levantar - disse ele em tom imperativo. - Você necessita se alimentar, pois já anoiteceu e não comeu nada o dia inteiro. Sua última refeição foi o jantar de ontem, e agora já é noite outra vez.

Eva surpreendeu-se ao notar que havia perdido a noção do tempo, mas Connal certamente tinha razão. Ela dormira praticamente vinte e quatro horas, pois primeiro passara a noite em seu quarto e depois o dia no quarto dele. Não que tivesse dormido muito em seu quarto, ela avaliou ao lembrar o que haviam feito a noite inteira. De qualquer forma, Connal tinha razão: passava da hora de acordar e levantar.

Quando saiu da cama a fim de se dirigir até o lugar onde deixara o roupão, Eva sentiu o pé esfriar ao tocar o chão. Surpresa, ela notou que não havia tapete ali, algo a que não prestara atenção na noite anterior. Enquanto vestia o roupão, olhou em volta para ver - como o quarto estava mobiliado; e apesar da pouca claridade, ela logo percebeu que o aposento era totalmente despojado e frio, sem tapeçarias nem móveis. Nada mais do que o leito e a lareira.

- Compreendo que durma aqui para evitar o sol - começou Eva enquanto fechava o roupão. - Mas por que o quarto tem de ser mantido em segredo?

Connal hesitou um instante, mas continuou a se vestir sem responder.

- Não devo contar a ninguém sobre este lugar, não é mesmo? - perguntou Eva. Ele então parou e olhou para a esposa.

- Sim, este quarto é secreto. Não conte para ninguém.

- Por que tem de dormir num quarto secreto? - insistiu Eva.

Connal suspirou e a fitou, considerando o quanto devia revelar. Será que estava pronta para ouvir a verdade completa, ou seria melhor contar aos poucos e lhe dar tempo de se acostumar com os fatos? Era cedo demais para contar tudo, decidiu Connal. Meias - verdades teriam de bastar pelo momento.

- Minha mãe mandou construir estes quartos quando eu era criança. A intenção era me proteger do sol, mas também o fez por precaução.

- Precaução? - perguntou Eva interessada.
- Você ouviu os rumores sobre nosso clã. As pessoas tendem a rezear o que não compreendem, e em geral destroem o que ou quem lhes provoca medo. Estes quartos secretos são uma precaução contra tal possibilidade.
- Acredita que o homem que tentou entrar aqui na noite passada tem medo de você?
- Houve três atentados contra minha vida nos últimos meses - revelou Connal, fazendo Eva arregalar os olhos de espanto e temor. - Agora vamos comer. - Ao perceber a reação da esposa, ele tratou de mudar de assunto depressa. - Você deve estar com fome - finalizou, já caminhando para a porta.
- Connal?
- Sim. - Ele parou e se virou ao ouvi-la.
- Não consigo enxergar nada.
- Não se preocupe, eu a conduzirei. - Connal retrocedeu e tomou sua mão. - Confie em mim.
- Eu confio - assegurou Eva, seguindo-o obedientemente pela saída do quarto e através da passagem escura.

Eva confiava em Connal com pureza e inocência comoventes, visto que ela acreditava sem reservas que o esposo a manteria segura e feliz. E eu o farei, decidiu Connal, lembrando do ataque que ferira seu cavaleiro no braço e temendo pensar no que teria acontecido se fosse Eva quem estivesse a seu lado.

Ele apertou sua mão com mais força até atingirem o final da passagem, e então ensinou a ela como fazer para abrir a porta pelo lado de dentro, pois acabava de decidir que Eva dormiria com ele a partir daquele momento. O incidente com o estranho que tentara invadir a passagem era problemático por significar que alguém conseguira entrar no castelo e passar por todos até chegar ao andar superior. Ou... Talvez o estranho não fosse tão estranho assim, deduziu consternado. Infelizmente, parecia a hipótese mais provável: um membro de seu próprio clã desejava sua morte. De qualquer maneira, fosse o que fosse, ele tomaria as atitudes necessárias para manter Eva em segurança.

Connal foi encontrar-se com Ewan, que o esperava numa saleta ao lado do salão principal do castelo. Faltava pouco para o sol raiar; Ewan exibia uma expressão de cansaço e o cabelo despenteado, como se tivesse caído no sono e despertado, quando foi informado que seu senhor acabava de retornar da excursão noturna. Nos últimos tempos, Ewan o esperara duas vezes para informar sobre acidentes com Eva.

- O que aconteceu desta vez? Ela tropeçou, caiu ou quebrou algum osso?
- Eva está bem - assegurou o primeiro cavaleiro, para alívio de Connal. Porém, logo o alívio deu lugar à extrema preocupação. - Estou apreensivo com o que penso que ela está fazendo - continuou Ewan, sobressaltado e falando nervosamente. - Eva escapou da vigilância de Keddy e Domhall, e eles não conseguiram mais encontrá-la. Eu creio que sei onde ela está, mas não podia questioná-la. Glynis me disse que metade da mobília do quarto desapareceu, e Eva foi vista carregando coisas. Eu acabei dispen-

sando Keddy e Domhall de procurá-la, com receio de que terminassem vendo o que era melhor que não vissem. Como não podia falar com Eva, tentei achar Magaidh para pedir que averiguasse, mas, para piorar as coisas e me deixar mais preocupado, também não a encontrei. Afinal, considere melhor esperá-lo voltar para contar o que se passa. Sinto incomodá-lo. Não sei se estou agindo corretamente, meu lorde, mas... - Ewan calou de repente, sem terminar o que dizia.

- O que foi, meu amigo? - intercedeu Connal, sem conseguir compreender tudo que o cunhado tentava explicar. - Você parece tão cansado e desanimado.

- É por causa de sua esposa - desabafou Ewan. - Ela vai acabar me matando de susto com seus acidentes e as coisas que faz. Quase sofri um ataque do coração ao vê-la cair da escada no salão, e o mesmo sucedeu com o acidente depois do casamento. Agora, ela ludibriou dois cavaleiros esta noite, e desapareceu. Eu me sinto cansado como se houvesse envelhecido dez anos depois que ela chegou aqui.

- Acalme-se, meu bom homem - disse Connal, colocando a mão sobre o ombro do cavaleiro. - Respire, relaxe e conte exatamente o que aconteceu.

Ewan suspirou, e então recomeçou a falar, de modo mais pausado.

- Eva desapareceu; procuramos por todo o castelo, sem conseguir encontrá-la. Eu já começava a temer que tivesse caído num poço, ou que houvesse sido raptada, e não tinha idéia de como faria para lhe dar uma notícia desse tipo. No entanto, antes de me conformar com seu desaparecimento, pensei que ela podia estar em seu quarto secreto. Ao chegar no topo da escada, eu a vi entrando pela passagem, mas não consegui alcançá-la antes que a porta fechasse.

Connal fitou com gratidão o cunhado e amigo de tantos anos, reconhecendo seu estado de ansiedade e cansaço. Afinal, o sol ia raiar dali a pouco, e o pobre homem não havia deitado ainda, algo desaconselhável para alguém com mais de sessenta anos.

- Você necessita descansar - aconselhou Connal, em tom amistoso.

- É, acho que estou ficando velho... - Ewan suspirou.

- De modo nenhum. Não se trata disso, meu amigo. Está cansado no momento, e é tudo. Não se preocupe com Eva, eu a encontrarei e falarei com ela. Quanto a minha mãe, também não há motivo para se preocupar. Ela não estava no castelo porque veio cavalgar conosco esta noite. Agora me acompanhe, e lhe mostrarei como abrir a passagem; pois se você soubesse fazê-lo, teria ido dormir mais cedo.

Depois de saírem da saleta, Connal conduziu o cunhado para o andar superior, rumo ao corredor no qual se localizava a passagem secreta. Então; ensinou Ewan a abri-la, e fez questão que Ewan tentasse sozinho duas vezes, para se certificar de que seu primeiro cavaleiro sabia quais pedras deviam ser pressionadas. Depois de ter certeza de que ele aprendera a manejar a porta secreta, Connal o incitou a ir deitar-se, pedindo-lhe que relaxasse e deixasse de lado a apreensão.

Connal permaneceu no corredor, observando Ewan, seu valoroso aliado, afastar-se. Refletiu acerca do tipo de vida que sua natureza o obrigava a ter. Aileen não reagia tão severamente ao sol quanto Magaidh e ele próprio, e por isso podia passar os dias dentro do castelo, desde que as cortinas estivessem fechadas.

Connal, contudo, não tivera tanta sorte: a luz do dia o queimava, deixava doente e chegaria a matá-lo caso se expusesse por muito tempo. Uma carruagem especial tivera de ser preparada para levá-lo na viagem para a corte, e Connal se viu obrigado a inventar razões para recusar os convites que envolvessem atividades durante o dia.

Afinal, ele tornou a abrir a porta secreta e avançou pela passagem escura como breu. Ao entrar, porém, Connal ouviu um ruído vindo do corredor lá fora, e voltou-se para ver se alguém o observava. Entretanto, ao encontrar tudo quieto e deserto, concluiu que devia ter ouvido o estalido da porta do quarto de Aileen, fechando-se quando Ewan entrou no aposento. Sem dar mais atenção ao incidente, caminhou de novo pela passagem e fechou a porta.

Capítulo X

Connal a encontrou resmungando por não conseguir acender a lareira. Agachada e ocupada, Eva não notou que o marido havia entrado, e Connal resolveu inspecionar as mudanças no quarto antes de revelar sua presença. Inúmeras almofadas repousavam contra a cabeceira do leito; o chão estava coberto com tapetes, e havia vários castiçais com as velas acesas. Eva também trouxera as duas poltronas de seu quarto! Era difícil compreender como pudera transportar tudo sozinha, e sem chamar atenção.

Meneando a cabeça, ele teve de admitir a realidade: a esposa se instalara em seu quarto, o quarto que sempre fora só dele! Surpreso, Connal pensou que tal possibilidade não lhe havia ocorrido. Seus pais usavam quartos separados, apesar de obviamente passarem momentos juntos, caso contrário ele e Aileen não existiriam. Tanto quanto recordava, seu pai, sendo humano, dormia à noite, e Magaidh dormia durante o dia para proteger-se do sol. Os dois se encontravam quando o dia terminava, jantavam juntos e faziam companhia um ao outro até seu pai deitar, e talvez Magaidh o visitasse no leito antes do sol raiar.

Connal supunha que o mesmo ocorreria entre ele e Eva, mas pelo visto sua esposa tinha outras intenções. Ao ver a transformação do quarto, era impossível não admitir que o aposento se tomara aconchegante e agradável, diferente do ambiente estéril no qual dormira durante os quase últimos sessenta anos. Definitivamente, ele se sentia casado agora.

- Com os diabos! Já queimei o dedo e a lenha ainda não pegou fogo! - reclamou Eva de repente.

Connal sorriu ao ouvi-la, e reconheceu que estar casado não era tão ruim. Eva o fazia rir, algo a que não estava habituado, e descobrira ser agradável. Ele se divertia muito quando conversavam ou durante as partidas de xadrez, e era impossível negar que sua esposa ficava adorável agachada no chão, com o cabelo desarrumado e o vestido amarrotado por causa do trabalho de decoração. Connal fechou a porta, e então cruzou o quarto para encontrá-la.

- A lareira está se recusando a cooperar?

- Você já voltou! - exclamou Eva, levando um susto que, agachada como estava, a desequilibrou e obrigou a apoiar a mão no chão para não cair.

- Sim -replicou Connal, sorrindo.

Eva retribuiu o sorriso, mas então se ergueu rapidamente, tentando ajeitar o cabelo e o vestido.

- Eu pretendia me arrumar para aguardá-lo.

- Está ótima assim - assegurou ele, aproximando-se e tomando a iniciativa de acender o fogo.

- O que achou do quarto? - perguntou Eva, um pouco irritada ao ver que Connal fazia num instante o que ela não lograra em vários minutos.

- O quarto? - ele olhou ao redor. - Parece-me mais agradável.

Eva franziu a sobrancelha, tentando interpretar o comentário do marido: aquelas palavras indicavam que ele apreciara as mudanças ou não?

Connal, porém, não lhe deu tempo para chegar a uma conclusão, pois a ergueu do chão de repente e a carregou para o leito.

- Hora de ir para a cama - anunciou ele.

-Mas não estou cansada - retrucou Eva. - Dormi um pouco durante a madrugada.

- Se dormiu durante a madrugada, quando fez as mudanças então? - disse Connal, que continuava a segurá-la no colo.

- Logo após o jantar, quando você saiu para cavalgar com os homens. Num instante tudo ficou pronto, e então deitei para descansar. Adormeci, e terminei acordando pouco antes de você chegar. Por isso agora estou sem sono.

- Ótimo - avaliou Connal, colocando-a suavemente sobre a cama.

- Porquê?

- Porque voltei a tempo de fazê-la se cansar para querer dormir... - explicou Connal, já abrindo o cinto.

Eva ergueu o rosto e se certificou de que o marido adormecera. Ela gostaria de ter adormecido também, mas não sentia sono. Eles haviam feito amor de forma energética durante um longo tempo, mas ela não se cansara; pelo contrário, sentia-se revigorada, como se os momentos de paixão houvessem trazido vitalidade.

Com cuidado para não acordá-lo, Eva ergueu o braço de Connal, que ainda a abraçava, e então saiu do leito. Agora era agradável caminhar descalça por ali, e a idéia de trazer os tapetes fora de fato bastante boa. Uma única vela ainda queimava; o fogo da lareira se extinguiu, e só restavam brasas. Apesar da pouca luz, Eva preferiu não acender outras velas e caminhou até a poltrona para pegar o roupão azul-escuro. Ela agora possuía um sortido guardaroupa, do qual constavam três roupões e várias camisolas de seda.

Ao vestir o roupão, Eva pensou que gostaria de tomar um banho, mas certamente o dia havia acabado de nascer, e os criados ainda deviam estar tomando o desjejum. *Cedo demais para que se ocupem comigo*, ela decidiu; e resolveu esperar um pouco antes de voltar para seu antigo quarto, chamar Glynis e pedir que preparassem seu banho.

Incerta do que fazer para passar o tempo, ela olhou ao redor e deparou com o vestido que jazia sobre o chão. Aquele era um de seus vestidos novos, apesar de não parecer no momento, pois estava sujo e amarrotado por causa do transporte dos objetos. Caminhou até ele, e quando se inclinou para recolher a roupa, notou que uma manga se rasgara, talvez por ter enganchado em algo sem que ela percebesse.

Consertarei isto enquanto espero, pensou Eva, e se dirigiu para o canto oposto, onde depositara a cesta de costura. Estava bem mais escuro ali, e ela mal conseguia enxergar a cesta de vime. O melhor seria ir buscar a vela, para então escolher a linha e a agulha.

Quando se virava para voltar, Eva notou que a porta do quarto se abria devagar. Teve um sobressalto. Quem poderia estar chegando? Connal dissera que apenas Magaidh, Aileen e Ewan conheciam a existência da passagem secreta, além dela própria, naturalmente, mas era improvável que qualquer um dos três entrasse sem bater.

Receosa, ela se encostou à parede de maneira que as sombras a envolvessem. Por sorte, o roupão escuro dissimulava sua presença e a ajudaria a passar despercebida. Prendendo a respiração, Eva aguardou imóvel e no mais absoluto silêncio enquanto a porta terminava lentamente de abrir. Algo estranho se passava ali, e sua intuição dizia que quem chegava não vinha com boa intenção.

Quando a porta enfim se abriu, seu coração quase saiu pela boca quando ela viu o homem da capa entrar, silencioso e sorrateiro. Ou ao menos se tratava de um homem que usa uma capa, como o vulto da noite passada!

Quando a figura começou a caminhar para o leito onde Connal dormia, indefeso e sem suspeitar de nada, Eva recordou o que o marido contara sobre os atentados que sofrera, e soube, sem dúvida, que presenciava mais um deles. O pior era que mesmo que Connal acordasse agora, a sonolência não lhe permitiria reagir antes de o intruso atacar.

Tinha de fazer alguma coisa: Mas o quê? Suando frio, Eva olhou ao redor, tentando encontrar um objeto que pudesse usar como arma. O tabuleiro de xadrez? Um castiçal? Nada parecia ser adequado, e a poltrona era pesada demais para ela atirar sobre o estranho.

Cada vez mais aflita, ela por fim se virou para a lareira e notou um pedaço de lenha que já não queimava, mas cuja ponta em brasa reluzia, vermelha. Felizmente aquela lenha fora mal colocada, e a outra ponta repousava sobre o chão, defronte à lareira. Era perfeito, pensou Eva. Não havia objeto melhor para usar como arma no momento.

Sem pensar duas vezes, ela saltou do canto onde se escondia, correu e agarrou a madeira pela ponta que se projetava para fora. Em pânico, percebeu que não teria tempo de alcançar o estranho antes que ele atacasse, pois o vulto já erguia a espada, e pela posição em que se encontrava, era visível que tencionava desfechar um golpe no pescoço de Connal e decepar-lhe a cabeça.

Num impulso, Eva soltou um grito tremendo enquanto cruzava o quarto, empunhando a lenha com a ponta em brasa para acertar o estômago do assassino.

O grito despertou Connal, um som de medo e fúria animal que o fez acordar com os

sentidos imediatamente alertas. Com o canto dos olhos, ele notou que Eva atacava um intruso usando lenha em brasa. Sua ação não foi suficiente para impedi-lo de desfechar o golpe com a espada, mas serviu para que a lâmina se desviasse e atingisse o estômago de Connal em vez do pescoço. Ele ainda se esquivou rolando para o lado, mas o frio metal cortou-lhe profundamente a barriga antes que ele despencasse para fora do leito.

Em meio à dor lancinante, Connal comprimiu a mão contra o corte, sentindo o sangue jorrar entre os dedos; mas o que de fato o preocupava era Eva, que enfrentava o intruso. Sua pequena e frágil esposa lutava para salvar suas vidas naquele exato momento! Tinha de ajudá-la!

Connal retirou a mão que comprimia o ferimento e se apoiou na beirada da cama, tentando se erguer. Seus olhos imediatamente se dirigiram para onde Eva e o intruso deviam estar lutando, mas não havia ninguém ali, e a porta do quarto estava escancarada.

- Connal - gritou Eva, surgindo de súbito a seu lado. - Você está sangrando!

- Não é profundo - ele mentiu ao ouvir o tom desesperado da esposa.

Ao virar-se para fitá-la, Connal percebeu que Eva segurava a lenha com a ponta em brasa. Depois de hesitar um brevíssimo instante, ela puxou o lenço] e o passou para o marido.

- Pressione isto contra o ferimento. Voltarei num instante.

Connal pressionou o tecido contra o machucado, tentando estancar o sangue enquanto Eva corria para a porta. Temendo que ela fosse buscar ajuda e encontrasse o assassino na passagem, Connal abriu a boca para gritar que esperasse, mas tornou a fechá-la quando Eva bateu a porta em vez de sair. Ainda segurando a brasa, ela correu até uma das cadeiras, arrastou-a e "fixou-a por baixo da maçaneta, de modo a impedir que a porta fosse aberta outra vez.

Apesar da urgência da situação, um sorriso iluminou os lábios de Connal: ele fizera bem ao escolher Eva para esposa! Ela não somente tivera a coragem de se arriscar para defendê-lo como era perspicaz o bastante para impedir um segundo ataque. Uma mulher admirável.

Depois de se certificar que a porta se manteria presa pelo lado de dentro, Eva foi à lareira, atirou o tição de lenha no fogo e correu na direção do marido.

- Deixe-me ver o ferimento - ela pediu, ajoelhando-se a seu lado e já retirando o lençol das mãos de Connal enquanto falava.

Fraco e um pouco tonto, Connal não resistiu e a deixou seguir adiante. O ferimento era profundo, e o sangue continuava jorrando. Seu corpo repararia o machucado, mas a energia consumida para fazê-lo o deixaria frágil.

- Há tanto sangue! - disse Eva.

Connal reconheceu pavor e aflição na voz da esposa. Também ele tinha medo no momento; não por si próprio, mas por ela. - Você tem de ir embora.

- O quê? - Ela ergueu o rosto e mirou-o, perplexa. - Tenho de estancar o sangramento!

- Deve sair daqui agora mesmo! - insistiu Connal, tentando empurrá-la, mas seu toque era fraco e Eva simplesmente o ignorou. - Ordeno que vá embora!

- Pode ordenar o quanto quiser, mas não o deixarei enquanto não estancar esta hemorragia - respondeu Eva com firmeza.

Surpreso, Connal a fitou, incapaz de acreditar que sua doce e adorável mulher se dirigisse a ele de modo tão petulante. A esposa não deveria obedecer o marido? Não era isso que prometia ao casar?

- Você tem de deitar - continuou Eva, pondo-se em pé para ajudá-lo.

Com os diabos, pensou Connal quando ela começou a erguê-lo com força insuspeitada. Talvez a maneira mais rápida de conseguir tirá-la dali fosse fazer o que ela mandava.

Apoiando-se na cama, Connal se ergueu com a ajuda da esposa e afinal conseguiu esticar-se no leito. Entretanto, sua esperança de que Eva fosse embora em busca de ajuda se frustrou quando ela se afastou apenas para apanhar os castiçais, trazê-los para perto da cama e acender todas as velas. Após conseguir mais luz, Eva se debruçou e tornou a examinar o ferimento.

- Não é tão ruim quanto me pareceu a princípio. A espada feriu somente a pele e a carne - disse ela, surpresa. - Mas havia tanto sangue! - acrescentou, pensativa.

- Eva - murmurou Connal, lutando contra o instinto que o consumia. O ferimento era profundo quando ela o examinara pela primeira vez, mas seu corpo já começava a cicatrizar e curar a si mesmo. O sangramento estancaria em breve, a ferida fecharia totalmente e em poucas horas não haveria marca do ocorrido. Tudo isso se devia à sua natureza, à descendência sanguínea que herdara da mãe e que o brindara com dons maravilhosos: uma vida prolongada, resistência à doença e a capacidade de se regenerar de ferimentos com rapidez. Mas estes dons miraculosos tinham um custo, e ele não queria que Eva pagasse este preço.

- Eva, você deve ir agora!

- Você é forte - comentou ela, sem dar ouvidos ao que o marido dizia, mesmo porque ele o fazia em tom fraco e sem veemência.

Connal necessitava beber sangue o quanto antes para conseguir se recuperar, e sua sede já se tornava insuportável.

- O corte não foi profundo, mas tem de ser fechado - Eva constatou, sem saber a luta interior que o consumia.

No instante seguinte, ela correu a recolher a cesta de costura no canto do quarto e a trouxe para perto da luz, e passou a procurar agulha e linha adequadas para costurar o ferimento do marido. Impotente, Connal aguardou até que Eva se sentasse na beira do leito, agora munida das coisas de que precisava.

- Poderia jurar que o ferimento está ainda menor - disse ela quando voltou a avaliar o corte, mas desta vez meneou a cabeça, como se dissesse uma tolice.

- Não será necessário fazer isso - assegurou Connal, num murmúrio impotente e tocando a mão da esposa para impedi-la de prosseguir.

- Você parece diferente... - Eva estreitou os olhos para fitá-lo.

Connal nada respondeu, consciente de que devia estar com uma aparência fraca, e de que seus olhos castanhos já deviam ter perdido o brilho, transformando-se num doentio amarelo.

- Está muito pálido! - Eva declarou, e então se calou, tentando encontrar uma explicação para o que testemunhava.

- Estou pálido porque perdi muito sangue - completou Conna], sabendo que ela se confrontava com um enigma que não conseguia compreender.

- Sim - retrucou Eva, tentando sorrir, porém sem sucesso, e fazendo Connal suspeitar que ela percebia que algo quase incontrolável o dominava. - Necessita comer e repousar para se recuperar.

- Tenho necessidade de sangue.

Connal não poderia ter sido mais claro, nem ter se expressado de modo mais simples. Eva o fitou calada por um instante, e então abaixou o olhar para o ferimento, que parecia cicatrizar no momento mesmo em que ela observava.

- Você se cura mais rapidamente que nós - disse ela por fim.

Eva também se expressara de maneira simples, e mostrava que agora compreendia o que ocorria. Mais que isso, ela passava a admitir tudo que lutara para não aceitar: os rumores, a suposta alergia ao sol do marido, a ferida que fechava em minutos. O fato de que Aileen envelhecesse com mais rapidez a confundira, mas a súbita compreensão da verdade se estampava no modo como acabara de falar: *você se cura mais rapidamente que nós*.

A frase era conclusiva, e mostrava que ele não era como ela, ao menos não totalmente como ela. Connal se acostumara a ser distinto dos homens comuns, mas ouvir aquela verdade estampada nas palavras e na face da esposa o feria mais que o golpe da espada, e para tal ferimento não havia recuperação instantânea.

- Você não tem alma? - perguntou Eva, em tom quase apático.

Connal sabia que ela tomava uma decisão interior naquele momento, uma decisão que influiria no futuro de ambos, e somente podia ter a esperança de que ela não se retraísse em horror.

- Não sou um morto-vivo, uma criatura sem alma - esclareceu Connal. - Sou apenas diferente.

- Mas não suporta a luz do sol, não é? - perguntou Eva como se já soubesse a resposta.

- Suporto o sol algum tempo, mas me torna doente e aumenta minha necessidade de sangue.

- Você mata aqueles com os quais... - ela não conseguiu terminar de dizer o que pensava.

- Me alimento? - completou Connal. - Não. Não preciso fazê-lo, da mesma maneira que não precisamos exterminar a cabra que nos alimenta com leite. Agora peço que saia

daqui, pois meu instinto me pede para beber sangue. Eu perdi sangue demais, e não serei capaz de me recuperar se não me... alimentar. Esta sede é mais forte do que posso controlar.

Eva desviou o olhar um instante, e uma expressão introspectiva se desenhou em seu rosto, como se tentasse tomar uma decisão. Afinal, ela se virou e o encarou.

- Vá em frente, meu lorde. Tome o que necessita - disse ela, oferecendo o pulso.

Connal ficou confuso com tais palavras, sentindo-se mais impotente que nunca.

Tomar o que necessito?

Ele necessitava seu sangue, mas jamais o tomaria, ao menos não daquela maneira. Como poderia enterrar os dentes no pulso da esposa e beber-lhe o sangue enquanto ela observa? Ele não suportaria que Eva o visse como um animal. Incerto, pegou em sua mão e a beijou com suavidade, tentando não fazer conta do líquido vital que corria sob a pele alva, líquido do qual ele tanto precisava.

Eva reagiu com um doce murmúrio, demonstrando que a consciência recém-adquirida sobre quem ele era não a fazia sentir asco ou horror: ela aceitava seu toque como sempre, e não se retraía. Num impulso, Connal começou a beijar-lhe o braço, criando uma trilha de fogo que a fez soltar outro murmúrio de prazer.

Num impulso, Connal ergueu o tronco, colocou a mão na nuca de Eva e a puxou devagar, até seus lábios se encontrarem. Eva reagiu com a paixão e entrega costumeiras, e então o abraçou, e os dois começaram a se beijar de modo intenso e profundo. Incapaz de se controlar, Connal passou a acariciar-lhe a perna, e em breve introduzia a mão sob o vestido e a tocava no centro de sua feminilidade, fazendo-a soltar um suspiro antes de se retrair e afastar seu braço.

- Você está ferido - disse ela. - Beba meu sangue.

Connal ficou calado um instante, mas afinal pareceu tomar uma decisão.

- Terá de me ajudar, minha esposa.

- Ajudar?

- Sim. - Connal voltou a beijá-la e prosseguiu com o toque que ela tentara recusar.

Desta vez Eva não o rejeitou, e se entregou à carícia do marido.

- Tire o roupão - pediu Connal.

Eva abriu o roupão sem parar de beijá-lo, e então afastou o rosto um momento, para acabar de se desnudar.

- Sente-se sobre mim-continuou Connal, estirando-se sobre o leito.

Surpresa, Eva hesitou um segundo, mas fez o que ele pedia, e seu corpo imediatamente reagiu com mais excitação e calor. Connal a fitava, mas cerrou os olhos quando Eva se sentou sobre ele, com os joelhos apoiados sobre o leito. Presas da mesma paixão e desejo, ela se ajustou sobre o corpo do marido, até que se tornaram um só corpo.

Dessa vez, foi Eva quem passou a se mover e aprofundar o contato. Instintivamente,

Eva inclinou o tronco de repente, e passou a beijá-lo na boca sem parar de se mover. Connal colocou as mãos na parte posterior de suas coxas, ajudando-a e incitando-a a seguir com a dança dos amantes, que agora tomava conta de ambos e se desenvolvia em movimentos cada vez mais penetrantes.

Presos numa espiral de intensidade crescente, Eva subitamente parou de beijá-lo e tomou a erguer o tronco, passando a movimentar-se com mais rapidez. Por um momento, ela lembrou do que há pouco soubera sobre a natureza do marido; mas isso lhe pareceu irrelevante, e ela se entregou com paixão redobrada, talvez porque já não existissem verdades obscuras ou não reveladas entre os dois. Ela o aceitava como ele era, e lhe daria o que ele necessitava.

E assim os amantes prosseguiram, até se aproximarem do êxtase simultâneo. Desta vez, porém, algo se passou diferente: quando Eva atingiu o clímax e chamou o nome do marido, num grito quase desesperado, ele a mordeu no pescoço, ao mesmo tempo que era tomado por uma convulsão orgástica. Eva sentiu um breve instante de dor quando os dentes do marido se enterraram como agulhas em sua carne, mas então o prazer explodiu dentro dela, num ápice tão profundo e longo como ela jamais experimentara.

Capítulo XI

- Eva salvou sua vida - disse Magaidh de modo solene.

-Sim.- Connal baixou os olhos para o vinho à sua frente. Eva salvara sua vida duas vezes: primeiro ao atacar e afugentar o intruso que invadira o quarto secreto, e depois oferecendo o próprio sangue para que ele se recuperasse. Caso não o tivesse feito, Connal não sabia ao certo se conseguiria sobreviver até o sol se esconder, para poder então sair e obter o alimento vital de que necessitava para se curar.

Perturbado, ele passou a mão entre os cabelos, num gesto agitado. Durante toda a sua vida, Connal soubera que era mais forte que a maioria dos que o cercavam. Por causa disso, ele admitia considerar a si próprio como superior. Na noite passada, porém, ele fora o fraco. Sua vida dependera de uma mortal, e tal fato o assustava.

- Eva teve sorte em não se ferir - murmurou Aileen, e então franziu a sobrancelha, como se reconsiderasse o que acabava de dizer. - Ela não está ferida, não é? Por que não desceu para jantar?

- Ela está bem - assegurou Connal, com a esperança de que realmente assim fosse. Ele não pretendia beber muito do sangue da esposa, apenas o suficiente para mantê-lo vivo até o cair da noite, quando poderia sair em busca do que necessitava. Contudo, Connal se perdera no êxtase do momento e consumira mais sangue do que pretendia a princípio.

Na verdade, ele somente parou de fazê-lo ao sentir Eva desfalecer em seus braços. A lucidez lhe voltou de repente, e ao afastar o rosto e ver a face pálida da esposa desmaiada, Connal compreendeu o quanto ela era importante. Aturdido, ele a puxara de encontro ao peito para abraçá-la com amor.

Eva lutara para conquistar um espaço no castelo MacAdie, e sem perceber terminara

conquistando um lugar no coração de Connal. Naquele momento ele compreendeu que a amava, e a consciência desse sentimento levou-o a permanecer desperto por muitas horas.

Ao acordar, quando o sol acabava de se esconder, Connal ainda a abraçava pelas costas, sentindo o corpo frágil da esposa encolhido de encontro ao seu. Eva continuava pálida, mas menos que antes, e murmurou seu nome sonolenta quando ele lhe acariciou a face. Ela estava se recuperando, pensou Connal, aliviado. Decidiu deixá-la descansando enquanto se vestia para sair com os cavaleiros.

Consciente de que estava fraco demais para se defender caso tornasse a ser atacado antes de se nutrir, Connal tranqüilizou-se ao deparar com Ewan, Donaidh, Geordan, Keddy, Domhall e Ragnall sentados na longa mesa do salão. Aqueles homens mereciam e tinham toda a sua confiança, e eles o acompanhariam na excursão noturna.

Quando retomaram ao castelo, algumas horas depois, Connal rumou direto para o quarto secreto a fim de ver a esposa. Como Eva seguisse dormindo, ele foi à cozinha pedir a Effie que preparasse uma refeição, pois comer era tão necessário quanto repousar, para que sua esposa repusesse o líquido vital que lhe oferecera. Ele mesmo levaria a refeição. Porém, enquanto esperava, Connal foi ao salão, onde as mulheres o aguardavam à mesa.

- Como será que o intruso conseguiu abrir a passagem? - indagou Magaidh depois de ele contar o que havia passado, e como Eva o salvara.

- Talvez tenha observado escondido quando eu explicava a Ewan - opinou Connal, lembrando do ruído que ouvira antes de entrar na passagem. Naquele momento, ele pensara ter ouvido o som da porta do quarto de Ewan fechando, mas agora avaliava que o ruído fora próximo demais para ter sido produzido pela porta do quarto do cunhado. Havia vários aposentos naquele longo corredor, muitos desocupados, aguardando os filhos que ele esperava ter no futuro.

- Melhor colocarmos uma sentinela no corredor - disse Magaidh com ar preocupado.

- Já destaquei dois homens para fazê-lo - assegurou Connal, consciente de que sua mãe dormia no outro quarto que se atingia pela escura passagem. E ele iria além: decidira que dois cavaleiros acompanhariam Eva o tempo todo para garantir sua segurança enquanto estivesse acordada, e dois manteriam guarda na entrada de seu aposento caso ela resolvesse descansar durante o dia.

- Meu lorde?

Connal se virou ao ouvir o chamado, e uma idéia lhe ocorreu ao deparar com Glynis trazendo a bandeja com a refeição: sua esposa havia salvado sua vida, e ele desejava presentear-lhe com algo que apreciasse.

- Glynis?

- Sim, meu senhor - respondeu a jovem ama.

- Quero presentear minha esposa com alguma coisa de seu agrado. Talvez ela tenha mencionado algo que gostaria de ter? - indagou Connal, sentindo-se culpado por não

saber ele mesmo o que a esposa gostaria de possuir.

Depois de pensar longamente, Glynis afinal recordou algo.

- A única coisa que ela mencionou que lhe faz falta é a água.

- Água? - Magaidh disse, com interesse.

- Sim. Ela contou que cresceu perto do mar e escapava para nadar quando tinha tempo, depois de terminar os afazeres. Eu falei sobre o lago aqui perto, e ela disse que gostaria de conhecê-lo algum dia.

- Não há nada mais que haja mencionado? - insistiu Connal, franzindo a sobancelha.

- Não, meu senhor - respondeu Glynis em tom de desculpas. - Nossa dama não faz questão de nada especial.

Connal meneou a cabeça, concordando que era verdade. Sua esposa dava mais valor às coisas simples da vida do que ao luxo e futilidades que muitas mulheres de sua posição social almejavam, ele pensou, enquanto tomava a bandeja das mãos da jovem ama e partia.

O toque suave da mão na face de Eva a fez despertar, e ao abrir os olhos ela deparou com Connal sentado a seu lado no leito.

- Como se sente? - ele perguntou com um sorriso que não escondia a preocupação.

- Cansada - admitiu Eva, também tentando sorrir. - Não conseguiu dormir? - perguntou ela, confusa com relação ao tempo.

- Já anoiteceu há muito - explicou Connal. - Eu trouxe algo para você comer, pois necessita se alimentar.

Connal a ajudou a se recostar contra a cabeceira da cama, e foi buscar a bandeja que depositara sobre a mesa. Eva o observou, notando que ele acendera todas as velas e o fogo da lareira. Um aroma delicioso de comida inundava o aposento, e seu estômago roncou quando Connal puxou a mesa para perto e tomou a sentar a seu lado. Faminta, ela se esforçou para lembrar a última vez que se alimentara, e de repente a memória de tudo que ocorrera lhe voltou à consciência: a falta de sono, o intruso, o ataque, a maneira como fizera amor com Connal e como oferecera o próprio sangue para o marido se recuperar.

- Você é um vampiro! - exclamou Eva de modo abrupto, e então levou a mão à boca, como para se impedir de dizer outras coisas indesejáveis.

Connal pareceu ficar tenso; uma sombra turvou seus olhos, e uma expressão estranha tomou conta de seu rosto.

Eva percebeu que ele estava apreensivo. Connal já lhe explicara que não era um ser maligno e sem alma, mas sim diferente. Ele também deixara claro que não matava aqueles com os quais saciava a sede que não podia evitar. Connal não era um assassino: continuava sendo o cavaleiro gentil e justo que ela conhecia. Além do mais, era seu marido; e ela refletiu, com grande satisfação, que preferia um marido vampiro a um marido que a tratasse mal e a agredisse fisicamente.

Eva respirou fundo, e notou que Connal estava silencioso demais, apesar de a olhar

como se algo o torturasse.

- Se deseja sair para... fazer coisas, não se preocupe, posso ficar sozinha enquanto me alimento - disse Eva com timidez, pensando que talvez Connal tivesse necessidade de saciar sua sede.

- Tenho prazer em lhe fazer companhia - ele respondeu, irritado. - Você tem de compreender que não é um peso para mim. Por Deus, você salvou minha vida duas vezes esta manhã! Será que ainda não se convenceu do valor que possui, e de que é uma pessoa especial?

- Eu... - começou Eva, mas então se calou ao sentir as lágrimas aflorando nos olhos. A veemência com que Connal falava a surpreendia tanto quanto as palavras que dizia. Sim, ela salvara sua vida atacando o invasor, mas o fato de lhe haver oferecido o sangue de que precisava para se recuperar não era tão extraordinário, pois qualquer pessoa teria feito o mesmo.

- Você é corajosa, linda e inteligente, e eu não poderia ter uma mulher melhor. Até um rei ficaria orgulhoso em tê-la como esposa! Estou feliz por ter lhe proposto o matrimônio.

- Mesmo que eu seja atrapalhada e me envolva em acidentes todo o tempo?

- Os acidentes foram consequência de sua tentativa de conquistar um lugar aqui, mas você não percebeu que isso não tinha a menor importância, pois possui um lugar que é somente seu: você é a senhora MacAdie. Minha esposa.

Eva desviou o olhar num impulso, sentindo um nó na garganta e o coração doer por alguma razão que não compreendia.

- Por que desvia o olhar? Você me odeia agora? - perguntou Connal, consternado.

- O quê? - Eva parecia perplexa.

- Agora que sabe o que eu sou? Pretende anular nosso casamento para se ver livre de mim? Vai me pedir que a leve de volta, pois preferia ser casada com um mortal?

Eva mostrou-se horrorizada ao perceber a aflição do marido, e o que lhe passava pela cabeça. Como ela seria capaz de pensar em abandonar MacAdie? Como poderia partir do único lugar onde a valorizavam e a tratavam com gentileza e respeito? A idéia de deixar Magaidh, Aileen, Ewan e os outros cavaleiros era terrível.

Como abandonar as conversas que tinha com Connal, as partidas de xadrez em frente ao fogo e os momentos de paixão e êxtase que desfrutavam juntos? Perder tudo isso seria pior que morrer, pensou ela, sentindo o coração quase estourar de dor, e compreendendo subitamente que o sentimento que nutria pelo marido era mais que afeto ou o amor obrigatório que uma esposa devesse ter pelo marido.

Ela amava Connal! Foi por esse motivo que não se importou em arriscar a própria vida para impedir que o intruso roubasse a vida dele. O amor lhe dera forças para atacar o assassino; e esse mesmo amor a impedira de agir com repulsa ao tomar conhecimento de que seu marido era de fato um vampiro. O gigantesco sentimento que lhe inundava o coração era suficiente para que ela entregasse a própria vida para salvá-lo, e a tomava capaz de aceitá-lo, fosse ele o que fosse.

- Não - disse Eva enfim. - Não pretendo anular nosso casamento. Você é meu marido.

Connal a observou por um instante, calado, sem que seus olhos perdessem o brilho intenso, profundo e torturado.

- Por que decide permanecer a meu lado agora que sabe o que sou?

Eva fez menção de responder, mas as palavras morreram em sua garganta. Ela desviou o olhar.

- Se o faz por obrigação, eu não aceitarei, Eva. Jamais suportarei que minha mulher permaneça comigo por obrigação, quando na verdade me odeia, em seu íntimo.

- Eu não o odeio. - Eva tornou a fitá-lo, e então percebeu o medo que brilhava nos olhos de Connal, e que ela conhecia tão bem: o medo de ser rejeitado. Ela passara a maior parte da vida se acreditando indesejada, e jamais permitiria que alguém sofresse por se sentir da mesma forma, muito menos o homem que amava. Eva não deixaria, nem mesmo por um segundo, Connal duvidar que era desejado. Ele tinha de saber o quanto era importante para ela. - Eu te amo - Eva disse afinal, encarando-o com devoção.

A expressão de Connal se transformou no momento em que ele ouviu tal declaração. Ele tomou a face de Eva entre as mãos e a beijou com ternura, murmurando palavras num dialeto que ela desconhecia, mas soavam como palavras de amor. Subitamente, Connal parou de beijá-la e afastou o rosto. Ainda segurando-lhe a face, olhava-a como se tentasse memorizar cada detalhe de seu rosto.

- Você me ama de verdade, Eva?

- Eu te amo, Connal MacAdie - respondeu ela, muito emocionada. - Com toda a força de meu coração.

- E eu também te amo, Eva MacAdie! - A voz de Connal estava embargada pela emoção. Ele voltou a beijá-la, como jamais a havia beijado até então; e nesse ato se entregou por inteiro.

De repente, outra vez Connal parou de beijá-la e levantou.

- Você tem de se vestir, pois vamos sair - anunciou. - Escolha seu melhor vestido.

- Aonde vamos?

- É uma surpresa. Esta é uma noite especial, e talvez a última noite quente antes que o verão se transforme em outono - ele afirmou com excitação, e caminhou para a porta. - Coma sua refeição enquanto peço a Glynis que venha encontrá-la. Ela irá ao antigo quarto buscar a roupa que você escolher.

- Encontrar-me aqui? - perguntou Eva surpresa. - Este não é um quarto secreto?

- Não é mais - disse Connal dando de ombros. - De que adianta mantê-lo secreto se o inimigo já o descobriu?

Connal abriu a porta, mas antes de sair ele parou, virou-se e então tomou a se aproximar de Eva; tomou sua face entre as mãos outra vez, e a beijou com infinita doçura.

- Eu a verei num instante - garantiu ele quando afinal afastou o rosto.

No momento seguinte, Connal partia, deixando Eva aturdida, mas com uma felicidade tão grande que mal cabia em seu coração.

- Aonde vamos? - perguntou Eva pela décima vez desde que partiram do castelo.

- Já verá - replicou Ewan, parecendo se divertir.

Depois de Glynis ajudá-la a se vestir, Eva descera ao salão principal, onde Ewan a esperava com a incumbência de levá-la até Connal. Ela seguiu o cavaleiro para fora dos muros da propriedade, onde dois cavalos os esperavam. Ewan a ajudou a montar, e no instante seguinte eles adentravam a escura floresta com rochas e árvores enormes que rodeavam o castelo.

Na verdade, a floresta parecia agora menos escura e assustadora do que ela julgara a princípio, pois o luar brilhava, iluminando tudo com uma luz prateada. Eva não hesitara em seguir o primeiro cavaleiro, mas queria saber para onde a levava, ao menos para satisfazer a curiosidade. Ewan, contudo, se recusava a responder, fazendo-a crer que era uma surpresa.

Eles enfim atingiram uma clareira à beira de um lago sereno. Refletida na água, a lua parecia prover ainda mais claridade à noite quente. Os insetos noturnos cantavam, e ao longe Eva ouviu o pio de uma coruja.

- Que lugar lindo - ela exclamou, encantada.

- Connal ficará feliz ao saber que você gostou - Ewan comentou com alegria, e fez os cavalos pararem à beira da água. - Diga-lhe que voltarei mais tarde, como pediu - avisou Ewan de repente, dando meia-volta e partindo.

- Onde está meu marido? - Eva perguntou, aflita ao se dar conta de que Ewan a deixara sozinha.

- Aqui - respondeu Connal, saindo por detrás das árvores e se aproximando com um sorriso.

Ele a alcançou sem demora, e então ergueu os braços para ajudá-la a descer da montaria. Aliviada, Eva admitiu que fora tolice pensar que Connal permitiria que a abandonassem na floresta durante a noite, pois ele destacara homens para protegê-la até mesmo dentro do castelo. Após colocá-la com suavidade no solo, ele tomou suas mãos e a beijou na face com ternura; seus olhos brilhavam de felicidade.

- Glynis me disse que você sentia falta do mar. O oceano está longe, mas pensei que gostaria de vir ao lago.

- É um local encantador! - Eva sentia uma felicidade difícil de ser expressa em palavras.

- Obrigada por me trazer aqui.

- Você é uma mulher maravilhosa, e merece o melhor tratamento possível - afirmou Connal. - Podemos nadar, se quiser.

- Oh! - ela exclamou, seduzida pela adorável sugestão. Nadar ao luar naquele lago tão lindo e calmo, acompanhada do marido, era como um sonho romântico. - Eu gostaria muito de fazê-lo - disse ela, como uma criança que não cabe em si de excitação ao se lançar a uma aventura.

Imediatamente Connal começou a desabotoar-lhe o vestido, que logo caiu sobre a relva. Por um instante Eva se sentiu embaraçada por se desnudar ao ar livre; mas afinal de contas estavam sozinhos, e a natureza que os cercava era bela demais para fazê-la se sentir incomodada por muito tempo. Depois de também tirar a roupa, Connal tomou-a pela mão e a puxou para o lago.

A água estava morna, não havia vento e o silêncio era quebrado apenas pelos piados das aves noturnas. Connal mergulhou, e ao assomar à superfície outra vez, abraçou Eva e a beijou nos lábios. Ela retribuiu o beijo suave, mas retraiu-se, num impulso automático.

- Está tímida comigo? - Connal afastou o rosto, mas passou a acariciar os cabelos que caíam molhados pelas costas dela.

- Não temos de manter a decência?-perguntou Eva, olhando ao redor.

- Não há mais ninguém aqui, só nós - assegurou Connal num murmúrio, mas então pareceu se tomar subitamente compenetrado. - Por que não me perguntou nada?

- Perguntar? Do que é que está falando, querido?

- Por que jamais me perguntou quem eu realmente era, ou como me tornei assim, e por que Aileen é diferente?

Eva fez silêncio por alguns momentos, e refletiu sobre a questão. Na verdade, tais perguntas cruzavam seus pensamentos desde que descobrira que Connal era um vampiro; mas era difícil abordar o assunto. De qualquer forma, já que ele tomara a iniciativa, Eva se sentia livre para indagar o que gostaria de saber.

- Como se tornou assim, Connal?

- Simples: eu nasci assim - respondeu Connal prontamente. - Foi a herança que minha mãe me passou. Ela provém do clã dos MacNach, que habita a Escócia há muitos séculos. A origem de nossa linha sanguínea se perdeu no tempo e já não é possível saber como tudo começou.

- Magaidh é como você?

- Minha mãe é sangue-puro, nascida de pai e mãe MacNach. Eu sou sangue-misto, pois meu pai era mortal. - E Aileen?

- Minha irmã possui sangue-misto, como eu.

- Qual sua idade? - perguntou Eva com curiosidade, lembrando que padre MacLure dissera que Connal atingira a maturidade há mais de trinta anos.

- Tenho seis anos a mais que Aileen.

A revelação de que seu marido era de fato bem mais velho que ela a surpreendeu, pois Eva já decidira que um rapaz tão lindo e vigoroso não podia ter mais de trinta anos. Isso significava que a linda e elegante Magaidh era mais idosa que ele, apesar de parecer mais jovem que Aileen, sua própria filha.

- Por que Aileen parece mais idosa que você, se também é sangue-misto?

- Os descendentes de casamentos mistos carregam alguns traços, e outros não. Nunca

se sabe qual traço permanecerá. O mesmo ocorre entre irmãos, filhos dos mesmos pais: um pode suportar o sol, o outro não; um envelhece normalmente, e o outro não. Não descobrimos por que ocorre dessa maneira, mas é um fato. O que sabemos é que quanto mais os sangue-puro se misturam casando com mortais, mais estas características vão desaparecendo. Quando um sangue-misto como eu gera filhos com uma mulher mortal, nossa linha sanguínea se torna mais fraca e difusa. É por isso que meu primo Cathal decidiu que devemos nos misturar para eliminar o que nos torna diferentes, pois os rumores sobre nós poderão acabar. Se não mudarmos... bem, isso pode significar nossa destruição. Além disso, a união entre sangues-puros, ou seja, membros da mesma família, enfraquece o clã. O casamento consanguíneo torna as mulheres estéreis e enfraquece a semente masculina, e significaria nosso desaparecimento.

- Por essa razão casou comigo?

- Sim, Eva, minha querida... E foi a decisão mais acertada que tomei na vida, pois escolhi uma esposa maravilhosa! - Ele a abraçou com força, cheio de orgulho.

- Também sou feliz que tenha me escolhido! - Eva, aliviada, cruzou os braços por trás da nuca do marido, e sentiu o corpo leve pela água que os fazia flutuar.

Connal a fitou com olhos que brilhavam tão doces como o luar que acariciava o lago, e então aproximou a face devagar e a beijou com amor e entrega. Entretanto, o beijo foi fugaz, pois ele logo afastou o rosto, e sua expressão havia se transformado.

- Alguém cavalcando sozinho se aproxima - avisou Connal.

- Não ouço nada...

- Minha audição é mais aguçada que o normal - explicou Connal. - Não há tempo para você se vestir. Recolha seu vestido e vá para trás daquele arbusto. - Ele apontou para uma grande planta na beira da clareira. - Há uma rocha ali atrás, grande o suficiente para escondê-la.

- Mas...

- Vá agora mesmo - disse ele num tom que não admitia contestação. - Não saia de lá até eu a chamar ou ir buscá-la, independentemente do que acontecer.

- Sim, mas...

- Não me questione, apenas vá! - Connal beijou-lhe a testa e a puxou para fora da água.

Capítulo XII

Sem poder contestar, Eva recolheu o vestido e correu atrás do arbusto. Colocar a roupa foi uma tarefa difícil, pois na pressa em se esconder ela havia enrolado o vestido e as mangas estavam enganchadas para dentro. Preocupada como que se passava à beira do lago, Eva afinal desistiu de lutar contra a roupa e nem pensou em se ocultar atrás da rocha. No instante seguinte Connal se aproximou, trazendo Millie pela rédea.

- Eu avisei para se esconder atrás da pedra! - disse ele ao vê-la.

- Sim, mas...

- Tome seu cavalo e vá para lá imediatamente.

Connal tomou a partir, mas a maneira como falara deixava claro que ela devia obedecer. Eva sabia que o marido se preocupava com sua segurança, motivo pelo qual trouxera Millie; caso contrário, quem chegasse saberia que ele estava acompanhado. Ela compreendia a preocupação do marido, mas decididamente não poderia deixá-lo sozinho. Sem pensar duas vezes, Eva escondeu a égua atrás da rocha e tomou a voltar para o arbusto, trazendo o vestido nas mãos, mas ajoelhando-se ainda desnuda sobre a relva e colocando a face para fora de modo a ver o que ocorria perto do lago.

Connal não tivera tempo de se vestir, somente recolhera a espada e esperava, pronto para agir se necessário. Sua figura nua, iluminada pelo luar e com a espada na mão, era formidável. Afinal um cavalo adentrou a clareira e se aproximou, e mesmo a distância Eva notou que Connal relaxava ao ver quem chegava.

- Devia ter gritado avisando que se aproximava- disse Connal quando o cavaleiro deteve a montaria. - Assim eu saberia quem era.

- Não seria o melhor a fazer - respondeu o cavaleiro. - Além do mais, eu não tinha certeza que o encontraria aqui.

Eva se tranqüilizou ao ouvir aquela voz: tratava-se de Donaidh, filho de Ewan e Aileen e um dos cavaleiros mais próximos de Connal. Aliviada, ela se ergueu, agora calma o suficiente para arrumar o vestido e enfiá-lo pela cabeça. Apesar de não observar o que se passava à beira da água, ela seguia ouvindo a conversa.

- O que aconteceu? - indagou Connal.

- Aconteceu?

- Deve ter vindo me procurar por alguma razão.

Ocupada em fechar os botões, Eva não olhava para os dois, mas escutava com atenção.

- Aconteceu algo no castelo?

- Vim encontrá-lo para conversar a respeito dos ataques que tem sofrido.

- Compreendo, Donaidh. - Deixe-me colocar a roupa antes.

Eva já terminara de se vestir, mas permaneceu escondida e tornou a espiar para ver o que acontecia. Connal havia depositado a espada no solo, e caminhara para onde sua roupa jazia sobre a relva. Ele terminava de colocar a calça, de costas para Donaidh, quando de repente o silvo de uma flecha cruzou o ar e Connal arcou o tronco, indicando que havia sido atingido.

Horrorizada e perplexa, Eva emudeceu e ficou sem ação. Observou o marido virar e olhar para o cavaleiro, que ainda montava o cavalo. Então outra flecha o atravessou, agora abaixo do ombro.

- Eu o acertarei no coração se tentar apanhar a espada - disse Donaidh.

Tornar a ouvir a voz de Donaidh fez Eva sair do estado de choque e imediatamente

começar a pensar no que fazer para ajudar o marido. Ela precisava de uma arma ou um plano, provavelmente de ambos.

- Era você o intruso que invadiu meu quarto - disse Connal, com a voz marcada pela dor.

Desesperada, Eva continuou procurando algo que pudesse usar como arma, mas ao ouvir o marido não pôde deixar de pensar que vampiros sentiam dor, embora fossem mais fortes e vivessem mais.

- Sim. - Donaidh desmontou.

- Por quê?

- Por quê? - repetiu o cavaleiro, filho de Ewan e Aileen. O rapaz não parecia nervoso nem irado, e se mostrava calmo e senhor de si.

Era incrível que alguém pudesse manter a calma após desferir duas flechadas no próprio tio, considerou Eva.

- Pensei que meus motivos fossem óbvios - continuou Donaidh. - Passei toda a vida sendo o único herdeiro MacAdie, e a linha natural para sucedê-lo na chefia do clã.

- Você almeja ser o senhor MacAdie! - exclamou Connal, compreendendo subitamente o que movia o sobrinho.

- Eu sempre quis ser o chefe de nosso clã, e sabia que mais cedo ou mais tarde herdaria esta posição. Mas você casou com a intenção expressa de gerar herdeiros, e isso mudou tudo.

Connal fitou o sobrinho, sentindo-se confuso, talvez pela dor que o torturava ou pela fraqueza que tomava conta de seu corpo, em razão do sangue que perdia.

- Eu existo há sessenta anos. Você sabe que permanecerei vivo por muito tempo e que o trono MacAdie não será ocupado por um herdeiro meu em breve. Que diferença faria eu casar e ter filhos, se o mais provável é que não deixaria o trono para algum deles ou para você?

- Com ou sem herdeiro, eu me asseguraria que você morresse - garantiu Donaidh com frieza.

- Que esperava para fazê-lo, então? - perguntou Connal, mal acreditando que a pessoa diante dele era o sobrinho que ele tantas vezes embalara.

- Além de esperar meu pai e minha mãe morrerem, pensei que seria justo deixá-lo viver uma vida tão longa quanto a dos mortais. Sempre gostei de você, tio Connal, e acabaria com sua vida depois que meus pais terminassem seus dias. Sou paciente e poderia esperar.

- Compreendo - Connal declarou com profunda amargura. - Não havia perigo para mim enquanto seus pais estivessem vivos... até Cathal convencer-me a casar.

- Você entendeu tudo. Ao retomar a MacAdie depois de visitar Cathal, você mencionou o plano de contrair matrimônio com uma mortal e gerar herdeiros para o trono. E disse também que a idéia não o agradava, mas concordava com seu primo que era necessário fazê-lo.

Connal escutou o sobrinho, lembrando ter dito que não apreciava ter uma esposa mortal, mas era inegável que Cathal tinha razão: era a maneira de perpetuar o clã. Mas ele pensava desse modo antes de Eva ganhar seu coração, e agora Connal não desejava outra coisa senão uma longa vida ao lado dela, algo que seu sobrinho não tinha intenção de permitir.

- Seu casamento ameaçou meu plano de esperar - continuou Donaidh. - A princípio, eu tinha dúvidas, não sabia ao certo o que fazer, pois era possível que seu herdeiro envelhecesse normalmente e eu pudesse seguir esperando. Afinal, como você, também eu não envelheço. Mas era possível que seu filho gerasse outros herdeiros, e cinquenta anos ou mais poderiam se passar antes de chegar minha vez de herdar o trono.

Sem contar que o filho de seu filho também geraria herdeiros; seria grande a possibilidade de isso ocorrer. Por outro lado, é possível que um herdeiro seu também não envelheça, e eu não poderia correr tal risco. Como vê, a conclusão a que se chega é lógica; não existia alternativa: tinha de matá-lo para me tomar o senhor MacAdie.

- Mas não teve destreza suficiente para atingir seu objetivo nos ataques anteriores - retrucou Connal, com os olhos fixos na espada que Donaidh desembainhara e agora empunhava. Ele gostaria de tomar a arma e ensinar uma lição ao sobrinho, mas não estava perto o suficiente; seria necessário esperar um momento mais oportuno. Mas Connal não podia esperar muito, pois os ferimentos o faziam perder sangue e em breve a fraqueza o dominaria.

O pior era saber que Eva se escondia ali perto e ele só podia ter a esperança de que ela permanecesse onde estava. Ainda que morresse, não seria justo que também sua esposa tivesse de pagar com a vida. Quem sabe neste momento ela já gerava um filho deles no ventre, o herdeiro do trono MacAdie?

- Você não crê que eu pretendia matá-lo com flechas - disse Donaidh com ironia. - Eu sei que flechas são insuficientes para acabar com sua vida.

Connal encarou o sobrinho, sabendo que ele se referia aos ataques anteriores. Connal fora atacado três vezes antes que o intruso invadisse seu quarto. Na primeira vez, ele cavalgava sozinho, quando uma flecha o acertou no estômago. Felizmente Domhall e Keddy surgiram pouco depois, retiraram a flecha e o ajudaram a encontrar sangue para se nutrir e compensar o precioso líquido que perdera. O terceiro ataque também fora com uma flecha, mas errara o alvo, acertando o cavaleiro a seu lado.

- Meu plano era enfraquecê-lo com a flecha, e só então matá-lo. Sei que é preciso queimá-lo ou decepar sua cabeça para exterminá-lo. Mas para decapitá-lo eu teria de me aproximar e revelar minha identidade, portanto não poderia falhar. Da primeira vez Domhall e Keddy chegaram antes que eu completasse o trabalho.

- Mas você cavalgava a meu lado na segunda vez que me atacaram com uma flecha - disse Connal, sem compreender o que sucedera.

- Sim... - Donaidh sorriu de modo cruel. - Não fui eu quem disparou a flecha daquela vez, e sim um fazendeiro local que caçava na floresta à noite. Foi um acidente. Lembre-se de que saímos imediatamente à procura de quem o atacara? Pois bem, eu o encontrei. O pobre homem pensou que eu o fosse matar, mas deixei-o ir embora, e prometi perdoá-lo desde que mantivesse segredo.

Se contasse a alguém, então seria executado. Para mim foi uma enorme sorte que isso tenha ocorrido, pois o fato de eu cavalgar a seu lado afastava a possibilidade de você suspeitar que era eu quem pretendia matá-lo.

- E quanto ao segundo atentado, o incêndio na cabana de caça?

- Coincidência e sorte também - explicou Donaidh, orgulhoso da própria esperteza. - Eu o vi desmontando para entrar sozinho na cabana, e sabia que não havia ninguém lá dentro; então me aproximei com o máximo cuidado por trás e o acertei na cabeça com uma pedra. Quando você desmaiou, eu o carreguei para dentro, coloquei fogo na cabana e tornei a sair. Desacordado, você seria queimado vivo, e o fogo o mataria.

Naturalmente, eu não fiquei para observar e voltei ao castelo para não levantar suspeitas. Mas sua sorte foi ainda maior que a minha: para sua felicidade, meu pai andava por perto, e ao ver a fumaça ele correu até lá, forçou a porta, querendo apagar o fogo, e o encontrou. Meu pai o salvou daquela vez, e eu precisei me esforçar muito para parecer chocada quando ele adentrou os muros do castelo trazendo você, desmaiado na garupa do cavalo.

Agora tudo fazia sentido, e Connal percebia, com amargor, que o inimigo se encontrava próximo o tempo todo, compartilhando sua mesa, amizade e confiança. O inimigo fazia parte de sua família.

- Quando chegamos com Eva, eu constatei que não era mais possível perder tempo - recomeçou Donaidh. - O fato de você - não dormir com ela no início me fez ganhar alguns dias, por não correr o risco de que plantasse a semente para gerar-lhe um herdeiro no ventre.

- Então eu consumei o casamento - retrucou Connal com frieza.

- Sim - concordou Donaidh, tomando a sorrir. - Glynis voltou para o salão certa noite, após levar vinho para vocês. Glynis gosta muito de Eva, e, receando que você estivesse furioso com ela, permaneceu escutando do lado de fora do quarto para se certificar de que nada ruim ocorria. Afinal, ela retornou com a notícia de que Eva se tornara de fato a senhora MacAdie, pois o casamento havia sido consumado. Naquela noite eu decidi não esperar mais.

- Então aguardou que eu saísse para me seguir pela passagem?

- Sim, mas não consegui abrir a porta secreta. - Donaidh pareceu irritar-se ao recordar.

- Eu juraria que havia visto como você o fizera, mas não percebi que tocava uma segunda pedra com a mão esquerda! Só aprendi quando ensinou meu pai a fazê-lo.

-E se Eva já estiver esperando um filho?-perguntou Connal, reconhecendo com desgosto que o estalido que ouvira naquela noite não era da porta do quarto de Ewan.

- Caso ela engravide, terei de matá-la. Será uma pena, pois gosto de Eva. Ela é bonita, inteligente, divertida... Devo dizer que você fez uma boa escolha. Eu mesmo não me incomodaria em me casar com ela.

-Jamais me casaria com você, nem que fosse o último homem sobre a face da terra, Donaidh MacAdie!

Surpreso, Donaidh virou a cabeça e deparou com Eva saindo por detrás do arbusto.

Com os diabos, praguejou Connal baixinho. Ele apreciava a coragem da esposa, mas Eva acabara de assinar a sentença de morte de ambos ao fazer aquilo. Impotente, Connal a fitou com uma combinação de orgulho, raiva e sentimento de derrota ao vê-la caminhar na direção deles. Apesar de tudo, era impossível deixar de admirar aquela mulher esplêndida, que parecia brilhar com ódio e fúria ao avançar com passos firmes, punhos cerrados e trazendo um galho pontudo em cada mão.

- Devia ter vergonha de trair seu próprio tio! A igreja e a lei dos homens condenam os miseráveis mesquinhos que matam para roubar riquezas ou poder! - Ela agora já se encontrava tão próxima de Donaidh que poderia tocá-lo se estirasse o braço.

Eva o encarava face a face sem demonstrar medo, sem o menor temor; e Donaidh não parecia ainda ter se recuperado do choque de vê-la aparecer e enfrentá-lo. Connal admirava sua coragem, mas os galhos que empunhava jamais seriam suficientes para colocar o cavaleiro fora de combate. Num gesto rápido e certo, contudo, Eva atacou Donaidh, mirando seus olhos, mas ele foi mais rápido e se esquivou. Ato contínuo, o rapaz agarrou seu braço e o torceu, obrigando Eva a se virar de costas. Imediatamente, ele a puxou e prendeu, colocando a espada de encontro à sua garganta.

- Tio - gritou Donaidh. - Matarei a mulher se você pegar a espada.

Enquanto o sobrinho se movia para evitar o golpe com os galhos e imobilizar Eva, Connal corria para apanhar a espada sobre a relva, mas a ameaça o obrigou a parar.

Ao fitar a esposa, Connal percebeu que ela o olhava como se pedisse desculpas por ter falhado em seu intento. Entretanto, era ele quem se culpava por tê-la trazido para fora dos muros do castelo e arriscado sua vida antes de identificar e capturar quem o tentava matar. Exasperado ao perceber que colocara em risco a vida da esposa, Connal baixou o olhar para a espada que não conseguira alcançar. Dali para a frente, só um milagre os salvaria da destruição.

- Não sabia que estava aqui, tia - disse Donaidh, pronto para rasgar a garganta de Eva.
- Na verdade, preferia que não estivesse.

- Eu preferia que você não estivesse - retrucou ela, apertando com firmeza o galho que ainda trazia na mão.

Eva não encontrara mais que pedaços de lenha para usar como arma, mas não conseguira se conter: decidiu sair de onde estava e enfrentar o sobrinho assassino. A idéia de acertá-lo nos olhos surgiu no momento em que o encarou frente a frente, pois lhe pareceu a única parte frágil do corpo do cavaleiro traidor. Eles eram homens fortes, mas de nada valia ter força se não se pudesse enxergar o alvo. Infelizmente, além de fortes os cavaleiros também eram rápidos e ele conseguira se esquivar.

Que fazer agora? Ela ainda segurava os galhos, mas seu braço direito estava imobilizado às suas costas. Presa naquela posição, e com a espada contra a garganta, apenas a parte inferior de seu braço esquerdo estava livre, e ela não conseguiria erguê-lo o suficiente para mirar nos olhos de Donaidh outra vez. Mas poderia acertá-lo na coxa, pensou. Não seria um golpe muito forte, mas ela esperava causar dor e surpreender seu algoz o suficiente para que Connal tivesse tempo de agarrar a espada.

Eva respirou fundo, ergueu o braço o mais que pôde e desferiu um golpe, tentando

enterrar a ponta do galho na coxa de Donaidh. Apesar de não feri-lo o quanto gostaria, Eva o machucou e o surpreendeu o bastante para que ele a soltasse um momento. Empurrando-o para trás, ela conseguiu se desvencilhar e dar um passo trôpego para o lado, enquanto notava, com o canto do olho, que Connal aproveitava aquele breve instante para se abaixar e pegar a espada. Infelizmente, ela não conseguiu dar um segundo passo, pois Donaidh agarrou seus cabelos e a puxou para trás.

- Vagabunda! - rugiu Donaidh, já erguendo a espada.

Ele vai me matar, pensou Eva. Porém, num impulso de defesa, ela se virou e tentou outra vez acertar-lhe os olhos, agora com as unhas, pois já não tinha os galhos nas mãos.

Eva conseguiu acertar-lhe a face, e Donaidh a empurrou, fazendo-a se desequilibrar e cair sentada para trás. Ela imediatamente colocou os cotovelos sobre o chão, tentando se erguer, mas o cavaleiro já erguia a espada para desferir um golpe que seria fatal. Eva virou a cabeça ao ouvir Connal gritar enquanto avançava com a espada na direção deles, mas era claro que não teria tempo de impedir Donaidh de desfechar o golpe que a mataria.

Neste momento, Donaidh soltou um som sufocado, arqueou o tronco e parou a espada a poucos centímetros do peito de Eva. Sem compreender o que acontecia, ela o fitou, aguardando o momento em que o metal a atingiria. O cavaleiro cambaleou para o lado, prestes a cair, e então se virou, tentando olhar para trás.

A primeira coisa que Eva percebeu foi o profundo ferimento em suas costas. Então ela viu Ewan, em pé, atrás do filho. No instante seguinte Donaidh tombava, e Ewan já erguia a espada, mirando o pescoço do rapaz. Eva cerrou os olhos para não ver o pai matar o filho, mas tomou a abri-los ao ouvir o ruído de algo rolando no chão a seu lado; horrorizada, ela viu a cabeça decepada de Donaidh sobre a relva.

No momento seguinte, Ewan já se inclinava para ajudá-la a se colocar em pé. Connal se aproximou neste instante, e a puxou para afastá-la da cena macabra. Eva acompanhou o marido com passos trôpegos até se distanciarem, e então se virou e fitou Ewan que também caminhava para perto deles e longe do cadáver do filho.

- Sinto muito - disse ela com lágrimas nos olhos ao perceber a dor na face de Ewan.

- Não havia nada mais que eu pudesse fazer - replicou o cavaleiro num tom grave, que revelava a dor e miséria que sentia. - Eu vi o que acontecia e não tive outra opção. - O pobre homem dirigiu-se a Connal. - É melhor você retirar esta flecha antes de perder mais sangue.

Connal segurou com ambas as mãos a flecha que lhe perfurava o peito, e então a puxou, soltando um grito que fez Eva tornar a pensar que os vampiros decididamente sentiam dor. Como era incapaz de alcançar a flecha nas costas, foi Ewan quem deu a volta e a puxou, deixando Eva aliviada por não ser obrigada a fazer coisa tão terrível.

Connal parecia fraco, mas ela sabia que seu corpo começaria a cicatrizar no momento em que as flechas fossem retiradas. Ao saber que seu senhor estava fora de perigo e era uma questão de tempo até que se recuperasse, Ewan deu um passo para trás e sentou no solo, amargurado.

- Que vai dizer a Aileen? - perguntou Connal, virando-se para o cunhado.
- A verdade. - O primeiro cavaleiro ergueu ligeiramente o olhar.
- Eu é que devia tê-lo matado para livrá-lo da dor de executar o próprio filho.
- Era eu quem tinha de fazê-lo, Connal. Eu o trouxe ao mundo. De alguma forma falhei ao criá-lo, e por isso ele se tornou um traidor. Portanto, ainda que doa, era justo que eu o fizesse. Não sei onde errei nem como deixei... - Ewan se calou de repente, sem terminar, pois tinha a voz embargada.
- Não fez nada de errado. Você e Aileen o criaram com amor e de forma irrepreensível. Infelizmente, os pais não podem determinar o que os filhos serão, ou como agem ao se tornarem adultos.

Ewan soltou um profundo suspiro, e então virou o rosto para fitar o cadáver caído à distância.

- Vou carregá-lo para casa e para Aileen - ele decidiu, tornando a levantar.

Embora os ferimentos não estivessem curados, Connal ajudou Ewan a erguer o corpo de Donaidh e estirá-lo sobre o cavalo. Ewan rasgou e retirou a camisa do corpo sem vida, e com ela embrulhou a cabeça decepada do filho e a prendeu à sela. Então, em silêncio, montou atrás do cadáver. Ewan dirigiu aos dois o olhar, com uma expressão amargurada no rosto, antes de incitar o cavalo a partir.

- Era eu quem devia tê-lo matado - repetiu Connal quando o primeiro cavaleiro desapareceu entre as árvores e a quietude voltou a reinar.
- Ele mesmo tinha de fazê-lo, querido. - Eva aproximou-se e tocou o braço do marido.
- É horrível um homem ter de matar o próprio filho! .
- Também é horrível um tio ter de matar o sobrinho - replicou Eva. - Foi Donaidh quem assinou a própria sentença de morte, e obrigou um de vocês dois a executá-la.
- Creio que tem razão, meu amor. - Connal mostrava enorme tristeza, condoído pelo destino que obrigara o cunhado a executar o filho. Mas suas feições se desanuviaram pouco a pouco. - Não pense que esqueci que desobedeceu minha ordem e colocou sua vida em risco! - afirmou, zangado.

Surpresa ao ver a irritação do marido, e a maneira como a recriminava, Eva também se zangou.

- Como ousa pensar que me manteria escondida, observando como o matavam sem complacência? Pensa que não tenho sangue nas veias? Posso não ser um cavaleiro vampiro, mas tenho coragem e disposição para lutar.

Connal a fitou um instante, perplexo, mas afinal meneou a cabeça e sorriu.

- Só mesmo você para me fazer rir num momento como este - disse ele afinal. - É a mulher mais teimosa que já conheci.
- Assistir ao seu assassinato sem reagir? - continuou Eva, pois ainda não superara a zanga. - Pode me dar as ordens que quiser, mas jamais as obedecerei se elas colocarem sua vida em risco. Sou sua esposa e companheira, e farei tudo que estiver a

meu alcance para ajudá-lo em caso de necessidade. Por acaso pensa que fiz um falso juramento quando casamos? - ela arrematou, colocando as mãos na cintura.

Eva ainda pretendia prosseguir falando, mas quando abriu a boca outra vez, Connal a calou com um beijo apaixonado. Tomada de surpresa, ela se retraiu um instante, mas logo se rendeu ao abraço do marido e retribuiu o beijo com a mesma paixão.

- Eu te amo, Eva!

Eva o beijou com suavidade no queixo.

- E eu também te amo, meu querido marido, e amarei até o fim de meus dias!

- A propósito, queria lhe propor algo a respeito disso... - Connal tomou-a pela cintura e a puxou em direção ao seu cavalo, que esperava atrás das árvores, no limite da clareira.

- E Millie? - perguntou Eva quando ele a ergueu com facilidade e colocou sobre a sela. - Minha égua ainda está atrás da rocha. .

- Enviarei alguém para buscá-la - assegurou Connal, montando também, tomando assento atrás dela e puxando Eva para mais perto de seu corpo antes de apanhar as rédeas. - Como eu dizia... -ele continuou após incitar o animal a partir, atravessando a clareira rumo ao castelo. - Concordei em casar com uma mulher mortal para enfraquecer minha linha sanguínea e gerar filhos normais, mas assim que meus herdeiros nascerem...

Eva recostou a cabeça contra o peito do marido, escutando os planos para o futuro com interesse e reconhecendo que gostaria de permanecer assim para sempre... e era bem possível que justamente isso a aguardasse!

FIM